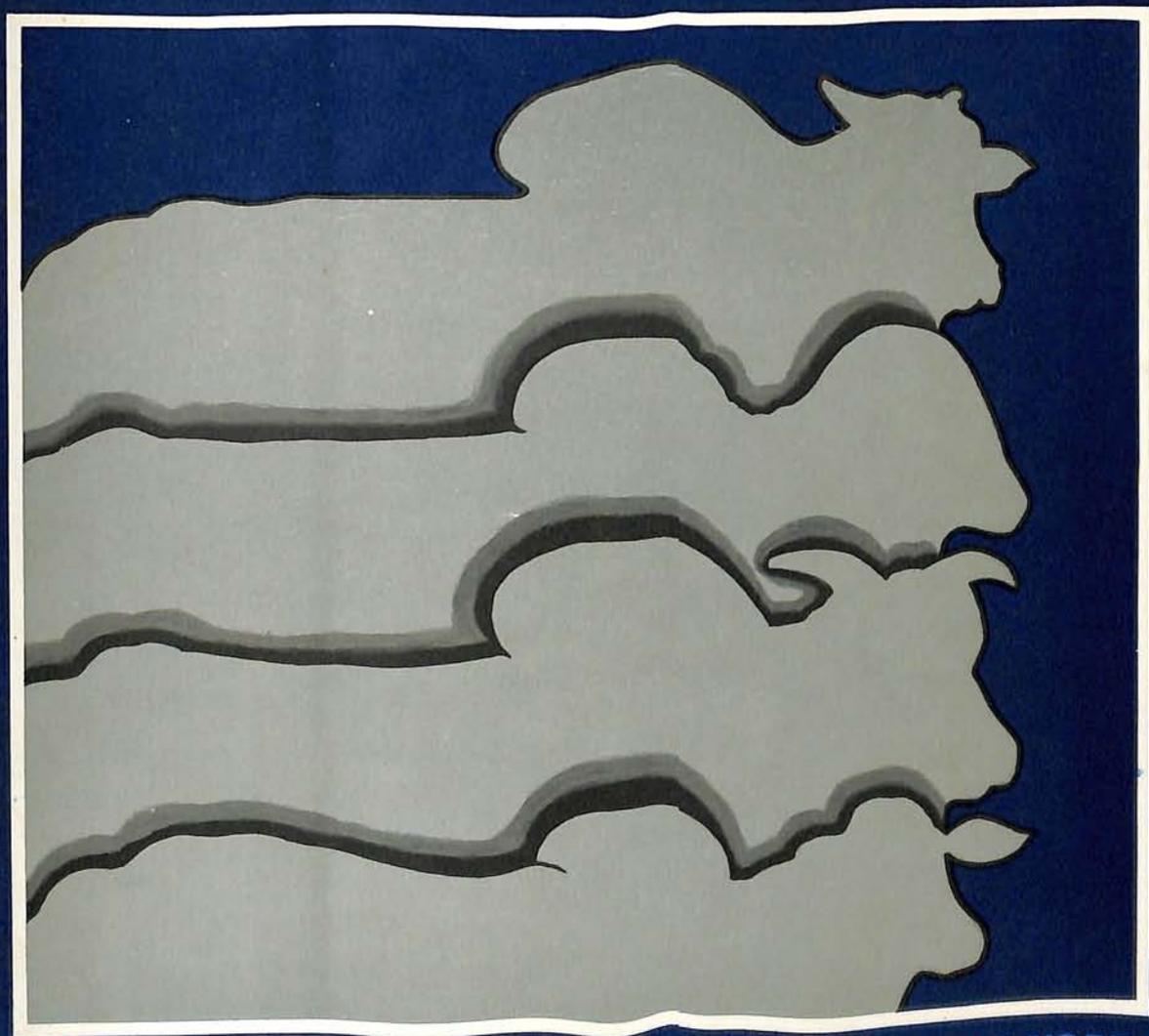


ABCZ



A POLÍTICA DE ABASTECIMENTO DE CARNE BOVINA NO BRASIL

FIPEC AUXILIA PÊSQUISA.

MÉRITO PECUÁRIO **ABCZ.**

esta marca
v. conhece bem
FAZENDA DO SABIÁ

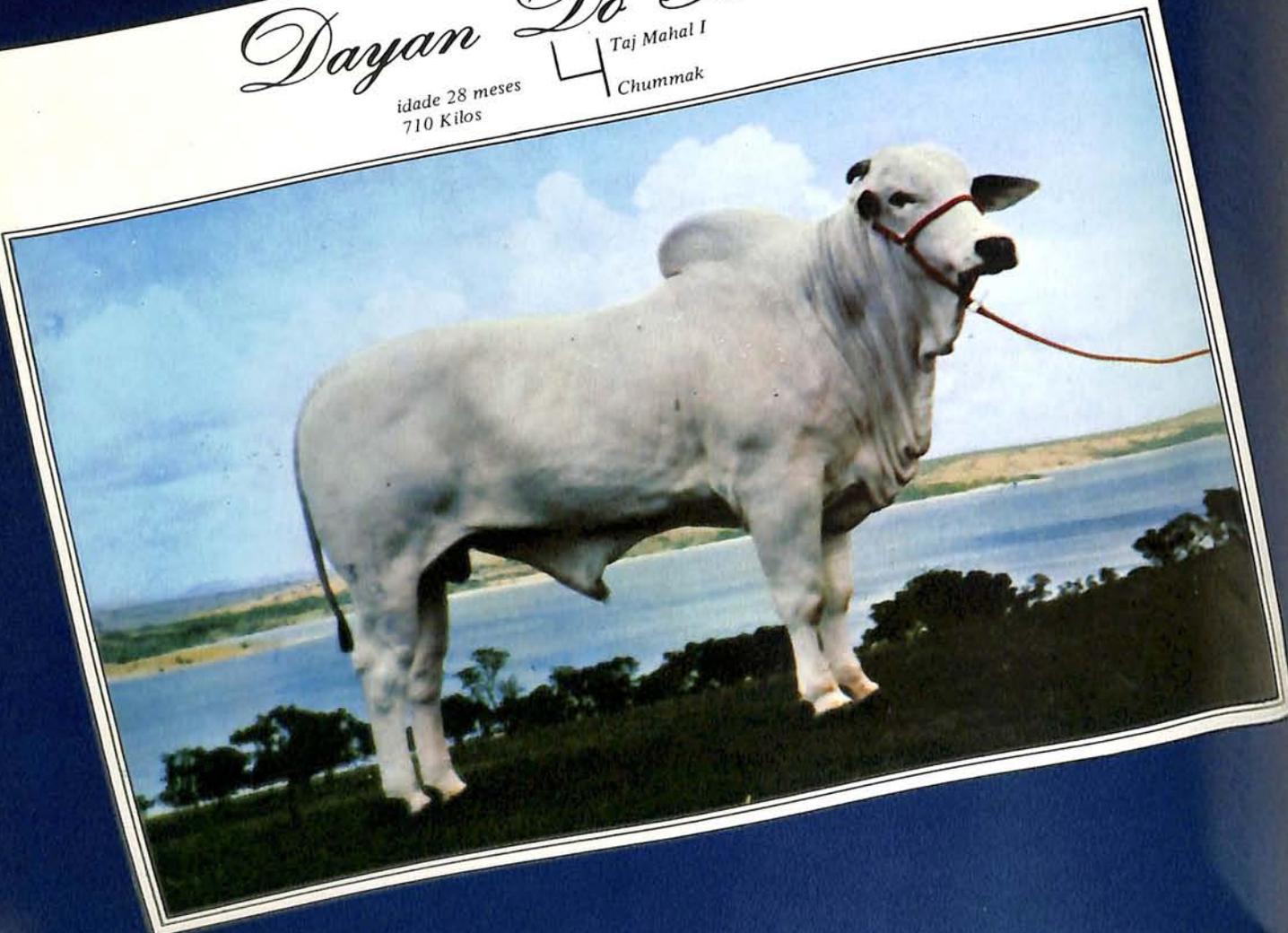


Fazendas Reunidas Mendes Jr.
Capitólio - MG.
Prop.: Alberto Laborne V. Mendes
Endereços - Belo Horizonte - MG
Av. João Pinheiro n.º 146
Fones: 226.2554 e 201.4200
Em Uberaba - Rua Alaor Prata n.º 50
Fone: 332.1849

Dayan Do Sabiá

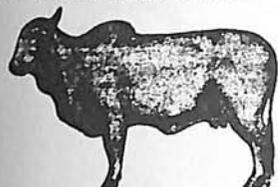
idade 28 meses
710 Kilos

4 Taj Mahal I
Chummak



7

A Política de Abastecimento de carne bovina no Brasil.



Uma análise completa da atual política governamental para o setor pecuário. A intervenção governamental no mercado de carnes, no transcurso dos anos. O processo produtivo, os fenômenos da estacionalidade. Os custos de produção, os problemas de comercialização, enfim, tudo sobre a pecuária de corte num estudo profundo e sério.

20

Mérito Pecuário ABCZ

Afrânio Machado Borges e Antônio Martins Fontoura Borges, recebem este ano, a medalha de ouro do Mérito Pecuário ABCZ. Dois grandes batalhadores das lutas desenvolvidas pelo crescimento da pecuária brasileira, estes dois pecuaristas são agora homenageados pelos seus trabalhos de muitos anos. Um pouco da história dos homenageados você poderá ficar conhecendo a partir da página



36

FIPEC auxilia pesquisa.

O Fundo de Incentivo à Pesquisa Técnico-Científica (FIPEC), órgão do Banco do Brasil, tem financiado pesquisas de diversas naturezas. Em Uberaba, em 1978 o FIPEC e a Fundação Educacional para o Desenvolvimento das Ciências Agrárias firmaram um convênio para a execução de três projetos, nos campos de pastagens, solos e reprodução animal. Aqui, nesta edição, apresentamos um breve apanhado do andamento dos trabalhos.

e mais...

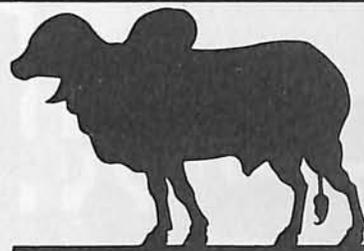
Reimplantado na ABCZ o Sistema de Microfilmagem, agora, integrado ao Centro de Processamento de Dados. A reimplantação foi possível graças a um convênio firmado entre a ABCZ e a BINAGRI - Biblioteca Nacional do Ministério da Agricultura.



Ministro do Planejamento, Delfim Neto, recebeu o presidente da ABCZ, Manoel Carlos Barbosa. O abastecimento de carne bovina no Brasil, foi tema central das conversações.



Capa
da Revista
ABCZ
de Manolo
G. Guillén



ABCZ

CONSELHO EDITORIAL

Manoel Carlos Barbosa
Manoel Eugênio P. Vidal
Rômulo K. Camargos
Cristiano Prata Rezende
Luis Fernando Rodrigues da Cunha

EDITOR RESPONSÁVEL

Carlos Roberto Silveira

DIRETOR DE ARTE

Manolo G. Guillén

ASSISTENTE DE ARTE

Valter Paiva Tomaz

DIRETOR FINANCEIRO

Eduardo Nogueira Borges

DEPARTAMENTO COMERCIAL

Reni Sakr

Marcelo B. Assunção

Roberto Miguel Vilela

DEPARTAMENTO FINANCEIRO

Jairo Ronan da Silva

RELAÇÕES PÚBLICAS

Laerte Rodrigues Borges

PUBLICIDADE

Em Uberaba: Parque Fernando Costa - Caixa Postal 71 - 38.100 - Uberaba - MG.
Fones: (034) 332-1590, 332-3900 e 332-2732
Telex (034) 3138.

Nos Estados: Escritórios Técnicos Regionais (ETRS) da ABCZ.

ASSINATURAS

Os pedidos de assinaturas devem ser encaminhados à: Revista ABCZ - Caixa Postal, 71 - 38.100 - Uberaba - MG.
Preço: Cr\$ 1200,00 (anual), somente no território nacional. Exterior: Estados Unidos, México e América Central US\$ 80,00 - América do Sul: US\$ 60,00.

Atenção: o valor correspondente ao preço da assinatura deverá ser encaminhado através de cheque nominal cruzado à Associação Brasileira dos Criadores de Zebu.

ABCZ - Revista da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu é uma publicação bimestral, dirigida no Brasil e no Exterior a pecuaristas, zootecnistas, veterinários, autoridades governamentais, lideranças ruralistas, órgãos de imprensa, fabricantes de equipamentos e insumos agropecuários, além de outros setores.

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos seus autores e não representam, necessariamente, a opinião dos editores, ou da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu. Autorizamos a reprodução, desde que citada a fonte.

FOTOLITO

POLICROM STUDIO GRÁFICO LTDA.

COMPOSIÇÃO

Artes Gráficas Formato S.A.

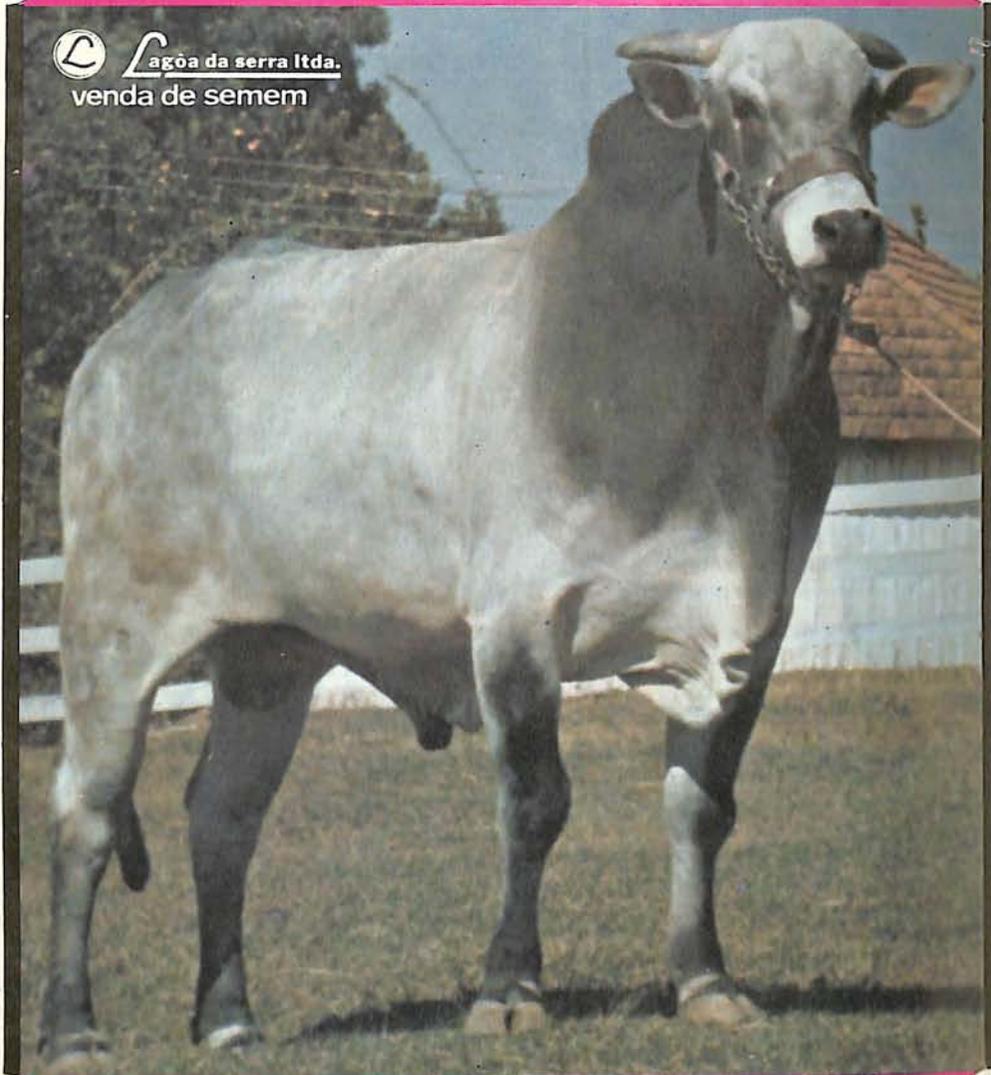
IMPRESSÃO

Minas Gráfica Editora

Bilhete do Editor
A Revista ABCZ, nº 7
apresenta mais uma
análise profunda e sé-
ria sobre o setor pecuá-
rio. "A política de abas-
tecimento de carne bovina
no Brasil" é o tema
principal desta edição, que
esperamos, agrade a todos
Carosi.

ACREDITEM!!!

 **Fazenda da Serra Ltda.**
venda de semem



aqui está ele...

O ZHUDHU P.O. DA ZEBULÂNDIA

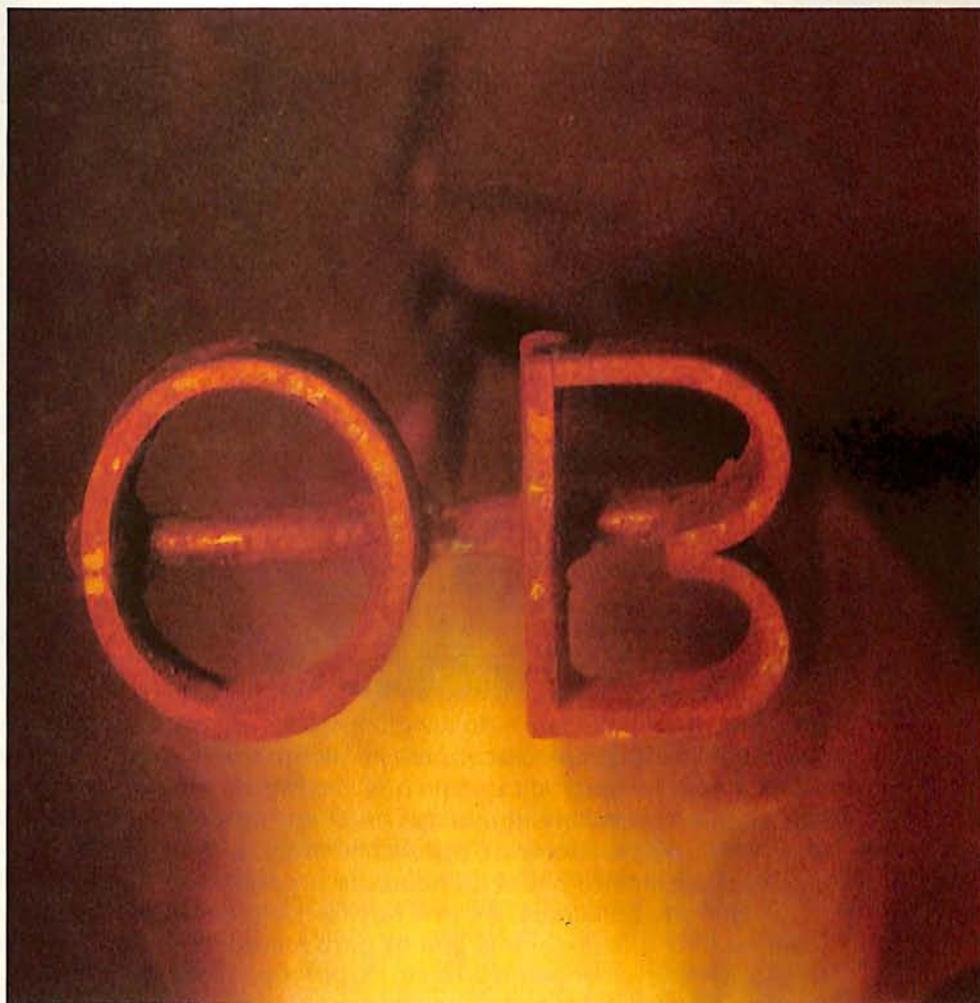
o melhor filho de EERAL

O Zhudhu P. O da Zebulândia $\left\{ \begin{array}{l} \text{Eeral} \\ \text{Deemak} \end{array} \right.$ A melhor vaca V.R.

Um animal como este realmente tinha que ser mantido sob 7 chaves. Afinal, não é todo dia que aparece um raçador de tanta qualidade. Portanto, acabou-se o segredo. Eis aqui o OZHUDU P. O da Zebulândia, para você ver e acreditar.

Prop.: Manoel Grandini Casquel
End. Fazenda Serrito - São Manoel/Piracicaba-km 17
Escritório: Av. Irmãs Cintra 704, Fone: 41.2622 - São Manoel-SP CEP 18650.

Nelore mocho de qualidade leva esta marca.



Quem entende de zebu sabe que a marca **OB** é sinônimo de nelore mocho. Ela significa o que há de melhor em nelore mocho. E isso não é de hoje. Pois o primeiro animal dessa variedade zebuína registrado no Brasil, Caburey, nasceu na Fazenda Santa Marina — o principal centro criatório da Organização Ovídio Miranda Brito. A marca **OB** é uma garantia de selecionamento aprimorado; é uma certeza de índices cada vez melhores de fertilidade, precocidade, rusticidade e capacidade de ganho em peso. Se você quer ter mais raça no seu rebanho, use produtos **OB**. Esta é a solução mais **OB**via que existe.

OB **OVIDIO MIRANDA BRITO**
FAZENDA SANTA MARINA

Rua Peixoto Gomide, 996 - 7º andar - fone: (011) 288-5477 - Telex: 011-25.627 (CCEI-BR) São Paulo - SP.
Rua Antônio Florêncio, 51 - fone: 23-4970 - Araçatuba - São Paulo.



A POLÍTICA DE ABASTECIMENTO DE CARNE BOVINA NO BRASIL

A intervenção governamental no mercado de carnes, no transcurso dos anos, foi excessivamente intermitente e, por vezes, controversa, sem um adequado entendimento das características inerentes ao processo produtivo da atividade pecuária.

Os fenômenos de estacionalidade e, principalmente, o ciclo pecuário têm respondido por uma excessiva flutuação na oferta e nos preços da carne bovina, sem que se tenha descortinado uma estratégia minimizadora de tais problemas. A ação governamental tem sido levado a efeito, ao que parece, em função de interesses imediatos da política econômica, alicerçada num horizonte temporal de curto prazo. Entende-se perfeitamente que o controle inflacionário e o equilíbrio da balança comercial se constituem nos objetivos fundamentais norteadores do esforço diuturno da Nação. Porém, é preciso também, que se dimensione com clareza suficiente, o verdadeiro papel da pecuária no contexto da problemática brasileira.

Nos anos recentes, a carne bovina, pelo caráter cíclico de sua produção, representou uma faca de dois gumes para a solução dos problemas primordiais da Nação. Na fase ascendente do ciclo de preços, a pressão sobre os índices representou uma desenfreada sangria nos orçamentos dos consumidores. O setor de produção, por sua vez, recebeu a célere lâmina da intervenção do governo: tabelamentos, confiscos, importações, etc... A subsequente reversão do ciclo oxigenou o orçamento dos consumidores (iludidos positivamente de que a carne bovina era um produto barato) e provocou profundos cortes no capital pecuário, com o envio de ventres férteis ao abate.

Para demonstrar melhor toda esta problemática e, inclusive, propor algumas soluções estamos apresentando, nesta edição, um artigo denominado: "A política de Abastecimento de Carne Bovina no Brasil", que apresenta, acima de tudo, uma série de subsídios ao Governo Federal, para a solução dos problemas de abastecimento de carne.



A POLI TICA DE ABASTECIMENTO DE CARNE BOVINA NO BRASIL

O objetivo do presente estudo é a descrição e a análise crítica da intervenção governamental no mercado de carnes. O ponto básico é que esta intervenção, no transcurso dos anos, foi excessivamente intermitente e controversa, sem um adequado entendimento das particularidades e características inerentes ao processo de produção da atividade pecuária.

A ação governamental foi preponderantemente conjuntural, de curto prazo, levada a efeito em função de interesses imediatos da política econômica, como o controle inflacionário e o equilíbrio da balança comercial do país.

Em períodos de alta das cotações da carne bovina, os recursos imediatos foram tabelamentos, confiscos e importações. Na crise de preços da pecuária, esta foi quase que deixada a remover os seus dissabores: os preços baixos reduziam a inflação, favoreciam os

consumidores (estes provisoriamente iludidos de que a carne bovina era um produto barato) e as indústrias exportadoras de carne industrializada.

Em termos analíticos, a situação recente ganha uma importância fundamental na medida em que assistimos, em 1980, a uma reviravolta no movimento dos preços do boi gordo. Houve uma reversão na trajetória altista dos preços. Em 1980, a continuidade do processo de retração na demanda e um acirramento na concorrência da produção de frangos de corte, entre outros fatores, resultaram em um decréscimo de 13,5%, em termos reais, na cotação da arroba do boi gordo em relação ao ano anterior. Por outro lado, a própria postura governamental para 1981, até o momento, não tem mostrado sinais de convicta sensibilização para com os problemas que os pecuaristas irão enfrentar nos próximos anos. Nesse sentido, cresce a necessidade de uma posição bem decisiva da ABCZ e as demais associações de produtores. Cresce,

também, a importância desse estudo analítico.

Para o alcance dos objetivos dessa análise, desenvolvemos, inicialmente, uma discussão básica em torno da conveniência da estabilização no nível de preços da economia. Essa estabilização representa um grande interesse social, pois iria de encontro tanto às aspirações dos produtores quanto dos consumidores. Este capítulo analisa o processo de formação dos preços dos produtos agropecuários, as suas flutuações sazonais (dentro de um mesmo ano, ou seja, os períodos de safra e entressafra), bem como o movimento dos preços ao longo do tempo (o ciclo pecuário). Para efeito de simplificação, havemos por bem suprimir este capítulo do presente resumo da Revista ABCZ.

Num segundo momento, o estudo analisa a fundamentação básica de um programa de estocagem reguladora. Tal análise é oportuna, pois uma das principais formas de intervenção governamental, principalmente a partir de

1974, tem sido a formação de estoques. Apresenta as vantagens e conveniências desse programa para a requerida estabilidade dos preços e define o acoplamento da estocagem aos problemas de estacionalidade e ciclo da produção pecuária.

O terceiro capítulo apresenta justamente a análise dos pontos relativos à intervenção oficial sobre o mercado pecuário em anos recentes. Entra em destaque a atuação do governo, nos aspectos de sua política de estocagem, de exportação e importação, e de abastecimento interno. O estudo detecta a inexistência de um plano coerente e estável para a pecuária na medida em que, principalmente, a evolução do preço interno se revela como a raiz das preocupações oficiais. Nessa perspectiva, a "política" de estoques reguladores (que jamais chegou a ser uma política ou um programa definido) foi uma estratégia de acordos entre o governo, os frigoríficos e os supermercados. Evidencia-se o segmento de intermediação como um oligopólio, em que os frigoríficos detêm um grande poder de formação de preços. Entre outras constatações, vê-se que o volume da dívida dos frigoríficos, diversas vezes prorrogada, foi superior ao volume de crédito aplicado, a cada ano, nos seguintes itens: custeio de rebanho de corte e misto; investimento em matrizes e reprodutores e investimento para engorda.

No plano final do estudo, objetiva-se, a partir dessas análises e constatações, alinhar alguns pontos fundamentais que o governo poderia adotar para a minimização dos problemas atuais, bem como propiciar um desenvolvimento estável e duradouro do setor pecuário.

A ESTOCAGEM REGULADORA

Os programas de estocagem reguladora constituem apenas uma entre diversas alternativas de políticas que podem ser acionadas com propósitos de estabilização de preços de mercado. Evidentemente, a eficácia de tais programas estará sempre estreitamente associada à eficiência do sistema de comercialização, basicamente a disponi-

bilidade e localização de unidades armazenadoras, além da qualidade dos serviços de transporte, bem como à existência de um sistema eficiente de informações que espelhe com pronta rapidez a situação nas diversas áreas produtoras e consumidoras do país. Portanto, o aperfeiçoamento dos sistemas de comercialização e informação agrícolas são os pressupostos básicos de uma política de estocagem reguladora bem sucedida.

Atuando apenas sobre a quantidade ofertada em qualquer instante do tempo, a intervenção reguladora do governo através da política de estoques de produtos agropecuários não constitui uma agressão às regras naturais do mercado, pois o governo assume tão somente o papel de mais um comprador ou vendedor, dependendo da situação ser de excesso de oferta ou de demanda, respectivamente. Neste sentido, a intervenção governamental via estoques reguladores, é obviamente mais saudável para o funcionamento normal do mercado do que medidas do tipo tabelamento, confiscos, quotas, contingenciamentos, etc, que por serem resultado do poder de arbítrio do governo, geralmente dispensam aviso prévio, colhendo de surpresa os setores envolvidos, não raro deixando rastros de frustrações e desânimos entre os produtores.

Evidentemente, a política de estoques reguladores deve ser bem administrada, a fim de que seus resultados se restrinjam a manter o equilíbrio entre oferta e demanda num determinado nível estável de preços, sem criar efeitos colaterais lesivos à atividade produtora. A gestão dos programas de estoques reguladores deve ser conduzida levando-se sempre em consideração a possibilidade de efeitos colaterais danosos à própria política de estabilização que se procura implementar. Para tanto, é requisito indispensável que tais programas estejam alicerçados em resultados fundamentados de análises previsoras da conjuntura agropecuária no curto e médios prazos, desenvolvidos pelos órgãos de planejamento Agrícola do governo.

A política de estoques reguladores pode admitir duas formas distintas de intervenção governamental no merca-

do. Uma forma seria a entrada do governo no mercado comprando ou vendendo, no sentido de ajustar oferta e demanda dentro de um mesmo ano, atenuando as flutuações de preços que resultam dos períodos de safra e entressafra dos produtos agropecuários. Esta é uma atuação estabilizadora não só sobre as variações estacionais de preços, como também confere uma posição mais confortável ao governo para enfrentar flutuações erráticas dos preços, decorrentes de modificações bruscas e imprevistas na oferta.

Um segundo tipo de formação de estoques reguladores é aquele em que a política estabilizadora do governo tem um caráter anti-cíclico, ou seja, os estoques são formados durante os anos que compreendem o ramo ascendente do ciclo de produção que caracteriza determinado segmento agropecuário. No período que corresponde à retração da atividade em questão, com preços em alta, os estoques são lançados no mercado. Este último caso, onde os estoques são mais propriamente denominados de estratégicos, a atuação governamental também pode ser dirigida no sentido de atenuar bruscas oscilações de preços que decorreriam de variações imprevistas na produtividade e na produção de um ano para outro.

Uma vez estabelecidos os requisitos de uma política eficaz de estoques reguladores — ausência de estrangulamento no sistema de comercialização, transparência dos mercados através da informação, planejamento bem conduzido — a compreensão de seu funcionamento torna-se particularmente simples. Como já foi dito, em épocas de safra abundante o governo assume papel de mais um comprador no mercado. Entretanto, o fato do governo não possuir, a rigor, uma restrição orçamentária à semelhança dos consumidores individuais, confere àquele papel uma capacidade incomum de influência sobre a formação de preços de determinado produto, não partilhada pelos demais compradores habituais no mercado. Assim, com preços em declínio por excesso de oferta, a atuação reguladora do governo é sempre capaz de estancar ou pelo menos moderar a tendência baixista, mantendo o preço na trajetória estabelecida pela política.

Neste nível a demanda por estoques por parte do governo torna-se perfeitamente elástica em relação ao preço do produto.

Por outro lado, durante o período de escassez, quando os preços estão em tendência de alta, o governo assume a função de mais um vendedor no mercado. Neste caso, entretanto, ocorre uma assimetria comparativamente à situação de abundância, quando é absoluta a capacidade do governo de fixar o preço ao nível desejado. Na situação de escassez, a capacidade governamental de agir sobre o preço do produto é apenas relativa, pois depende fundamentalmente da disponibilidade existente nos locais de estocagem, ou em último caso, optar-se-ia pela solução "imprópria" de importações nos casos de disponibilidade externa. Neste sentido se a situação é de aguda escassez, e se o volume estocado pelo governo é limitado, a atuação estabilizadora pode não impedir que o preço se eleve acima do nível considerado desejável pela política de estabilização, salvo a hipótese de importações que já não correspondem a uma política de estoques.



No Brasil, a política de estabilização de preços de produtos agrícolas e de gêneros alimentícios, em geral, está estreitamente vinculada ao comando maior da política econômico-financeira. A utilização do recurso da estocagem reguladora com objetivos claros de estabilização de preços, ou seja, como intervenção governamental ativa no mercado de carne bovina foi inicialmente uma prerrogativa do Sistema

Nacional de Abastecimento, cujas diretrizes eram traçadas pelo CONAB. Atualmente, a gestão é feita pela SEAP Secretaria Especial de Abastecimento e Preços.

A carne bovina é, sem dúvida, o exemplo mais destacado na formação de estoque regulador, com base na política nacional de abastecimento. A carne bovina passou a merecer atenção especial dos órgãos governamentais a partir do momento em que o produto apresentou tendência a pressionar os índices de custo de vida, nos primeiros anos desta década.

A POLÍTICA DE ESTOQUE REGULADORES DE CARNE BOVINA

Convém frisar que o estoque regulador como instrumento de política, não tem a propriedade de eliminar a tendência altista dos preços. A função reguladora do estoque é tão somente a de suavizar a ascensão do preço no mercado. Em outras palavras, trata-se de reduzir o choque representado por uma elevação abrupta do preço na en-

para abate.

2 — Na entressafra, a colocação de lotes sucessivos do estoque para o consumo da população evita a ascensão abrupta do preço no varejo.

Dessa forma, a presença do Governo permitindo a formação de um estoque de carne congelada na safra para a sua posterior comercialização na entressafra seguinte, tem o papel de reduzir o diferencial de preço observado. Acompanhando agora o mecanismo regulador da estocagem, percebe-se que o Governo, na safra, incrementa a demanda aumentando o preço no mercado. A formação de um determinado volume de estoque faz com que o preço se eleve produzindo um aumento da quantidade total abatida na safra, embora o consumo da população tenha diminuído em função do nível de preços crescentes. A formação de estoque na safra garante ao produtor um preço superior àquele que de outra forma vigoraria. Em contrapartida, a liberação do estoque na entressafra, tem o papel de suavizar a tendência altista do preço pago pelo consumidor. Ou seja, o Governo entra vendendo lotes do seu estoque, limitando assim a elevação do preço. A política de formação do estoque regulador impõe que a tendência cíclica de alta do preço se concretize menos abruptamente.

Podemos observar duas consequências muito importantes da política de estoques reguladores:

- 1.º) Essa política reduz a variação das quantidades consumidas, mês a mês, no mercado.
- 2.º) A formação do estoque, e sua posterior liberação na entressafra, aumenta a variação dos abates. O estoque regulador, embora crie maior estabilidade de preços e de consumo, desestabiliza o mercado produtor por causa da maior variação observada nos volumes de abates.

A política de estoques reguladores tem ainda algumas finalidades colaterais. Uma delas é de permitir que o Governo interfira no setor de comercialização da carne. Essa presença de controle do Governo, se torna necessária na medida em que identificamos pa-

trada de cada entressafra. Além disso, no desempenho dessa função reguladora, a formação do estoque na safra e a sua comercialização gradual na entressafra cumpre dois papéis fundamentais, a saber:

- 1 — Na safra, a liberação de recursos financeiros para a formação do estoque de carne congelada "lubrifica" o setor permitindo a aquisição de um maior número de reses

drões de comportamento pouco concorrenciais, principalmente na intermediação do produto entre o invernista e o distribuidor final. As altas taxas de rentabilidade dos frigoríficos em determinados períodos revelam que a intermediação da carne não tem sido realizada com um grau ótimo de concorrência. Em outras palavras, é fato pacífico que os frigoríficos têm capacidade de manipular tanto o mercado do boi gordo, quanto os preços finais pagos pelo consumidor. Enquanto perdurar essa situação oligopolística na intermediação do produto, se justifica também a atuação do Governo controlando a formação do estoque de carne congelada.

O controle dos estoques por parte do Governo, visa, outrossim, proteger o mercado interno das flutuações do preço internacional. Quando o mercado internacional apresenta restrições anormais à exportação do produto brasileiro, o Governo poderá absorver parte da oferta interna frustrada. Por outro lado, quando pressões de compra por parte dos importadores de carne se revelam de maneira imprevista, o Governo pode amenizar o impacto dessas pressões no mercado interno liberando parte do estoque para exportações.

Definimos como estoque ótimo o volume que maximiza a soma dos benefícios sociais apropriados tanto pelos produtores, como pelos consumidores. O parâmetro que restringe a maximização desses benefícios é o custo da melhor forma de se estabilizar a oferta de carne ao longo do ano. Em outras palavras, o custo de armazenamento da carne congelada não pode exceder o custo da manutenção do boi em pé até a entressafra. Ora, alguns estudos já demonstraram que o custo dessa segunda alternativa, em geral, não excede a 10% do preço. Assim sendo, se o estoque fosse dimensionado de forma a igualar os preços da safra com o da entressafra, estar-se-ia praticando um desestímulo à manutenção do boi em pé, cuja contrapartida seria a deterioração do benefício social global do programa de abastecimento de carne. A formação do estoque regulador, deve portanto, permitir que o preço varie de tal modo a remunerar aqueles produtores que decidam reter seus

rebanhos por mais tempo no campo, afim de oferecê-los ao abate no período de entressafra. O super-dimensionamento do estoque regulador traz um desestímulo cada vez maior à adoção das técnicas de engorda na entressafra, perpetuando o aproveitamento deficiente do capital nacional pela construção de uma capacidade excessiva de câmaras de estocagem a frio. Segue-se que o programa de estoques deve permitir, e mesmo promover, um aumento progressivo e bem dosado do preço na passagem da safra para a entressafra. No longo prazo o Governo poderá, então, eximir-se da programação da estocagem a frio retirando o subsídio para a sua formação, dando condições ao setor de mobilizar seus próprios meios e recursos na escolha da melhor forma de estocagem — da carne congelada ou do boi em pé.

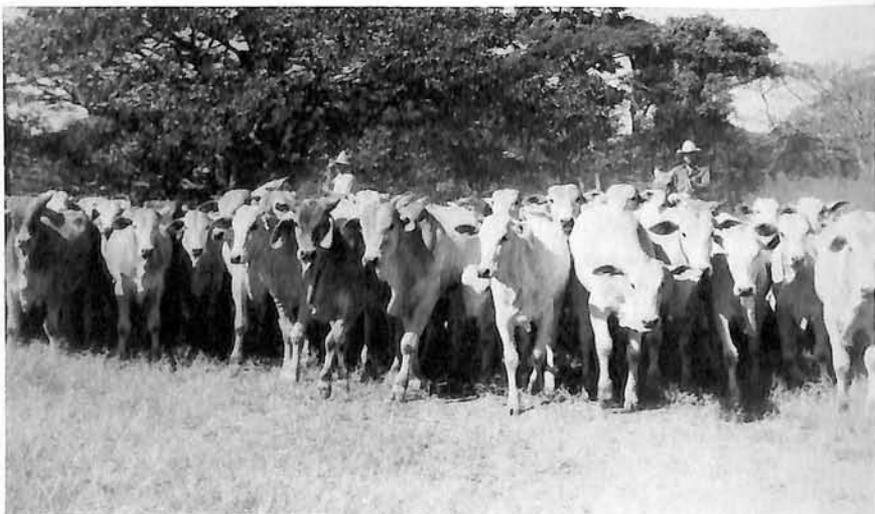
Uma vez estabelecida essa limitação básica para um programa de estoque de carne congelada, resta apresentar os motivos que qualificam a exequibilidade econômica do programa: primeiro, porque as técnicas de confinamento ainda são precárias no Brasil e a sua implantação exige um plano plurianual de investimentos; segundo, porque, na ausência dessas técnicas adequadas de confinamento, os riscos associados a esse tipo de empreendimento são muito altos, onerando os custos subjetivos dos empresários. Em vista disso, o mercado consumidor fica à mercê do setor de intermediação que sendo bastante oligopolizado, tem condições de provocar uma elevação

abrupta do preço no início da entressafra. Trata-se, portanto, de dosar convenientemente o aumento do preço da carne no mercado, diminuindo o choque provocado pela ascensão ao novo patamar de preço. No caso de se proceder a uma boa administração do estoque, ao invés de o preço sofrer um aumento repentino, ele vai galgando progressivamente sua nova posição, espalhando-se o efeito da alta entre os meses que precedem e sucedem ao início de uma entressafra.

CARNE BOVINA: MERCADO, ESTOCAGEM E ABASTECIMENTO EM ANOS RECENTES

No princípio da década de 70, face à crescente atratividade dos preços internacionais, o Brasil participou ativamente do mercado, vendendo tanto carne "in natura" como o produto industrializado. O quadro 1 revela essa maior participação brasileira. Em termos de carne fresca, refrigerada ou congelada, o faturamento em divisas subiu de pouco menos de 20 milhões de dólares FOB, no período 1964-69, para quase 170 milhões em 1972. Entre os anos considerados, a exportação do produto físico (em toneladas) sofreu um acréscimo bruto de 360%, saltando de 34 mil t, em 64-69, para 155,6 mil toneladas em 72.

No mesmo período, a evolução das vendas de carne bovina industrializada revelou, também, um grande de-



Brasil: Exportação de Carne Bovina; 1964-69/1980

Ano	Carne fresca, Refrigerada ou Congelada		Carne Industrializada	
	(t)	US\$ 1000 FOB	(t)	US\$ 1000 FOB
1964-69	34.001	19.566 (575)	11.839	9.542 (806)
1970	98.309	69.551 (707)	16.552	15.788 (954)
1971	88.741	98.706 (1112)	34.313	50.948 (1.485)
1972	155.627	169.205 (1087)	36.144	50.509 (1.397)
1973	98.530	148.547 (1508)	35.401	69.769 (1.949)
1974	19.174	29.532 (1540)	34.825	80.979 (2.325)
1975	5.333	8.530 (1599)	42.173	70.548 (1.673)
1976	11.544	16.022 (1388)	64.033	113.609 (1.774)
1977	31.246	39.561 (1266)	68.179	118.826 (1.743)
1978	9.612	17.155 (1785)	53.496	97.465 (1.822)
1979	2.695	8.041 (3024)	45.778	126.860 (2.771)
1980	5.726	18.823 (3213)	72.565	232.622 (3.285)

Fonte: Cacex e MF

QUADRO 3

Brasil: Estoques Reguladores de Carne Bovina; 1974-80

Ano	Quantidade (mil t)
1974	121 ^{1/}
1975	159
1976	209
1977	209 ^{2/}
1978	177
1979	213 ^{3/}
1980	200 ^{4/}

^{1/} Aproximadamente 58 mil t foram estocadas diretamente pelos frigoríficos, mediante financiamentos junto ao Banco do Brasil. Cerca de 28 mil foram adquiridas internamente pela COBAL e o restante decorreu de importações.

^{2/} Inclui uma parcela de cerca de 30mil t para o setor industrial.

^{3/} Este volume refere-se ao ano civil; com os recursos de 1979, o total chega a 230mil t até março de 1980.

^{4/} Inclui remanescente advindo dos recursos de 1979.

sempenho. O faturamento das indústrias do ramo subiu de 9,5 milhões de dólares FOB, em 64-69, para 50,5 milhões em 72. A quantidade exportada

elevou-se acentuadamente: de 11,8 mil toneladas para 36,1 mil, nos anos em comparação.

Conforme evidencia o gráfico 2,

QUADRO 2

Brasil: Abates de Bovinos ^{1/} sob Inspeção Federal 1974-79
(em 1000 cabeças)

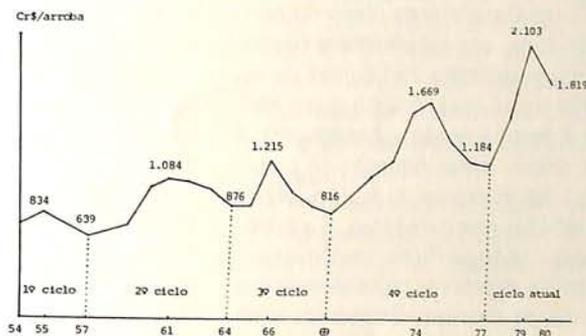
Ano	Bois	Vacas	Vitelos	Total
1974	3532 (82,2)	743 (17,3)	22 (0,5)	4297 (100)
1975	4485 (81,1)	997 (18,0)	51 (0,9)	5533 (100)
1976	5300 (71,0)	2087 (27,8)	120 (1,6)	7507 (100)
1977	5664 (67,7)	2610 (31,2)	87 (1,0)	8361 (100)
1978	5490 (74,4)	1822 (24,7)	62 (0,8)	7374 (100)
1979	5290 (78,3)	1429 (21,1)	41 (0,6)	6760 (100)

Fonte: SIPA-MA

^{1/} O número () refere-se à participação de cada categoria em relação ao total de abates de cada ano.

GRÁFICO 2.

Preços reais (1) recebidos pelos produtores de boi gordo: Estado de São Paulo - em Cr\$/arroba, equivalentes a dezembro/1980



(1) Deflacionado pelo IGP - Col. 2 de Conjuntura Econômica

Fonte: IEA (SP)



no início da década de 70 verificou-se a recuperação dos preços no mercado de bovinos. No período de euforia (70-73) os pecuaristas, motivados por preços crescentes, se inclinaram a assumir volumosos empréstimos para investimentos em gado, pastagens e benfeitorias. Em 1971, por exemplo, aumentou a demanda de créditos para investimento a taxas de juros reais. Nesse sentido, iniciou-se um grande pique de propensão a investir por parte dos pecuaristas. Concomitantemente, o reba-

no entrou em expansão acelerada. Nos dois anos seguintes perdurou a escalada dos preços, que apresentavam, desde então, uma inflexão positiva sobre o Índice Geral de Preços. O mercado externo demandador de carne (os países avançados) buscavam cadenciar os picos de preços de todos os países grandes produtores. Como se tratava de um período de euforia, o governo abriu uma série de programas de incentivos. No comportamento das autoridades governamentais estavam embutidos não só o objetivo claro de desenvolver o setor pecuário, como também uma reação positiva contrária ao aumento dos preços da carne para os consumidores. Ou seja, se havia escassez de carne, parecia justo financiar o rápido crescimento do rebanho. Por outro lado, o governo acudiu ao setor frigorífico, financiando-lhes uma elevação da expansão de capacidade.

Nesses dois anos, 1972 - 73, contudo, os investimentos entraram em faixa de rescoss significativos. Os frigoríficos projetaram e concretizaram grandes expansões. Matrizes foram retidas a qualquer custo; tradicionais invernadores tornaram-se criadores ou integrados.

O resultado menos óbvio da política de apoio aos pecuaristas e frigoríficos foi o aumento da liquidez do setor. Por outro lado, é certo que o estímulo à ampliação do rebanho gera, a custo prazo, maior retenção de matrizes e crias. Portanto, diminui a oferta e aumenta o preço da carne. E a maior liquidez dos frigoríficos, evidentemente, facilita as práticas especulativas nos períodos de escassez. Quando as autoridades sentiram que perdiam o controle da situação por volta de 72-73, sobrevieram as medidas restritivas: tabelamento rígido da carne no varejo e forte confisco cambial às exportações. O tabelamento nunca funcionou, sendo eliminado mais tarde (em 1975) devido à inversão do ciclo e consequente queda do preço de carne. O confisco, por sua vez, caiu em desuso, pela retração do mercado externo.

Conforme já referimos anteriormente, o ano de 1973 marcou um generalizado processo de elevação de preços, tanto no Brasil como no mercado mundial. A título de ilustração o qua-

dro 1 permite constatar uma acentuada alta no valor percebido pela unidade de produto exportada pelo Brasil: entre 72 e 73, em termos de receita em dólar, verificou-se uma valorização de aproximadamente 40% na cotação das carnes "in natura" e industrializada. Essa forte elevação dos preços, de imediato, deflagrou um nítido processo de retração da demanda por parte dos países importadores de economia avançada. Por conseguinte, a exportação de carne fresca, resfriada e congelada despencou para pouco mais de 5 mil toneladas em 1975.

Possivelmente, a expansão do parque industrial processador de carne foi o fator principal que impediu a queda no volume de exportação de carne industrializada. Tal volume manteve-se relativamente estável entre 1972 e 1974, para aumentar, posteriormente, quando a pecuária adentrava um novo ciclo de preços em baixa, em função da crescente disponibilidade interna de reses para abate.

Em 1974, ocorreu a referida inversão da tendência dos preços, ou seja, inverteu-se a relação de preços arroba do boi gordo/Índice Geral de Preços. Com esta queda, a propensão a investir a taxas de juros reais tornou-se extremamente pequena. Assim, surgiu uma situação em que os pecuaristas demandaram acentuadamente os créditos oferecidos pelo governo a juros subsidiados.

A fase baixista dos preços do boi gordo deveu-se a alguns fatores importantes. Em primeiro lugar, conforme as referidas projeções da Fundação João Pinheiro, o rebanho bovino nacional cresceu a uma taxa anual superior a 5% na primeira metade da década passada. Assim a oferta de carne em 75-76 foi proveniente de um rebanho numericamente maior, da diminuição das exportações (veja o quadro 1) e da oferta suplementar de fêmeas (animais abatidos além da taxa normal de recomposição do rebanho). (Quadro 2).

O programa governamental de estoques reguladores de carne bovina, em 1974, passou a ser do âmbito do Ministério da Agricultura, através do agente COBAL. No entanto, não encontramos no que se chamou de "Es-

LEILOPEC PROXÍMOS LEILÕES.

Uberaba - 7 de maio I.º Leilão Campo Verde
Promoção: Campo Verde Empreendimentos
Rurais Ltda, Newton Camargo Araujo,
Senador Rachid Saldanha Derzi.



Uberaba 9 de maio
Leilão dos
Expositores
Promoção: ABCZ



Uberaba - 10 de maio
Leilão de Equídeos
Promoção ABCZ
Santa Vitória-MG
31 de maio
I Leilão de
Gado de Corte

Uberaba - 7 de Junho
III.ª Feira de Bezerro
de Corte de MG.
Promoção

EMATER-ABCZ-SRU
Itajutaba - 21 de junho
III Feira de Bezerro de Corte
de Minas Gerais

Patrocínio - 25 de junho
III Feira de Bezerro
de Corte de M. Gerais

Unai - 11 de junho
III.ª Feira de Bezerro
de Corte de MG.
Promoção Emater MG
e Sindicato Rural
de Unai



Leilopec
Organização de Leilões e Projetos Ltda
Edifício Chapadão - sala 604
Fone: (034) 332.8641
Uberaba - MG.



tocagem COBAL" de carne bovina nenhuma preocupação nítida com um horizonte temporal de longo prazo. Ainda mais: um planejamento de estocagem que viabilizasse a redução das flutuações não somente nos aspectos da sazonalidade (ou seja, nos períodos de safra e entressafra), mas também, no que se refere a uma política anti-cíclica, através de estoques estratégicos conforme apontamos no início do capítulo II da presente análise. No período de queda real das cotações do boi gordo, em que era crescente o abate de matrizes (1975-77) o volume de carne estocada pela COBAL (veja o quadro 3) aumentou de acordo às expectativas, face à elevação da produção interna. Em 1978, o volume reduziu sensivelmente, caindo para 177 mil t. Nesse ano, os preços já estavam em nova ascensão. O grande cacife governamental para conseguir tal quantidade foi, principalmente, a dívida que os frigoríficos junto à COBAL, que foi prorrogada pela primeira vez em 1977. Estima-se que a dívida, à época de sua última prorrogação, em 1979, atingia um montante próximo a Cr\$ 3 bilhões.

As indignadas reações dos pecuaristas à prorrogação do prazo de proibição de fornecimento de carne verde a consumidores de São Paulo, Rio de

Janeiro e Brasília do dia 15/12/76 para o dia 31/12/76 vislumbrava apenas o topo do iceberg de dificuldades facilmente previsíveis para os próximos anos. Não obstante, é certo que o fato da prorrogação trouxe como corolário inevitável, um conteúdo negativo à formação dos preços praticados na safra que se avizinhava. O atraso nos abates resultou em aumento de oferta de boi gordo para 1977. Os beneficiários circunstanciais da medida foram os frigoríficos que, rotineiramente procuram rebaixar as expectativas de preço para a arroba do boi gordo. A decisão tomada por eles, ampliando o prazo de pagamento das NPR ao produtor para 45 dias, sem juros, quando a prática normal era de 30 dias, constitui exemplo do crescente poder de barganha dos frigoríficos. A partir de janeiro, os pecuaristas, com os pastos repletos de rebanhos gordos e pesados encargos financeiros, tiveram mesmo que se submeter a descontar promissórias em prazos talvez mais dilatados que 45 dias.

O estoque regulador de 1976 foi dimensionado para condições diferentes daquelas que efetivamente prevaleciam:

— a implacável concorrência movida pela carne verde, que apesar da vigência da proibição, os pequenos varejistas

persistiam em colocar no mercado, abastecidos pelos matadouros clandestinos, provocando a retração da demanda por carne congelada;

— o impacto da importação da carne uruguaia no regime de "draw-back" (50.000 t, ou seja 25% do estoque regulador de 76), resultando em menor demanda pela carne disponível no mercado interno;

— a prática do descongelamento rápido, provocando diferença de qualidade e levando ao maior consumo de carne verde. Se o preço recebido pela carne descongelada era controlado pela tabela vigente, não existia estímulo para que os frigoríficos adotassem descongelamento mais lento, que implicaria em custos mais elevados, e, portanto, preços um pouco mais altos;

— as dificuldades de identificação de escassez do produto em praças distantes dos centros de estocagem, em virtude de uma insuficiência no sistema de sinalização do mercado (ex.: praças do Nordeste) e, até mesmo, dificuldades de movimentação do estoque, como é o caso do atendimento à região Norte.

O elevado estoque de carne congelada remanescente foi um reflexo de todos esses problemas. De um volume inicial de 209 mil t ainda restavam 87 mil t em 8/11/76 que por impossibilidade de absorção pelo mercado até 31/12, devem ter acabado nos frigoríficos, a preços aviltados, para a produção de enlatados.

A parte submersa do iceberg teria sido o agravamento da perda de rentabilidade (relativa) da atividade pecuária



ria de corte, comprovada sobejamente pelo notável abate de matrizes durante todo o ano de 76.

Infelizmente não havia como esconder a realidade da descapitalização do rebanho brasileiro, a partir de 1975, tendo se agravado ainda mais a situação em 76. Mas a problemática do Brasil não era "sui generis". O mercado norte-americano apresentava uma evolução semelhante. Devido à queda dos preços da carne naquele mercado, após o pique de 1973, o rebanho declinou. Em 1975, o abate de vacas nos E.U.A. cresceu 54%, enquanto a produção de carne se expandia em 5%. Os analistas imediatamente atribuíram esse fato às dificuldades financeiras dos pecuaristas, face à queda do preço do boi gordo. Em consequência, o USDA anunciou à época, aumentos sensíveis no preço da carne ao consumidor para 1977. Aqui, enfrentou-se o mesmo problema a partir de 1978. Os primeiros indícios da alta cíclica do preço no Brasil se apresentaram na entressafra de 77.

A lição que podemos extrair da experiência norte-americana, conforme os dados de abate de vacas e de oferta de carne em 1975, revela a perigosa falácia do "pleno abastecimento". Durante períodos de descapitalização do setor, justamente pelo aumento da matança de vacas e bezerras, a oferta de carne se expande, reduzindo os preços a nível do consumidor. O mesmo fenômeno ocorreu no Brasil em 1975-76, embora incorretamente se atribua a normalidade do abastecimento interno de carne bovina ao programa de estoques reguladores do governo. Este programa, ainda que superdimensionado, cumpriu regularmente a função de estabilizar a oferta de carne ao consumidor durante o ano. Entretanto nenhum estoque regulador, por si só, será capaz de reverter, ou pelo menos minimizar as flutuações cíclicas interanuais mencionadas acima.

Na verdade a fase descendente de preços do ciclo pecuário, conduziu muitos à ilusão do "pleno abastecimento", esquecendo-se da tendência histórica ascendente. Enquanto o consumidor de carne bovina é induzido a crer que os preços permanecerão eternamente baixos (relativamente a ou-

tros alimentos proteínicos), os números do rebanho nacional foram sendo enxugados durante esta fase de baixa do ciclo pecuário.

Em relação aos estoques reguladores de 1977, merece particular atenção os seguintes fatos:

- 1) o crescente ônus decorrente da formação dos estoques num período de contenção de gastos da União;
- 2) a crescente interdependência entre o estoque regulador e as possibilidades de maiores exportações no futuro próximo.

As taxas de crescimento do estoque regulador foram exageradamente superiores ao crescimento da demanda de entressafra, gerando desequilíbrios perigosos ao fluxo de caixa dos pecuaristas, e desestimulando os necessários investimentos de manutenção do boi em pé durante os meses secos do ano. Aquela época seria propícia a adoção de algumas medidas como:

- a) uma maior convivência entre a carne verde e a carne descongelada na entressafra, mesmo no Rio, São Paulo e Brasília, sobejamente comprovada pela prática tanto nos mercados em que essa convivência é legal, quanto nos mercados teoricamente excluídos;
- b) preços estimulantes à formação de estoques com carne desossada evitando a frigorificação onerosa de osso e gorda;
- c) incentivo à industrialização de carnes estocáveis a temperatura ambiente (ex: corned beef).

Além do mercado interno, a outra (e oportuna) saída para a formação dos estoques foi o recurso ao mercado externo. O governo optou pela liberação das importações ao frigoríficos quando percebeu que estava extremamente difícil a realização de um acordo de preços com estes, face aos crescentes preços pagos ao produtor nacional. Com o recuo do nível das exportações, a partir de 78, o dinheiro aplicado na "Estocagem COBAL" veio, de certa forma, reduzir os problemas de liquidez que os frigoríficos enfrentavam face aos investimentos realizados anteriormente para uma maior penetração no mercado externo. O montante da dívida dos frigoríficos, cujo resgate foi várias vezes prorrogado, foi superior ao volume de crédito aplica-

do, a cada ano, nos seguintes itens: custeio de rebanho de carne e rebanho misto, investimento em matrizes e reprodutores com aptidão à produção de carne e investimento para atividade de engorda.

Pode-se dizer que o programa de estoques reguladores funcionou, basicamente, a partir de acordos de preços. Ao governo interessava pouca pressão sobre os índices inflacionários, onde a carne tem uma participação bastante razoável. Optou-se pelo abastecimento dos maiores centros urbanos através das redes de supermercados. Estima-se que mais de 80% do volume dos estoques eram desovados nas regiões metropolitanas de São Paulo e do Rio de Janeiro. Como se vê, a base do esquema da COBAL era constituída pelos frigoríficos e os supermercados. A carne adquirida mediante um preço de referência chegaria aos consumidores, na entressafra, sem a elevação natural de preços que ocorre no período. Os frigoríficos estariam perdendo a oportunidade de ter incrementada a sua parcela de lucro resultante do diferencial



FAZENDA ANGELUS
tem o melhor zebu.

Béla de Thuronyi

PARANAÍ:
FONE: 22-0337
CX. POSTAL, 184

RIO DE JANEIRO:
R. TONELEROS, 180
FONE: 2558174 APT. 1003

de preços existente entre a safra e entressafra. Mas o financiamento e o re-escalamento da dívida eram, no mínimo, interessantes. Para a composição dos estoques o governo estabelecia um preço referência de aquisição, que era utilizado para a concretização do acordo com a rede de frigoríficos. Durante o período de safra, nos anos 75 e 76, o quadro 4 revela uma grande aderência do preço de compra para os estoques em relação ao desenvolvimento dos preços de mercado. Em 1977, já se evidencia um processo de deslocamento do preço de referência, principalmente nos meses finais da safra (julho, no exemplo utilizado). Mas, em 1978 é que o diferencial entre os preços comparados se eleva substancialmente. As cotações do boi gordo nos meses de janeiro e julho foram superiores em 19% e 60%, respectivamente, ao preço de referência do governo federal.

Na verdade, percebe-se que a fixação do preço referência, em 1978, não levou em consideração o refluxo do ciclo pecuário de preços, cuja reversão se efetivou a partir da entressafra do ano precedente. Assim, houve um desconhecimento da componente cíclica dos preços da carne. Mesmo com a fixação de um preço extremamente baixo (Cr\$ 225/arroba) as autoridades governamentais objetivaram compor estoques da ordem de 200 mil t. Acreditava-se, por outro lado, que as desovas de tais estoques seriam suficientes para interromper o movimento altista dos preços iniciado há um ano antes. No entanto, a cotação do boi gordo (no estado de São Paulo) evoluiu de uma fase de relativa estabilidade no decorrer da entressafra (entre julho e dezembro) de 76, para alcançar uma valorização excepcional no mesmo período considerado dos dois anos subsequentes (41% e 53%, respectivamente, em 77 e 78). Posteriormente em função do ajuste do rebanho e de uma forte retração do consumo varejista verificou-se um menor ritmo de crescimento dos preços: entre os meses extremos da entressafra de 1979 a valorização foi de cerca de 20%.

No mercado de carne bovina, um aspecto bastante interessante diz respeito a produção de carne congelada

vai-à-vis a estocagem reguladora. Supõe-se como passível de estocar a carne excedente (em relação ao consumo normal) produzida na safra pela concentração sazonal dos abates. Essa produção cresceu em 74% entre os anos 74 e 75; ampliou-se ainda mais no ano seguinte, com a maior produção de carne decorrente da descapitalização do rebanho. Com a retomada altista posterior, a produção de carne congelada entrou em declínio. A conclusão superveniente a partir do quadro 5 é que o mercado sempre tinha disponível um maior volume de carne do que os estoques sob controle da COBAL. Não obstante, nem toda carne congelada era passível de acordo entre frigoríficos e governo.

Esgotada a possibilidade de abastecer regularmente o mercado a partir da produção interna a preços compatíveis com o interesse político de reduzir o impacto inflacionário, o país voltou-se à importação. O quadro 6 aponta um expressivo crescimento das compras externas em 1978-79. Nesses anos foram adquiridas ao Uruguai e à Argentina, respectivamente 112,6 e 110,5 mil t. Anteriormente, o país importava com predomínio do regime de "draw-back", na medida em que as indústrias continuavam a participar ativamente do mercado externo de carne

industrializada. Mas o crescimento das cotações internacionais, de certa forma, desincentivou um maior recurso às importações. Em 1978, o Brasil comprou carne a um preço de US\$ 800/t; no ano seguinte, o preço médio elevou-se a quase 1350 dólares por tonelada.

A principal causa da estabilidade das cotações da carne bovina na safra de 1980 decorreu da incompatibilidade entre o nível alcançado pelos preços do produto e o poder aquisitivo do consumidor. Na verdade, a resposta do consumo às condições adversas de preços referido ano. Pesquisas diretas da imprensa e de agências especializadas constataram que a retração da demanda de carne bovina já ocorria no primeiro semestre de 1979.

Em termos nominais, os preços médios de atacado das carnes de primeira e segunda qualidades evoluíram diferentemente na região Centro-Sul. No período janeiro a novembro de 1979, enquanto as cotações do traseiro se elevaram em 83,7%, a carne de dianteiro sofreu um incremento de preços da ordem de 108,3%, em razão do aumento de sua procura motivado pelo seu menor preço unitário de comercialização.

No período em questão, o Índice Geral de Preços (coluna 2) experimentou uma elevação de 59,4%; bem infe-

QUADRO 4

Brasil: Preços de Referência para Aquisição de Estoques de Carne Bovina e Preços Recebidos pelos Produtores do Estado de São Paulo durante o período de safra; 1975/78 (em Cr\$/arroba)

Ano	Preço de Referência	Preços de Mercado		
		Janeiro	Maio	Julho
1975	115	116	109	107
1976	132	132	134	136
1977	165	161	170	180
1978	225	267	279	361

Fonte: COBAL e IEA (SP)

CHAVE DE OURO NETO



Francisco Ferreira Maia
(Chiquito Maia)

Fazenda Santa Cecília

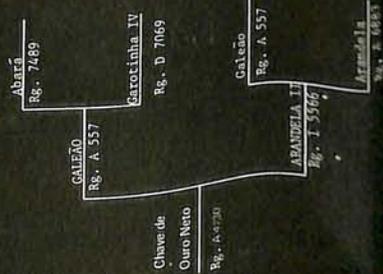
43 anos de seleção

Rodovia Volta Grande - km 31

Fones da Fazenda 333.3737 e

332.7735.

A Marca traduz.
Raça-Peso e leite.



A poucos quilômetros de Uberaba você vai encontrar
Raça, Peso e Leite, comprando produtos da Marca

Vendas de sêmen do raçador Chave de Ouro Neto, na AGROPEC Ltda,
Escritório Rua Major Eustáquio n.º 6 - sala 609 fone 034.332.5322



Campeão Bezerro em Belo Horizonte - 79
Campeão Bezerro em Barretos SP - 80
Campeão Bezerro em Uberaba - 80

GALEÃO.
FILHO DO GRANDE RAÇADOR "CHAVE DE OURO NETO" com 20 meses - 625 kg.

QUADRO 5

Brasil: Produção de Carne Congelada; 1974-79

Ano	Quantidade (t)	Variação (%)
1974	165. 591	-
1975	216. 105	+ 30,5
1976	376. 110	+ 74,0
1977	399. 337	- 30,7
1978	335. 041	- 16,1
1979	321. 020	- 4,2

Fonte: COBAL

rior, portanto, ao aumento dos preços da carne bovina.

Mas o movimento acentuadamente altista dos preços acabou por refrear a demanda pelo produto. A título de ilustração, compara-se, a seguir, o movimento recente dos preços do boi gordo com o ciclo pecuário anterior, que compreende o período 1969/1977, em que a fase crescente de preços atingiu o seu ápice em 1974. Entre janeiro e dezembro de 1973, verificou-se um acréscimo de preços reais da ordem de 40%. Já no mesmo período de 1974, os preços reais do boi gordo mantiveram-se relativamente constantes. Por seu turno, o ciclo atual de preços revelou em 1978, entre janeiro e dezembro, um ganho real de 41%, num comportamento semelhante ao do ano de 1973. No entanto, a fase de preços crescentes prolongou-se em 1979, quando se verificou uma elevação de 16%, já descontada a inflação.

A continuidade da escalada dos preços da carne bovina em 1979 foi o estopim que deflagrou o processo de retração do consumo desse alimento.

A análise do poder de compra dos salários fornece elementos que consubstanciam a referida queda no consumo. Entre 1974 e 1979 (anos de preços médios mais elevados, nos dois últimos ciclos pecuários), a relação salário mínimo/arroba do boi gordo baixou de 3,7 para 2,9, numa redução de 22%. Entre 1977 (ano de preços mais baixos e início do ciclo pecuário atual) e 1979, a queda do poder de compra salarial foi mais acentuada: a referida relação, que em 1977 era 5,3, reduziu-se em 45%. Ressalte-se, ainda, que a demanda no começo da década passada foi reforçada pelo mercado externo (conforme já analisamos), contribuindo para aquecer, ainda mais, o nível dos preços internos. Já nos últimos anos, a notória redução da produção de carne bovina, acoplada ao crescimento populacional, resultou em um acentuado descompasso no balanço oferta/demanda, criando condições para o expressivo movimento altista dos preços.

A análise do poder de compra salarial pode ser vista de forma completa

a partir do Quadro 7. Os dados permitem constatar, em São Paulo, a expressiva queda verificada, principalmente a partir de 1977, na quantidade de carnes que o salário mínimo médio consegue adquirir. Em termos de carne bovina, a redução foi de 47,0 kg em 1977 para 28,7 kg em 1979, ou seja, redução de 39%. Para as carnes alternativas ou substitutas a queda foi bem menor: 19% e 10%, respectivamente, para os produtos avícola e suínfcola.

O impacto da alta dos preços do mercado de bovinos sobre o consumo per capita da população pode ser perfeitamente entendido e resumido mediante a análise do Quadro 8. Os números espelhados no referido quadro resultam da tentativa de aproximação à realidade do consumo de carnes no Brasil. Assim, computou-se positivamente a quantidade de carne importada, enquanto foi excluído o volume que se destinou ao mercado externo. Para efeito de quantificação total do consumo interno, mediante a utilização de coeficientes técnicos apropriados, converteu-se o produto exportado sob a forma industrializada na correspondente tonelagem "in natura". Dessa forma, o consumo per capita de carne bovina, em 1980, foi de apenas de 16,3 kg, traduzindo uma queda de 9,4% em relação ao ano anterior. Entre 1978 e 1980, verificou-se uma retração substancial no referido consumo: cerca de 20%. Tal retração foi o principal fator de declínio das cotações no mercado de bovinos de corte.

Pelo lado dos pecuaristas, os efeitos da retração do consumo foram fortes em 1980, frustrando as expectativas de preços reais crescentes nos dois anos seguintes. O alto nível de preços praticados e a resultante retração da demanda levaram as cotações a nivelarem-se num patamar abaixo do até então vigente: queda de 13,5%, em termos reais, entre 1979 e 1980.

Mesmo com a alta dos preços o movimento de boicote à carne bovina que se verificou no passado seria bem questionável, se trata de um alimento proteínico essencial, de substituição problemática em termos quantitativos. A maior demanda por animais de ciclo menor, como frango e suínos, foi a consequência natural desse movimen-

churrascaria



BOM PALADAR TEM NOME...

CONFORTO...



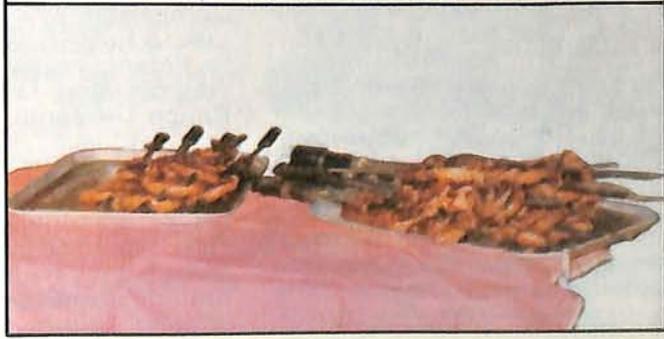
ESPECIALIDADE...



ATENDIMENTO...



E QUALIDADE.



DE

José Teófilo de Miranda

AV. LEOPOLDINO DE OLIVEIRA, 9-FONE:332 54 20-UBERABA-MG.

MÉRITO PECUÁRIO

ABCZ

Mais uma vez, a ABCZ entrega seu Mérito Pecuário, desta vez homenageando Antônio Martins Fontoura Borges e Afrânio Machado Borges. Os dois, criadores. Os dois, com uma ampla folha de serviços prestados ao desenvolvimento da pecuária zebuína no Brasil. Ambos com participação no grupo que fundou a antiga Sociedade Rural do Triângulo Mineiro, que acabou dando origem à ABCZ. Mas essa identidade de propósitos provém de dois temperamentos diferentes. Um, reservado, tímido, mas ao mesmo tempo grande empreendedor - Antônio Martins, o popular "Toniquinho Martins". Outro, o "Tio Afrânio", sempre disposto a prestar um auxílio, a orientar os mais jovens, fazendo de seu relacionamento com as pessoas aquele tempero que torna o dia a dia mais agradável.

A Revista ABCZ traz, nesta edição, uma breve resenha do trabalho realizado por esses dois criadores, que segundo Laerte Rodrigues Borges "escrevem a verdadeira história da pecuária brasileira". Um resumo que, esperamos, possa servir de incentivo e exemplo àqueles que, hoje e no futuro, continuarão a batalhar pela crescente expansão quantitativa e técnica de nossa pecuária.

A DECISÃO: ENGENHARIA, OU PECUÁRIA?

A carreira de "Toniquinho" Martins na agropecuária começou em 1919. Nessa época, com vinte e um anos, "Toniquinho" era primeiranista de Engenharia na Escola Politécnica, em São Paulo. No entanto, a gripe espanhola grassava à solta pela cidade, o que obrigou a escola a fechar suas portas antes dos exames finais. O futuro engenheiro, dessa forma, retornou a Conquista, onde residiam seus pais e acabou por não prestar os exames que lhe garantiriam o prosseguimento dos estudos.

Mas, se a engenharia perdeu um bom profissional, a pecuária ganhou um criador dedicado: "Toniquinho" arregaçou as mangas e partiu para o trabalho, a partir de um rebanho iniciado por seu pai, Tônico Borges, que foi dividido entre ele e seu irmão, o saudoso Alberto Martins Fontoura Borges.

Assim começou o desenvolvimento do gado que acabou por servir de base para todo bom indubrasil hoje existente no Nordeste e em outras regiões do país.

A DIVERSIFICAÇÃO DE ATIVIDADES

O trabalho começara. Mas o

espírito empreendedor de "Toniquinho Martins" não se satisfaz com uma única atividade. E as realizações foram se sucedendo: na década de vinte, sua participação na Casa Bancária Borges & Fontoura, em Conquista e, mais tarde, com agência em São Paulo; em 1928, a Companhia Fabril do Triângulo Mineiro - hoje Companhia Têxtil "Triângulo Mineiro"; a fundação do Banco Nacional de Comércio e Produção, depois vendido ao Banco da Lavouara (hoje Real), que cobria com sua rede de agências todos os centros importantes da pecuária em Minas, São Paulo, Mato Grosso, Paraná, Goiás e Rio de Janeiro; a participação na fundação da Companhia Cinematográfica São Luiz, a fundação da Igesa, Crédito, Financiamento e Investimento - depois vendida para o grupo do Banco Mercantil.

Tudo isso, sem descuidar da pecuária. Tanto que, após a fundação da EMIL, Empresa Mercantil S.A., fez seguir para a Índia, em 1951, Pedro Cruvinel Borges. Essa viagem tinha por objetivo o estudo de condições para importação de zebuínos daquele país. Como resultado, uma vitória: depois de mais de trinta anos do término da primeira fase de importações, a pecuária nacional recolheu um novo lote de zebuínos indianos.

COMEÇA A ABCZ

Na década de trinta, a pecuária nacional - mais especificamente a raça zebuína - carecia de uma entidade, uma frente de trabalho que reunisse os criadores em prol de interesse comum: a organização e proteção do zebu. Nessa época, a criação do gado indiano já se desenvolvia. Era necessário fixar normas, critérios de seleção e, mais do que nunca, desenvolver novas técnicas que permitissem o aprimoramento do zebu. Nascia, então, em 1934, a Sociedade Rural do Triângulo Mineiro - hoje ABCZ.

Toniquinho Martins não poderia deixar de participar de sua fundação. E mais: além de por muitos anos pertencer à diretoria da entidade, foi durante cerca de duas décadas procurador da Rural no Rio de Janeiro - nessa época, 1945, teve início uma nova dinâmica no desenvolvimento do rebanho zebuino carioca, trabalho em que Antônio Martins teve importante participação, dando grande impulso à pecuária seletiva naquele estado.

NO NORDESTE, A GRANDE ARRANCADA

A preocupação de Toniquinho Martins com a seleção de gado não é nova. Podemos, inclusi-



Antonio Martins Fontoura Borges

ve, dizer que é a mola mestra de todo o seu trabalho como criador. A ponto de fazer história, já que liderou os trabalhos para o reconhecimento do Indubrasil como raça, e não apenas tipo. Como se isso já não bastasse, foi rasgar novas fronteiras, levando o indubrasil para o Nordeste brasileiro, numa cruzada que certamente deu fruto.

Assim, nesse esforço, como em todo o trabalho de Antônio Martins, percebe-se a iniciativa, a luta, a coragem de assumir a responsabilidade pelas batalhas que trava, pelas idéias que defende, pelo trabalho que executa. Uma fibra que não é de todos, apenas daqueles que têm o seu olhar no alto, porque é lá que estão seus ideais.

TIO AFRÂNIO, O PREFEITO DO PARQUE

Em meio a uma centena de

troféus, homenagens, fotos familiares junto a políticos de renome, - como Getúlio Vargas e Fernando Costa - vive a simpática figura de "Tio Afrânio". Vive? É apenas maneira de dizer, pois é mais fácil encontrá-lo tratando dos mais diferentes assuntos - embora a maior parte deles seja estreitamente ligada à pecuária nacional.

E não poderia ser de outra forma, já que há cerca de um século sua família participa da história do Zebu, a partir da aquisição dos primeiros animais - que vieram do Estado do Rio de Janeiro - e, depois, com a importação de gado indiano e permanente seleção do rebanho, que na década de 50 resultou no "Chave de Ouro", o maior raçador Gir do Brasil.

Esse foi um trabalho desenvolvido principalmente por seu saudoso pai que, antes de morrer, deixou aos filhos uma carta, explicando que muito havia, ainda a ser feito pelo

Zebu; o trabalho deveria prosseguir. Pois esse trabalho realmente prosseguiu, e nele, o Tio Afrânio tem um capítulo à parte. Pela sua dedicação, pela sua pertinácia na disseminação das raças zebuínas pelo Brasil, um trabalho que teve seu início há muitos anos, antes até da formação da Sociedade Rural do Triângulo Mineiro - que, aliás, nasceu em casa de um tio seu - Joaquim Machado Borges.

NA "RURAL" O COMEÇO DA LUTA

Como um dos fundadores da Rural, Tio Afrânio começou a divulgar o zebu por esse Brasil a fora, principalmente ajudando a organizar diversas exposições. Era - como ainda é - trabalho duro, principalmente pela falta de experiência dos iniciantes, o que acarretava uma carga ainda maior de responsabilidade para Tio Afrânio e outros companheiros, como Domingos Alves Gomes. Mas, se as dificuldades eram muitas, a disposição era maior ainda. Além de, em muitos casos, financiar de seu próprio bolso suas viagens para distantes regiões, Tio Afrânio fazia questão de tudo explicar, tudo orientar, aconselhando os jovens, dialogando com os criadores mais experientes, incentivando em tudo e sempre, quaisquer atividades que beneficiassem a pecuária brasileira.

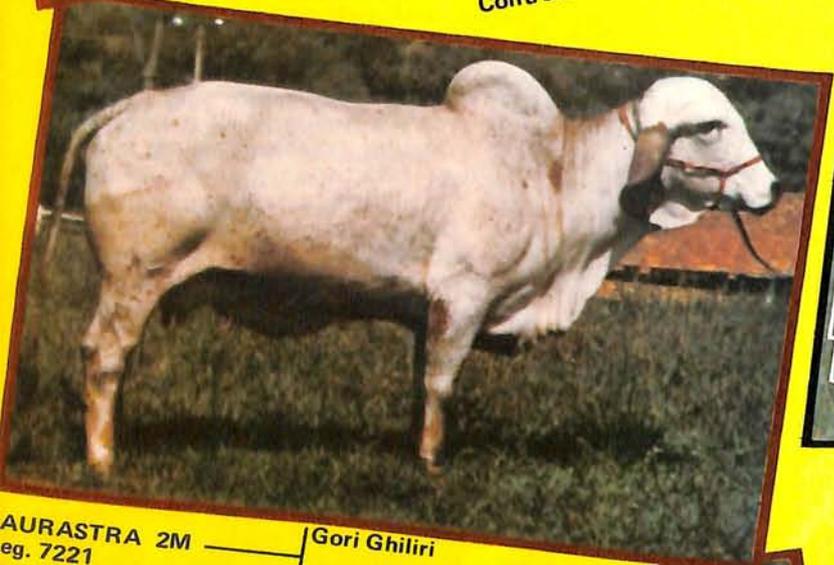
Daí a série de homenagens onde Tio Afrânio é mencionado como "incentivador número um e pai" de diversas exposições brasileiras. Homenagens mais que merecidas, já que, segundo Manoel Eugênio Prata Vidal, diretor da ABCZ e antigo companheiro de Tio Afrânio, "ele organiza uma exposição como se fosse um jovem e executa esse trabalho com a facilidade de um mestre. Não há em nossa região, ou no norte e nordeste, no sul ou no leste, criador de zebu que desconheça este homem ilustre pela sua experiência ou pela seu trabalho de transformar uma exposição numa afinação orquestra de organização. Muito antes da inauguração, ele já tem pronto o funcionamento harmônico de tudo: serviço de água, eletricidade, bilheteria, recepção de criadores, de autoridades, dos animais. Já cuidou, também, da apresentação do Parque, já pensou nas flores, nas bandeiras



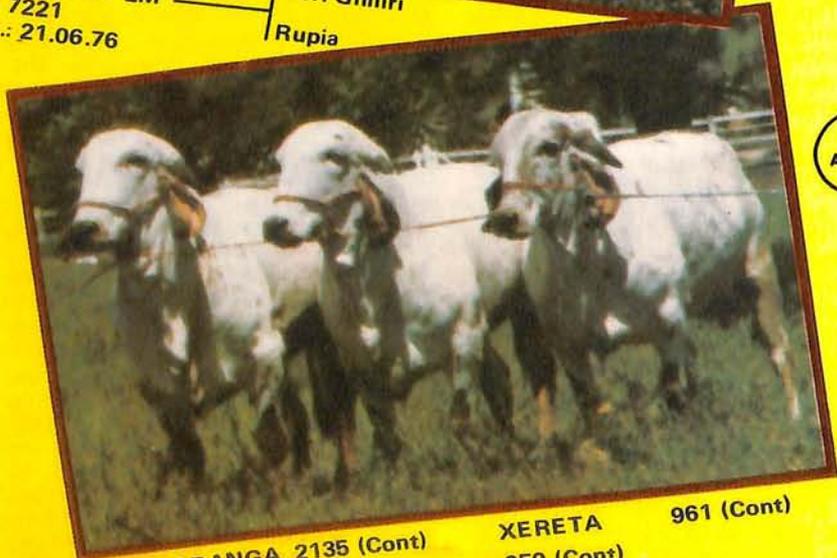
es. Campeã Bezerra/80 — Uberaba.



ARARANGA JZ — Tanganá
Controle 2135 — Urna Rica

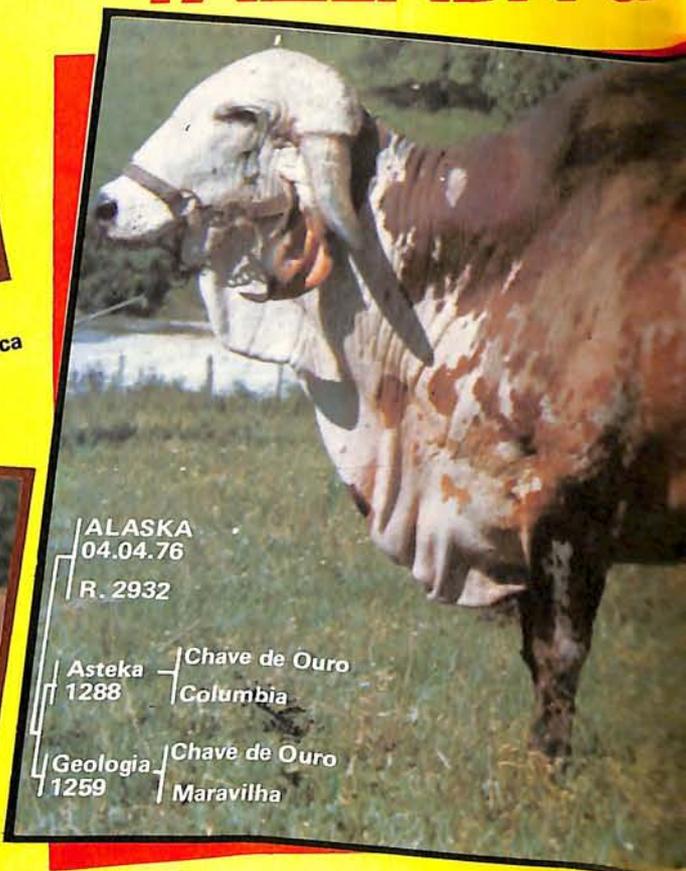


AURASTRA 2M — Gori Ghiliri
Reg. 7221 — Rupia
asc.: 21.06.76



ARARANGA 2135 (Cont) 961 (Cont)
XARADA 959 (Cont)

FAZENDA B FAZENDA do



ALASKA
04.04.76
R. 2932

Asteka — Chave de Ouro
1288 — Columbia

Geologia — Chave de Ouro
1259 — Maravilha

“ADQUIRIU O PLANTEL 2 M DE P
DESTACADO CRIA

End.: Av. Antônio Carlos, 190 — Barre

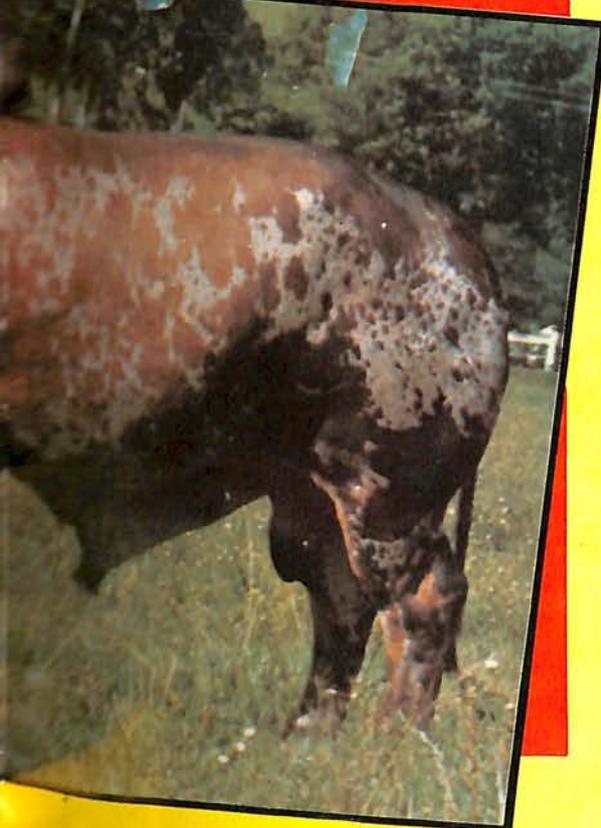


16 ANOS DE SELEÇÃO DA RAÇA

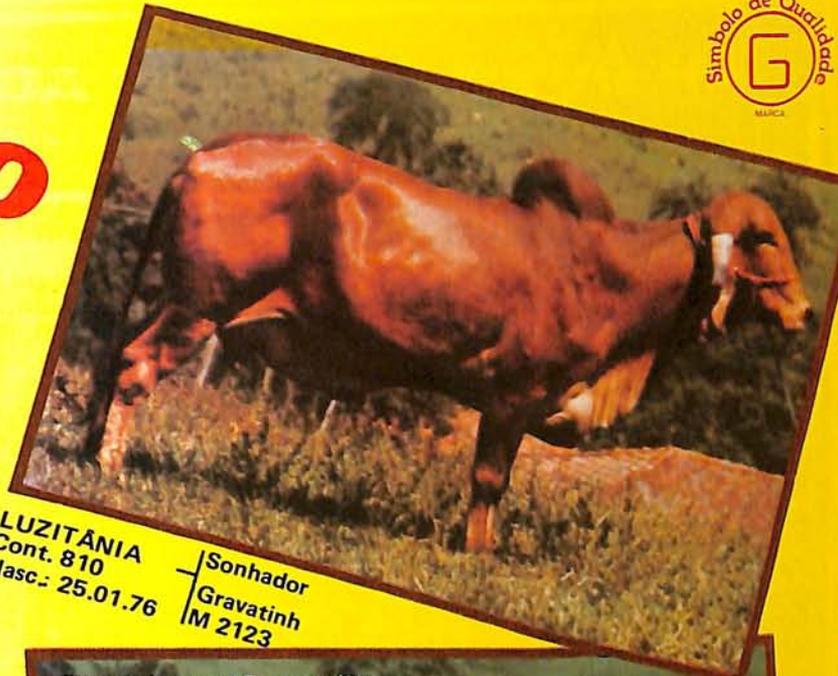
ARRREIRINHO

S CRUZEIROS

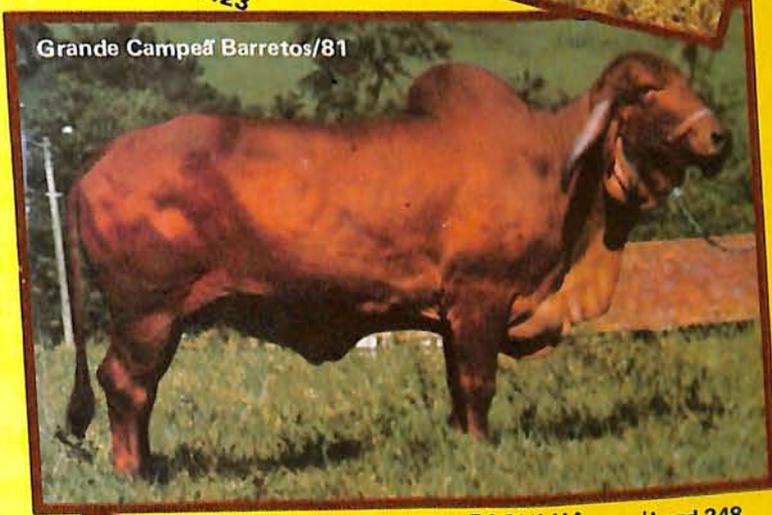
PROP.: GERALDO PEREIRA MARQUES



PRRIEIDADE DO SR. MAMED MUSSI,
OR DA RAÇA GIR".
inho - Fone: 661.2410 - Araxá - M. Gerais



LUZITANIA
Cont. 810
Nasc.: 25.01.76 | Sonhador
| Gravatinh
M 2123

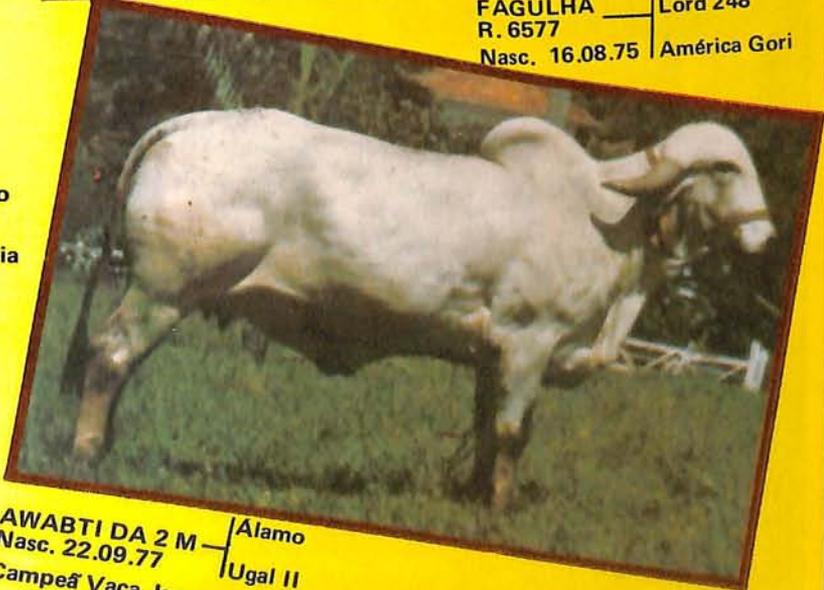


Grande Campeã Barretos/81

FAGULHA | Lord 248
R. 6577
Nasc. 16.08.75 | América Gori



FADA | Álamo
R. 7222 | Calunia
Nasc.: 13.08.76



AWABTI DA 2 M | Álamo
Nasc. 22.09.77 | Ugal II
Campeã Vaca Jovem Barretos/81

IR - 500 MATRIZES REGISTRADAS.

ras, na hospedagem. Já indicou juizes, já nomeou comissões e já distribuiu as inscrições pelos estados de origem. Depois, terminado o evento e feito o balanço final, tira como se fosse um estatístico, conclusões e recomendações as mais sábias"

EM UBERABA, O TRABALHO PERMANENTE

Mas, além de seu trabalho em escala nacional - as primeiras exposições do nordeste, aliás, contaram também com seu apoio - Afrânio teve atuação de destaque dentro mesmo de Uberaba. Por seu trabalho na ABCZ, por seu carinho e dedicação à formação do Parque Fernando Costa, tal como o conhecemos hoje, e que lhe valeram a alcunha de "Prefeitinho do Parque". Pelo seu trabalho de apoio às várias administrações da ABCZ pelas quais passou. A ponto de receber, de Arnaldo Rosa Prata, hoje Diretor da Escola de Zootecnia, o seguinte comentário: "Quantas coisas fiz como presidente da ABCZ que, sem a interferência dele, talvez não tivesse

conseguido..."

E, dentro de toda essa correria, Tio Afrânio encontra tempo e disposição para levar adiante também uma obra em favor da comunidade, já que é bastante conhecida sua atuação e a de sua esposa, Da. Maria Aparecida Prata Machado Borges, à frente do Hospital da Criança.

Como um homem pode levar adiante atividades tão múltiplas e diferentes? Bem, não são tão di-

ferentes assim; todas elas necessitam muita persistência, muita humildade, muita dedicação e... muito trabalho. Segundo Hildo Totti, ex-presidente da ABCZ, "Afrânio é um homem a ser tomado como exemplo, pois seu trabalho precisa ter continuidade".

Talvez por isso, Tio Afrânio faça questão de aconselhar, em palavras e exemplos, aos mais novos. Tal como seu pai, vai passando seu recado adiante.



SEDEIRO DE TABAPUAN

T-J 278 - 48 meses - 1.056 kg.

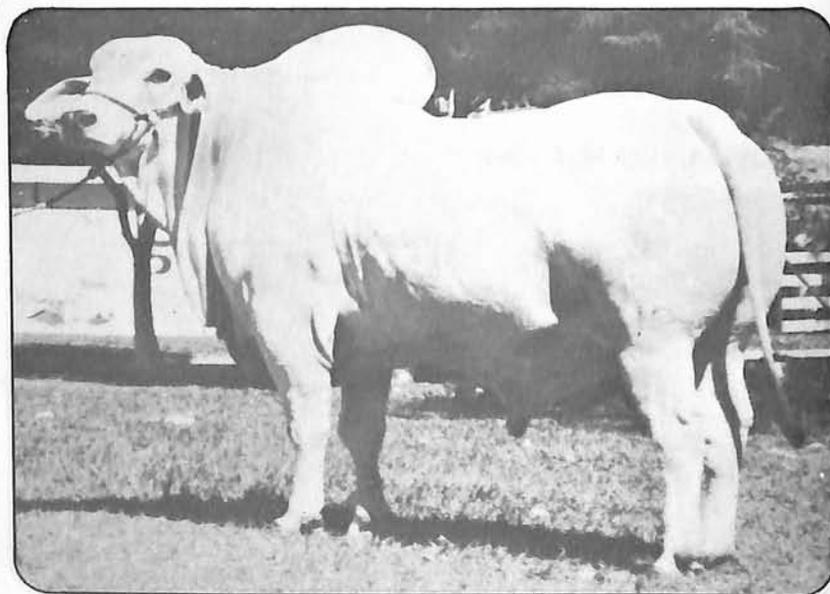
ALBERTO ORTENBLAD
Rua 7 de Setembro, 141 - 5.º
20050 - Rio de Janeiro
Fone: 221.0678 e 242.0297

Filial:
Mato Grosso do Sul
Granja Ipanema
Rodovia Campo Grande
Cuiabá a 40 km.
de Campo Grande com o
Sr. Sylvio.

VENDA PERMANENTE

TABAPUAN

Fazenda Água Milagrosa-15880 - Tabapuã - SP. CP. 23 - Tel: 217



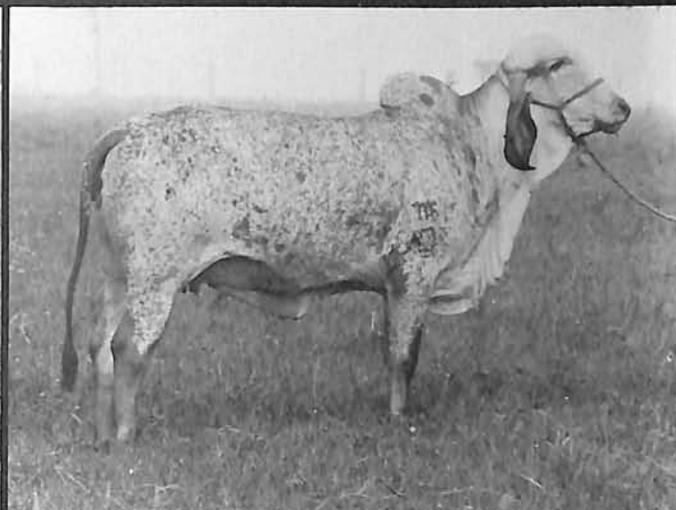
ESTÂNCIA BOA SORTE E REVIERA

20 anos de Seleção na Raça GIR e 150 matrizes registrada.

AS FILHAS DE LORD - 347.



Zuzuca — cont 990 - 26 meses
Campeã Novilha Menor em Bauru e Rio Preto.

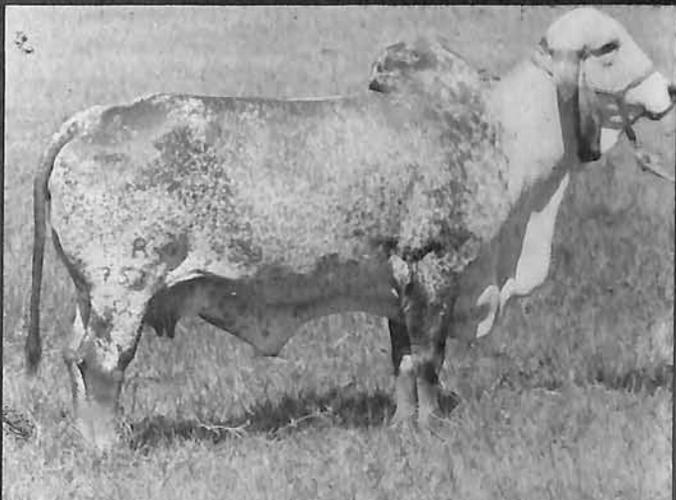


Zamba — cont 992 - 25 meses
Reservada Campeã.

Na APB — Edição Especial-Bauru/80 apresentamos, com ilustrações, três animais de nossa criação que obtiveram 3 grandes campeonatos, nas Exposições de Barretos, Uberaba e Bauru. Assim, Saudade, Favorita e Vitória, já apresentadas têm se apresentado com notável performance em outras exposições. Nesta página, dando seqüência à permanente mostra, que vimos fazendo de nossos animais, apresentamos outras excepcionais matrizes que vêm conseguindo resultados bastante expressivos nas várias exposições em que têm participado.



Vitória — 41 meses - Reg. 7533
Grande Campeã - Bauru/80.



Variedade — 40 meses - Reg. 7534
Campeã Novilha Maior - Bauru/80.



Prop.: Mozart Ferreira.
CX. Postal 321
Fones: 22.2022 e 22.1486
End.: Praça Francisco Barreto, 209 - 5.º andar.
Barretos - SP.

Campeã Novilha Maior - EXPO - Londrina/81.



Juritiubim
29 meses

Taj I

Florada da Primitiva

FAZENDA PRIMITIVA

A 16 anos selecionando Nelore .
Atualmente com 600 matrizes.



Fazenda Primitiva. Município de Paranapuã-PR

Prop.: Abdelkarin Janene

Rua Tomaz de Souza n.º 237 - Tel.: 23.0010 - Londrina-PR.

INFORMATIVO • INFORMATIVO • INFORMATIVO

A inseminação artificial, como forma de aumentar a produtividade e melhorar o potencial genético dos rebanhos, é uma necessidade básica na criação de gado, seja de leite ou de corte, porém, no Brasil, ela ainda está longe de ser uma realidade para a grande maioria dos criadores, particularmente no setor de gado de corte.

Por outro lado, no setor de gado leiteiro a utilização da inseminação artificial está em franco crescimento. Entretanto, há, ainda, alguns obstáculos a serem superados, para que essa técnica seja adotada em larga escala no país e, entre os principais, poderíamos citar o grande número de animais nos rebanhos, as grandes distâncias, as dificuldades e limitação de mão de obra para a aplicação do sistema e, finalmente, a irregularidade no suprimento de nitrogênio.

Visando melhorar o manejo dos rebanhos que atualmene não são inseminados e melhorar a produtividade através da racionalização de reprodução, foram pesquisadas técnicas de sincronização de cio em monta natural, que poderão determinar, no futuro, a implantação definitiva da

inseminação artificial no setor de gado de corte brasileiro.

A NOVA TÉCNICA

A nova técnica de sincronização do cio e monta natural nada mais é do que a utilização de touros para cobertura de vacas com cio sincronizado, e pode ser somente adotada em fazendas que dispõem de divisões de pastagem e já tem estação de monta definida.

O uso da nova técnica independe do número de matrizes e utiliza a mesma relação touro-vaca da propriedade, sendo que o manejo do gado é extremamente simples e sem riscos de perdas de bezerros ou mistura de lotes, já que são manipulados touros especialmente direcionados para os lotes, de acordo com os picos de cio.

O programa é bastante flexível e prevê, desde a sua implantação, o uso de primeira inseminação artificial nas vacas em cio, ou seja, o programa a ser implantado pode ser misto, utilizando, concomitantemente, a inseminação artificial e os tou-

ros. Isso proporciona a oportunidade de muitas vacas serem fecundadas a partir de inseminação artificial, melhorando, já no primeiro ano, o nível de qualidade dos bezerros.

Outra vantagem: a nova técnica permite que se dê tempo ao pessoal envolvido para ser treinado, e em condições de enfrentar a responsabilidade de inseminar um plantel maior nos próximos anos, evitando uma eventual queda na fertilidade do rebanho, quando desfeitas indevidamente.

O uso da sincronização e monta natural permite, ainda, que se faça estação de monta mais curta e, conseqüentemente, a utilização dos mesmos touros em outros grupos de vacas, permitindo assim a redução do número de touros nas propriedades. O mais importante, porém, é que essa nova técnica vai aumentar o número de bezerros nascidos por ano, como já ficou comprovado cientificamente, através de testes realizados no Brasil. Aliás, a técnica é pioneira e foi utilizada, pela primeira vez, aqui mesmo, no país.

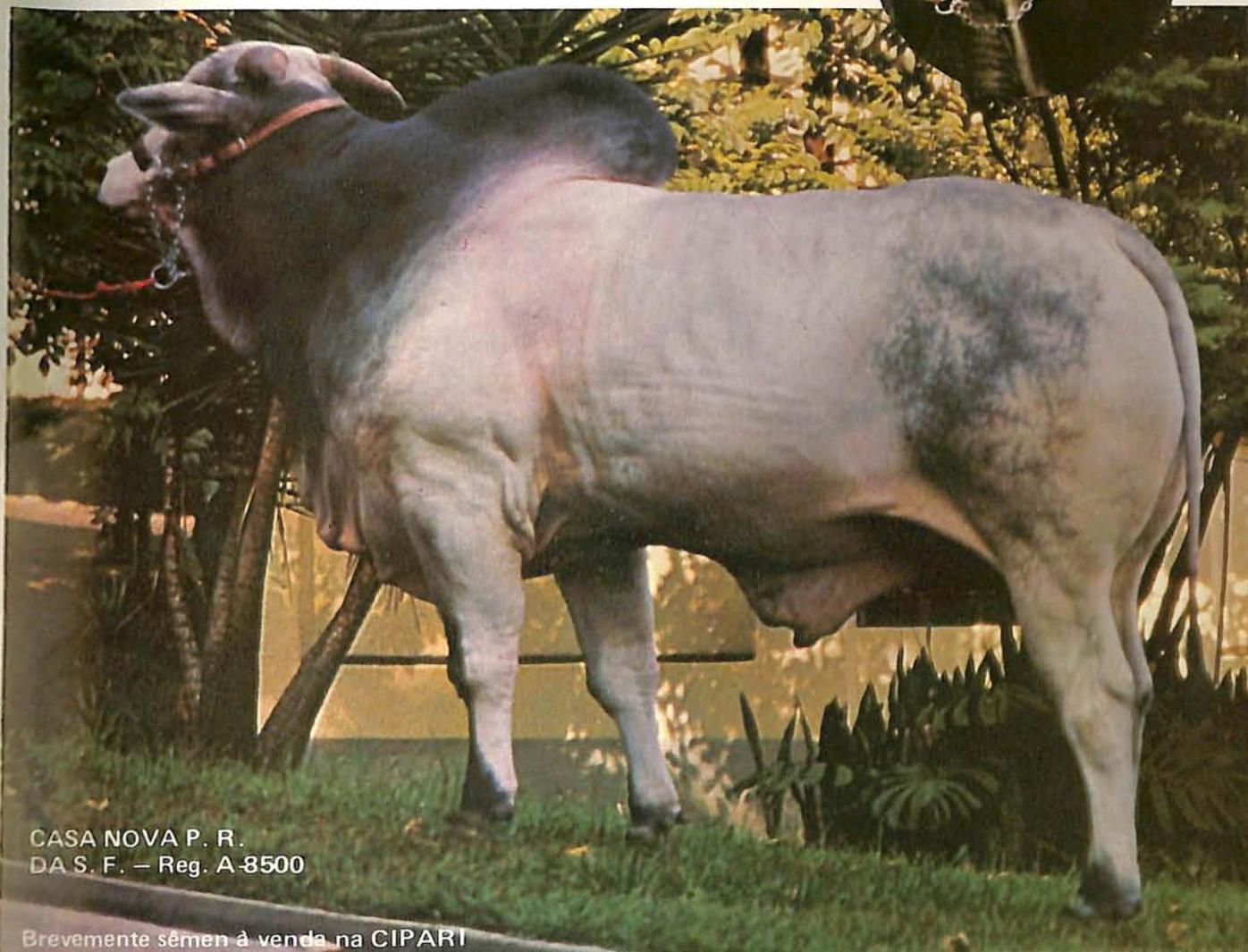
CIA MATE LARANJEIRA

FAZENDA CRUZ DE MALTA

Rodovia Guaira-Umuarama Km. 6

CRIAÇÃO E SELEÇÃO DE NELORE

CAMPEÃO SÊNIOR NA EXPOINEL/81



CASA NOVA P. R.
DA S. F. — Reg. A-8500

Brevemente sêmen à venda na CIPARI

Filho de Taj-Mahal III - e Juntoura da S.F. — 1.º Lugar no Ganho de Peso Ponderal na Expoinel/78.
Campeão Touro Jovem na Expoinel/80 e Barretos/80. Campeão Sênior na Expoinel/81. Com 321 kg. aos 9 meses
Peso aos 32 meses — 852 kg. e aos 46 meses - 1.030 kg.

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES

FAZENDAS

Município de Ponta Porã - MS - STA. VIRGINIA - RANCHO GRANDE - MACIEL CUE e SANTA RITA
Município de Naviraí - MS - SANTA ROSA - SANTA HELENA - SÃO LUIS
Município de Iguatemi - MS - DON FRANCISCO
Município de Guaira - PR - CRUZ DE MALTA
Município Presidente Epitácio - SP - SÃO PAULO

REBANHOS

BOVINOS: Plantéis P. O. e P. C. das Raças NELORE E GUZERÁ - GADO DE CORTE
EQUINOS: MANGALARGA E CRIOLO ARGENTINO
OVINOS: Plantéis das Raças HAMPSHIRE DOWN e CORREDALE

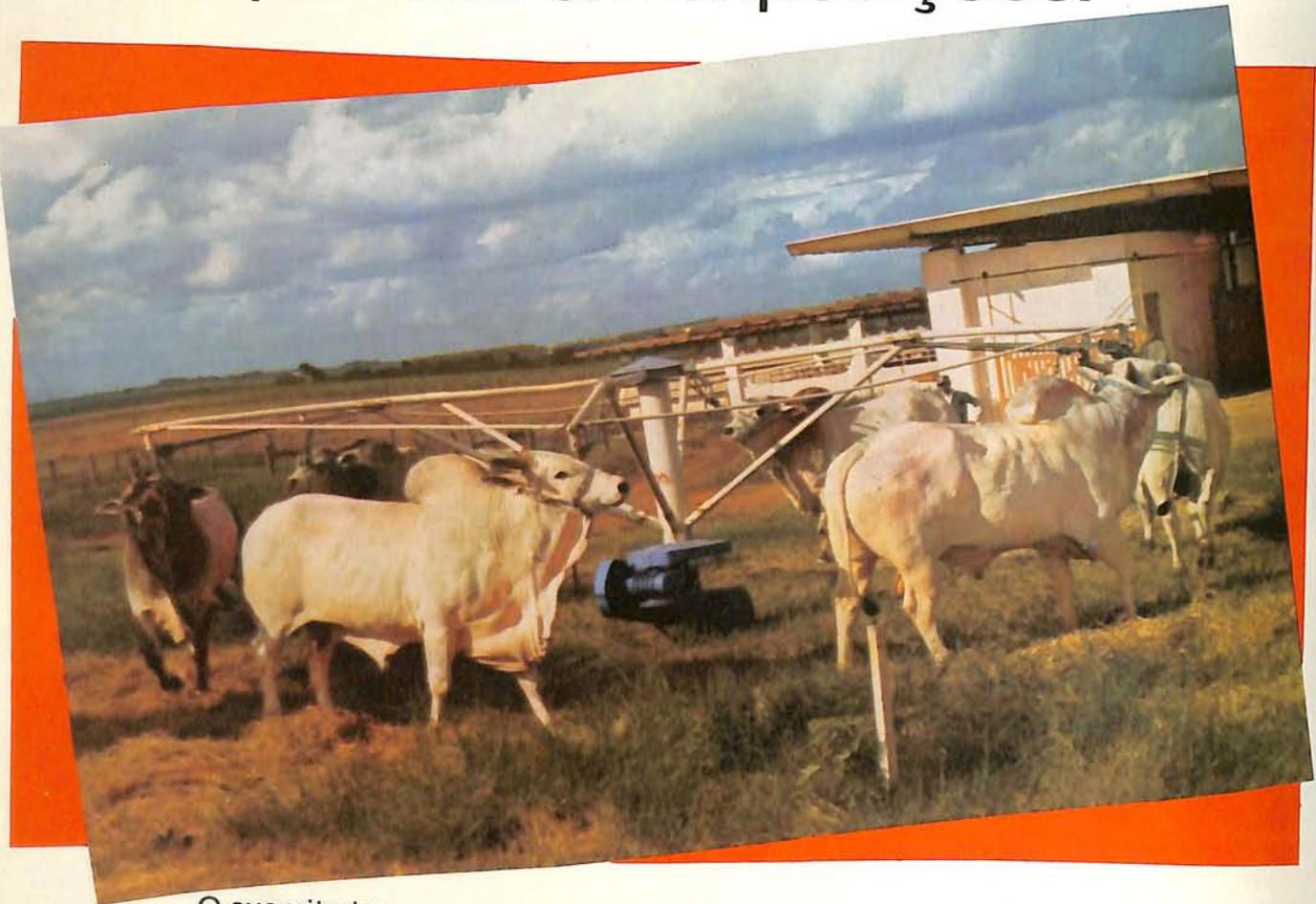
SED

RUA BRIGADEIRO TOBIAS Nº 35
CEP.: 01032 - TEL.: DDD 011 - 228-268
SÃO PAULO - CAPITAL

ESCRITÓRIO REGIONAL

RUA JOÃO VICENTE FERREIRA Nº 396
CEP.: 79800 - TEL.: DDD 067 - 421-531
DOURADOS - MATO GROSSO DO SUL

Mantovani apresenta o exercitador mecânico EMM-C, o aparelho que ensina seus animais a ganhar prêmios em exposições.



O exercitador mecânico Mantovani EMM-6 é fabricado com exclusividade pela Indústria e Comércio de Máquinas Agrícolas Mantovani Ltda. (Ituverava - SP).

Ele tem a função de facilitar o trabalho de manejo e o preparo de animais para exposições - tanto do bovinos como de equinos.

O exercitador

mecânico torna o animal mais manso e obediente, ensina-o a andar corretamente, seus passos ficam uniformes, cadenciados e harmônicos. E, outra vantagem, a postura do animal torna-se mais elegante.

Experimente um exercitador mecânico Mantovani EMM-6 na sua criação. E bons prêmios para você e para os seus animais.

**Construção robusta
(toda em aço).
Fácil manutenção.
Assistência técnica
permanente.
Qualidade Mantovani.**


MANTOVANI

Indústria e Comércio de Máquinas
Agrícolas Mantovani Ltda.
R. Francisco Bueno de Moraes, 888 -
(016) 729-2039 e 729-2722
14.500 - Ituverava - São Paulo

FAZENDA SANTO ANTONIO DO RIO CLARO



PLANTEL SELEÇÃO DE GADO NELORE QUARTO DE MILHA E APALDOOSA

Plantel Nelore PO 1500 matrizes.

Plantel Nelore POI 30 matrizes.

Reprodutores utilizados neste rebanho, de nossa propriedade:

ÉDULO (TAJ I) 1040 kg – Grande Campeão em diversas exposições.

HEDU (TAJ I) 1080 kg.

BHADRAVATI DA N. INDIA – POI (MARAJÁ) 1020 kg – primeiro touro nelore provado em ganho de peso em teste de Progénie oficial.

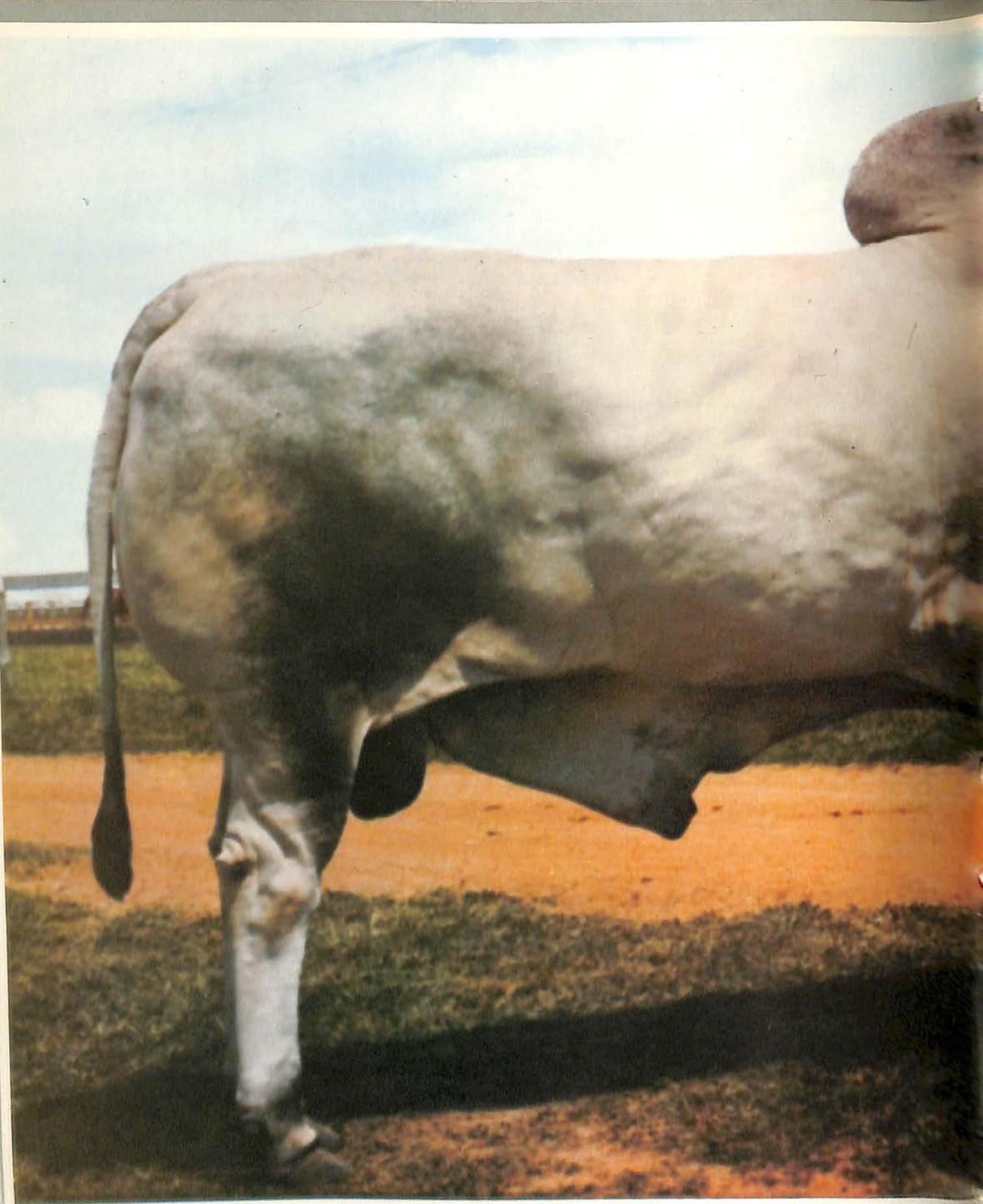
CRAVELHO DA JANDAIA (DUMU) – 1010 kg – campeão em diversas exposições.

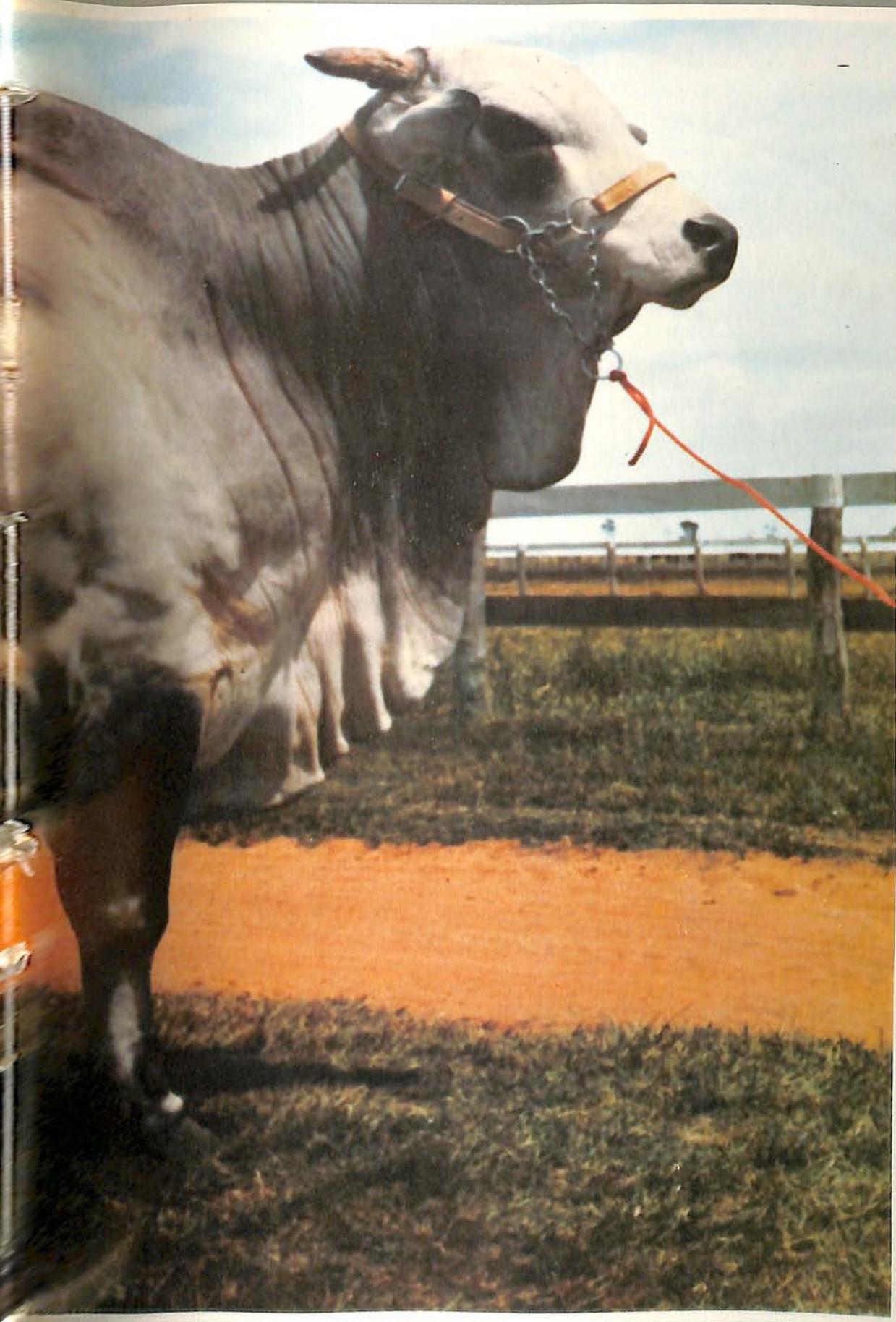
CELEIRO DO IMPERIANTE (IMPERIANTE DA ZEB.)

1020 kg – campeão em diversas exposições.

OLMEIRO DA INDIANA (TALAIVAN IMP.) 980 kg.

VAREDO DA INDIANA – POI – 1200 kg.





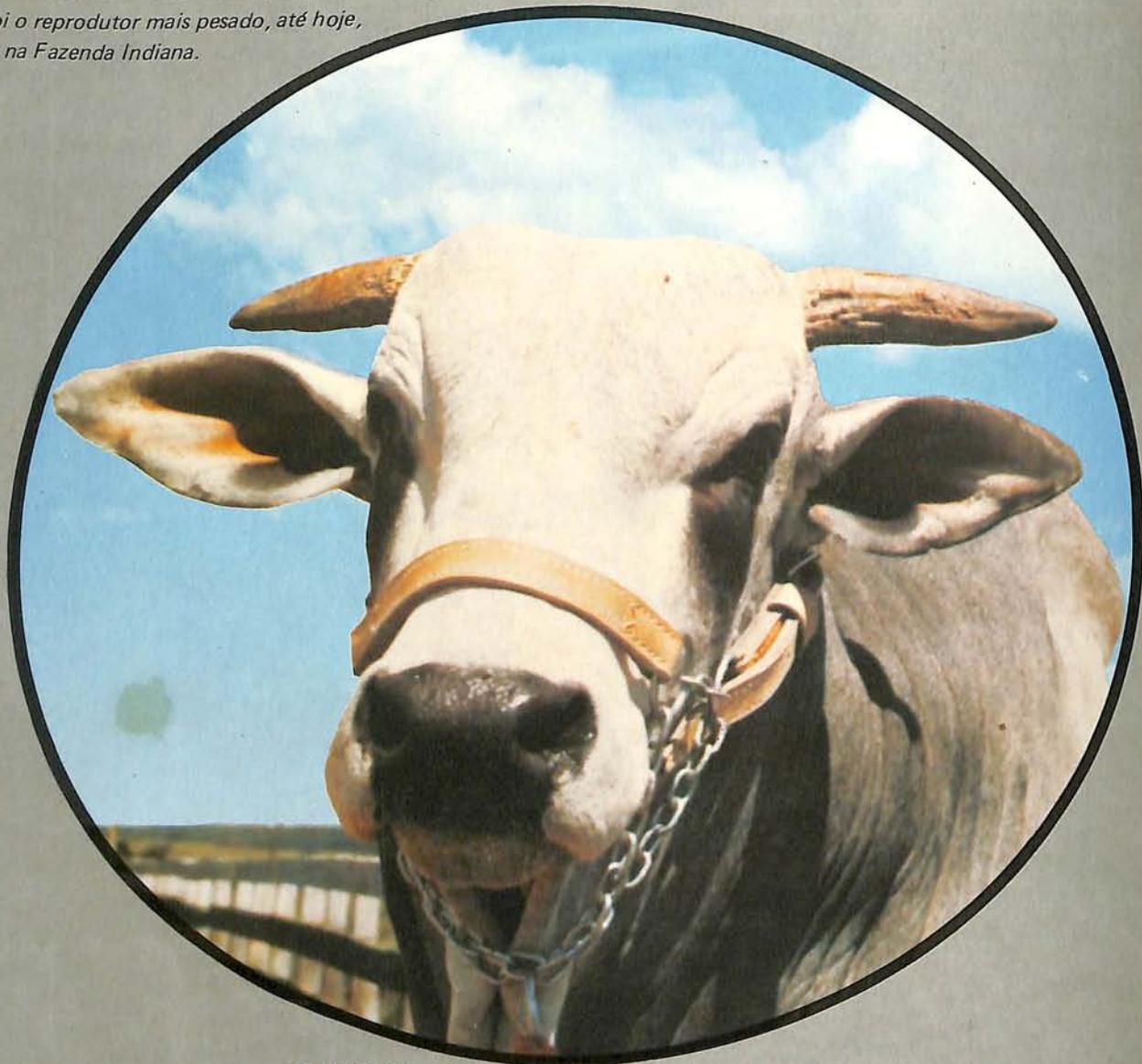
VAREDO DA INDIANA

REG - B 824 -

Peso atual: 1200 quilos

VAREDO DA INDIANA - POI-

Varedo da Indiana — Peso máximo obtido 1.240 kg - Novembro/80
este foi o reprodutor mais pesado, até hoje,
criado na Fazenda Indiana.



Média de peso dos produtos nascidos em 78, ao nascer.
Machos — 33,90 kg
Fêmeas — 32,16 kg

Média de peso na desmama
Machos 228 kg
Fêmeas 199 kg

Média de peso dos produtos nascidos em 1979, ao nascer.
Machos — 34,12 kg
Fêmeas — 30,70 kg
Média de peso na desmama
Machos 220 kg
Fêmeas 193 kg

Total de animais nestes lotes = 50 — todos criados e desmamados, totalmente à campo.

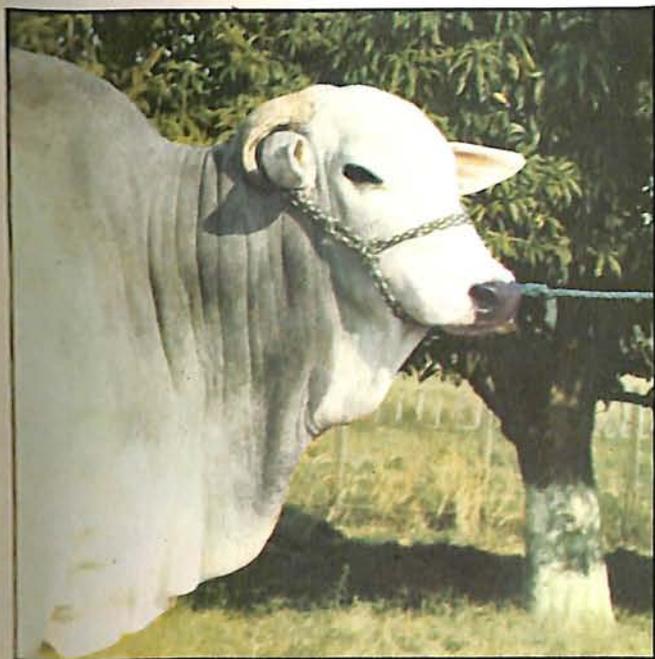
Proprietário: LUIZ ZILLO E SOBRINHOS

FAZENDA
Rodovia SP - 300, km 289
Rodovia SP - 255, km 291
Fone 63.0903
LENÇÓIS PAULISTA — SP

ESCRITÓRIO CENTRAL
Rua 15 de Novembro, 865
Fones: 63.0800 — 63.0100
Cx. Postal, 358
Lençóis Paulista — SP

SÃO PAULO
Rua Boa Vista, 63
11.º andar — Cjs. 2 e 3
Fones: 239.3711

COM O NELORE 2 B VOCÊ TEM MAIS OPÇÕES.



1977: Campeão Touro Jovem na Água Branca/SP –
Campeão Touro Jovem e Grande Campeão da Raça em Campo Grande (MS) – Campeão Touro Jovem em Londrina-PR

1978: Reservado Campeão Senior e Reservado Grande Campeão em Salvador (BA) – Campeão Senior e Grande Campeão da Raça em Jequié (BA)

Ankai Arjun Fuvarna
Koshelya—TA P.O.I.



Venda de sêmen na Lagoa da Serra

FAZENDAS 2 B

Prop.: Roberto Calmon de Barros Barreto.

Responsável Técnico: Eng. Agr. José Wilson Baião

Fone: 83.1431 e 83.1728 – Caixa Postal, 36 - 13.690 – Descalvado - SP

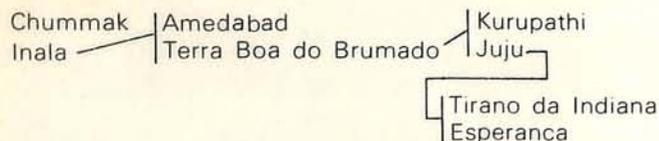
Ídolo de Santa Andréa.

Este jovem campeão tem a quem puxar.
E ainda vai dar muito o que falar.

Veja e analise a sua árvore genealógica. Depois, preste atenção na sua premiação. Você vai chegar a esta conclusão: Ídolo da Santa Andréa é uma das maiores promessas da raça nelore na atualidade.



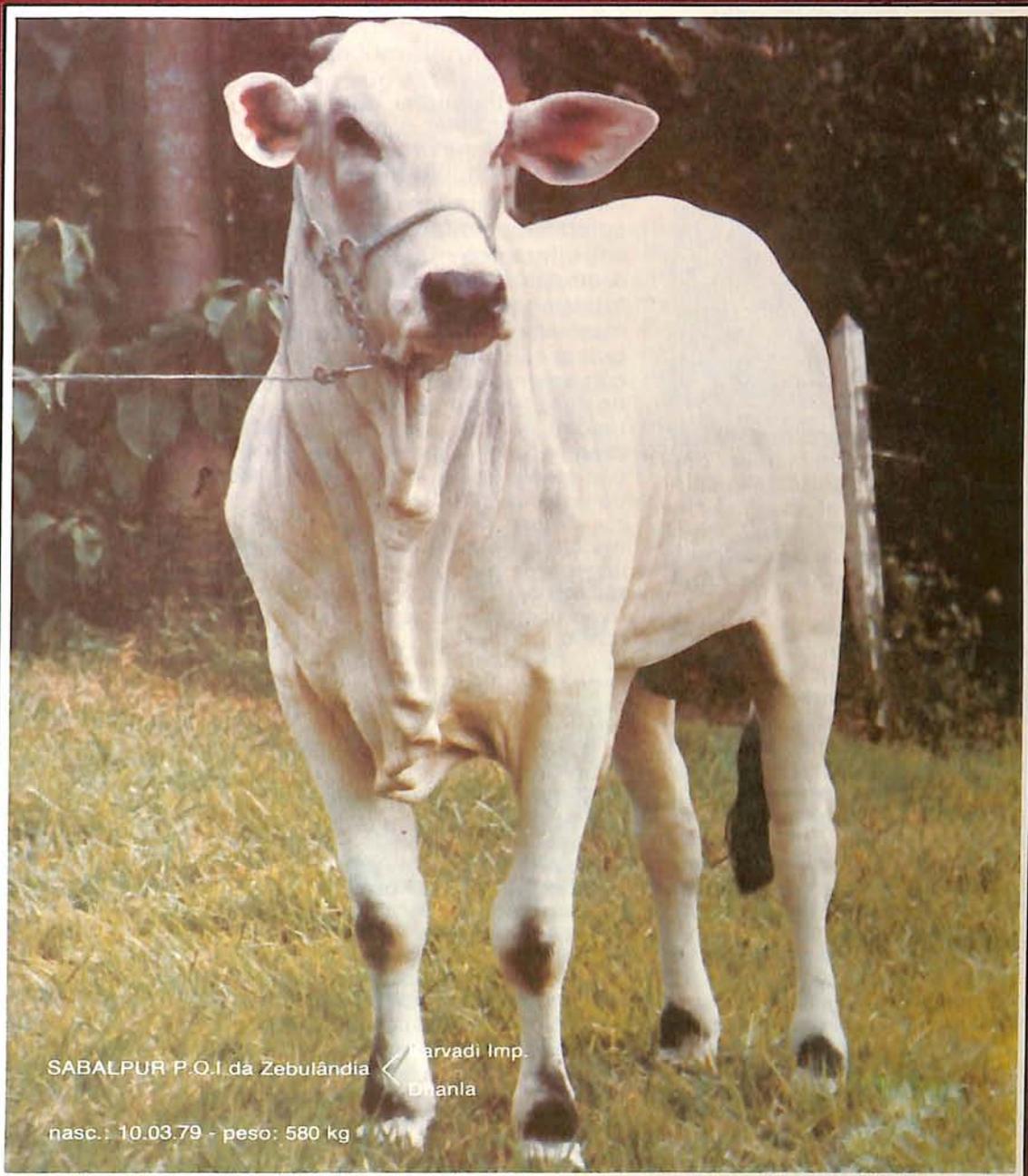
Ídolo da Santa Andréa.



Aos 24 meses, pesou 660Kg. Alguns dos seus prêmios: Reservado Campeão Junior na FAPI/80, em Ourinhos, Campeão Touro Jovem na FEAPAM/80 (Ribeirão Preto) e Campeão Touro Jovem em Baurú/80.

FAZENDA BONANZA
Guarantã — SP Cafelândia — SP
Proprietário: Jandovy Prandi

raça + fertilidade + peso só na **FAZENDA SÃO PEDRO**



SABALPUR P.O.I da Zebulândia < Parvadi Imp.
Dhanla

nasc.: 10.03.79 - peso: 580 kg

VENDA PERMANENTE DE PRODUTOS.

End.: Maria Neusa Consoni Guimarães
Rua Visconde de Inhaúma, 1.478
Fone: 625-2889 - Ribeirão Preto - SP.

FIPEC AUXILIA PESQUISA FIPEC AUXILIA PESQUISA FIPEC AUXILIA PESQUISA

A Fundação Educacional para o Desenvolvimento das Ciências Agrárias, instituída pela Associação Brasileira dos Criadores de Zebu-ABCZ, é uma entidade sem fins lucrativos cujos propósitos se resumem em manter estabelecimentos destinados ao ensino e à pesquisa das ciências agrárias, em especial da Zootecnia, e promover a difusão de conhecimentos técnicos e científicos pertinentes a agropecuária, visando compatibilizar o exercício desta atividade com o progresso da ciência e da técnica.

Como decorrência destes objetivos, a Fundação mantém dois organismos - o Centro de Pesquisas Zootécnicas, atualmente dirigido por Manoel Eugênio Prata Vidal, e a Faculdade de Zootecnia de Uberaba, cujo Diretor é Arnaldo Rosa Prata.

Em 1978, por força de convênio entre a Fundação Educacional e o Fundo de Incentivo à Pesquisa Técnico-Científica (FIPEC), órgão do Banco do Brasil S/A, destinado a financiar pesquisas de diversas naturezas, foi iniciada a execução de três projetos, nos campos de pastagens, solos e reprodução animal.

Esses projetos vêm sendo executados sob a coordenação do pesquisador Salomão Aro-novich.

Este comunicado tem como finalidade principal dar conhecimento aos pecuaristas e técnicos do andamento dos trabalhos, dos resultados alcançados e benefícios prestados à comunidade rural do Triângulo Mineiro e é uma antecipação dos resultados parciais que, uma vez concluídos e avaliados, serão apresentados definitivamente, por força do próprio convênio com o FIPEC.

ANDAMENTO DOS TRABALHOS

PROJETO I

COLETA, INTRODUÇÃO E AVALIAÇÃO DE PLANTAS FORRAGEIRAS NO TRIÂNGULO MINEIRO

Tem como objetivo encontrar espécies ou variedades de plantas forrageiras que apresentem bom potencial para produção de forragem e formação de pastagens mais produtivas na região do Triângulo Mineiro.

A primeira fase consistiu em coletar, por diferentes formas e em diferentes regiões, sementes e mudas de plantas forrageiras, totalizando até o momento 335 amostras. Essas plantas foram testadas, estudando-se sua adaptação ao meio, produção e qualidade da forragem nas diferentes estações do ano, produção de sementes, facilidade de multiplicação, resistência à seca e outras características desejáveis.

Numa segunda fase, foram instalados experimentos, visando comparar algumas dessas plantas introduzidas com plantas cultivadas comumente na região, ou então estudar a possibilidade do uso de diferentes plantas forrageiras em sistemas que possam melhorar a produção animal, especialmente no período da seca:

- a. Competição de variedades de "Panicum maximum" - Estão sendo comparados os capins colômbio, búfalo, guiné, guinezinho, "green-panic", "gatton-panic", sul africano e "makueni".
- b. Competição de clones de capim elefante - Estão sendo comparadas 10 diferentes variedades de capim elefante, tendo como termo-base para comparação o capim Napier, com dois intervalos de corte, 4 e 8 semanas.
- c. Comparação entre leguminosas de rápido crescimento para a produção de forragem no período seco - Estão sendo estudadas a macun preta, feijão guandu, labe-labe, soja (anual), caupi e Phaseolus truxiliensis, plantados em diferentes meses na época das chuvas, visando preencher com forragem de boa qualidade fases do período crítico de produção.
- d. Adubação mineral e orgânica

da aveia para produção de forragem e de semente - Foi cultivada aveia, com irrigação, recebendo diversos tipos de adubação. Neste primeiro ano do trabalho já foi feita a colheita de forragem e, posteriormente, de sementes.

PROJETO II IDENTIFICAÇÃO DAS CARÊNCIAS MINERAIS EM SOLOS DO TRIÂNGULO MINEIRO, VISANDO AO MELHORAMENTO DE PASTAGENS

Este projeto tem como objetivo identificar quais os elementos do solo que, no Triângulo Mineiro, encontram-se em quantidade insuficiente para o bom desenvolvimento das plantas forrageiras, bem como determinar os níveis de aplicação recomendáveis para a correção dessas deficiências.

Na primeira fase, já concluída, foram coletadas 52 amostras dos principais tipos de solos em que são estabelecidas pastagens no Triângulo Mineiro abrangendo toda a região. Essas amostras foram analisadas em laboratório, determinando-se sua composição física e química. Com cada uma delas foram realizados 2 experimentos em casa de vegetação, um com a gramínea "Capim colômbio" e outro com a leguminosa "Sirato". Nesses experimentos, compararam-se os resultados da produção de forragem no solo como ele é com os de uma adubação completa e de outras onde é omitido um elemento de cada vez.

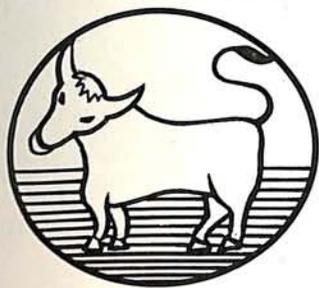
Em seguida a essa fase, tendo em vista a evidente importância do fósforo verificada, foram desenvolvidos experimentos com aquele elemento. Os primeiros trabalhos dessa fase visaram avaliar a eficiência de diversos fosfatos naturais disponíveis na região (Araxá, Patos, Tapira, etc.), em comparação com os superfosfatos, adubos de preço bem mais elevado.

Foram ainda programados, estando em fase de implantação,

experimentos visando determinar métodos e níveis de aplicação de fósforo e enxofre, seus efeitos residuais e sua relação com a calagem.

PROJETO III INQUÉRITO ANDROLÓGICO EM TOUROS, EM REGIME DE MONTA NATURAL, NO TRIÂNGULO MINEIRO

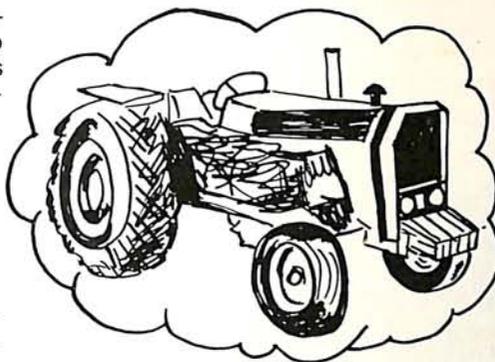
Seu objetivo é estudar a aptidão reprodutiva de touros em regime de monta natural, conhecido a situação atual de sua fertilidade nas diferentes regiões ecológicas do Triângulo Mineiro, bem como determinar os fatores intrínsecos que, direta e indiretamente, afetam a capacidade reprodutiva do macho, interferindo na fertilidade do rebanho. Esse inquérito foi programado com base em diversos estudos, que demonstram a importância do touro na fertilidade dos rebanhos. *



Inicialmente restrito à região do Triângulo Mineiro, já há condições para realizar exames em qualquer parte do país. Esse exame consta do histórico da vida reprodutiva do animal (quando possível), do exame clínico geral, do exame específico dos órgãos genitais e do espermiograma. O sêmen é coletado pelo método de massagem através do reto ou por eletroejaculação. Faz-se o exame do sêmen a fresco, em contraste de fase e em esfregaço corado.

Já foram examinados 460 animais, dos quais 294 zebuínos, 151 europeus e 15 mestiços europeu x zebu.

- * Lagerloff (1938) estudando o sêmen de 2.300 touros, verificou que 24% eram estéreis. Anderson (1939/40), trabalhando com sêmen de 250 touros de raças européias e 82 zebuínos, verificou que 34,4% eram férteis, 12,8% tinham fertilidade reduzida e 42% eram estéreis. Carrol e colaboradores (1963), examinando 10.940 touros, constataram que 21,8% não tinham fertilidade normal. Garcia (1971) estudou 208 touros de raças indianas e européias criados no Estado de Minas Gerais, dentre os quais 21 eram de raça Gir e procediam do Triângulo Mineiro, constatando que 108 tinham fertilidade normal e 100 apresentavam distúrbios reprodutivos. E. Valle Filho (1975), estudando 628 touros de diversas raças procedentes de 9 Estados brasileiros, constatou que 66,8% dos animais de raças européias e 45,4% dos zebuínos apresentavam-se como subférteis ou mesmo estéreis.



RESULTADOS ALCANÇADOS

Os resultados até agora obtidos com o desenvolvimento do Projeto I (Introdução de plantas forrageiras) indicam que várias das plantas introduzidas mostram-se muito promissoras. Entre as gramíneas, os capins Transvala e Estrela Porto Rico (para explorações de mais alta produtividade), o capim Tangola (para terras úmidas), o capim de búfalo (como substituto do capim colônião, com produção melhor distribuída durante o ano), algumas variedades de capim elefante, uma de *Brachiaria decumbens* e uma de *Brachiaria brizantha* (esta com excelente desempenho no período seco).

Entre as leguminosas, podem ser citadas o *Phaseolus truxillensis* (nativa no Estado de Minas Gerais, com ótimo crescimento e produção de forragem e altíssima produção de sementes), algumas variedades de feijão quando, a mucuna preta, uma variedade e um híbrido de *Centrosema*.

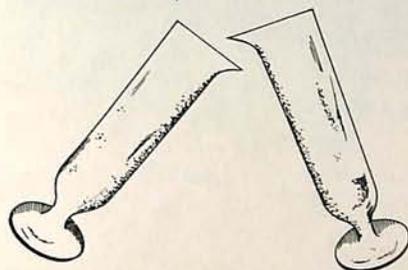
Diversas dessas plantas têm sido testadas em propriedades particulares da região e mesmo fora delas.

No projeto II (Carências minerais dos solos), em sua primeira fase verificou-se que os principais elementos minerais limitantes nos solos do Triângulo Mineiro, em ordem decrescente de importância, são o fósforo, o nitro-

gênio e o enxofre. A produtividade dos solos da região é afetada de maneira significativa pela adição de fósforo, não sendo recomendável a aplicação dos demais elementos sem a prévia correção da deficiência do mesmo.

Após o surgimento das necessidades de fósforo, a produtividade ficará limitada pelo nitrogênio, que, se vier ser suprido, elevará o rendimento até um ponto que somente poderá ser ultrapassado com a aplicação de enxofre.

Uma constatação feita é de que o efeito da calagem, mais notado nas leguminosas, é bem mais restrito do que o dos elementos anteriormente citados. Em alguns casos, a aplicação de calcário pode mesmo apresentar resultados negativos (isso já havia sido verificado em trabalhos mais antigos do que estes agora comentados).



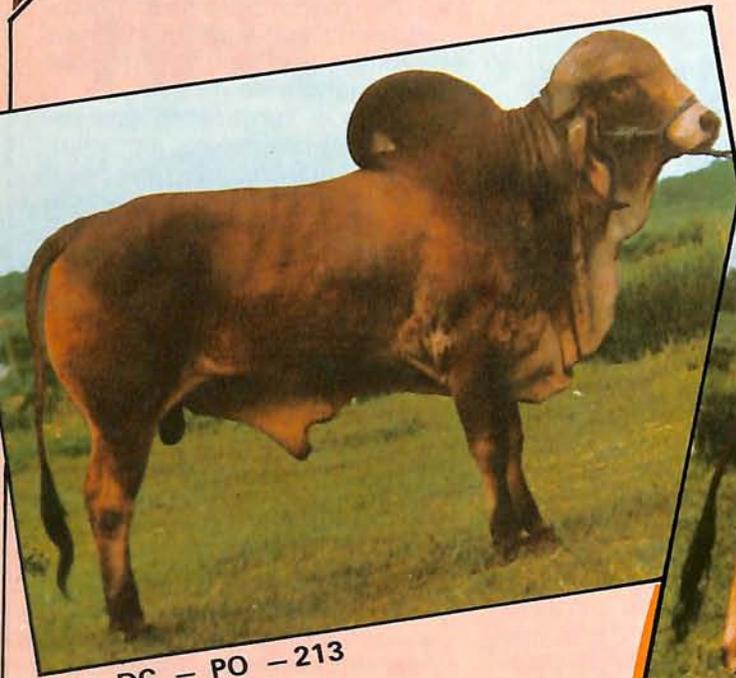
É importante observar que, num dos solos mais representativos da região (Latosolo vermelho escuro textura média cerrado), o nível existente de cálcio e magnésio e a baixa saturação de alumínio tornam desnecessária a calagem, pois o cálcio e magnésio porventura necessários são supridos pela aplicação de outros fertilizantes (como os fosfatos), nos quais eles estão presentes.

Assim, além da análise química do solo, o conhecimento do tipo a que pertencem e o programa de adubação são importantes para determinar se deve ser feita a aplicação de calcário e em que nível.

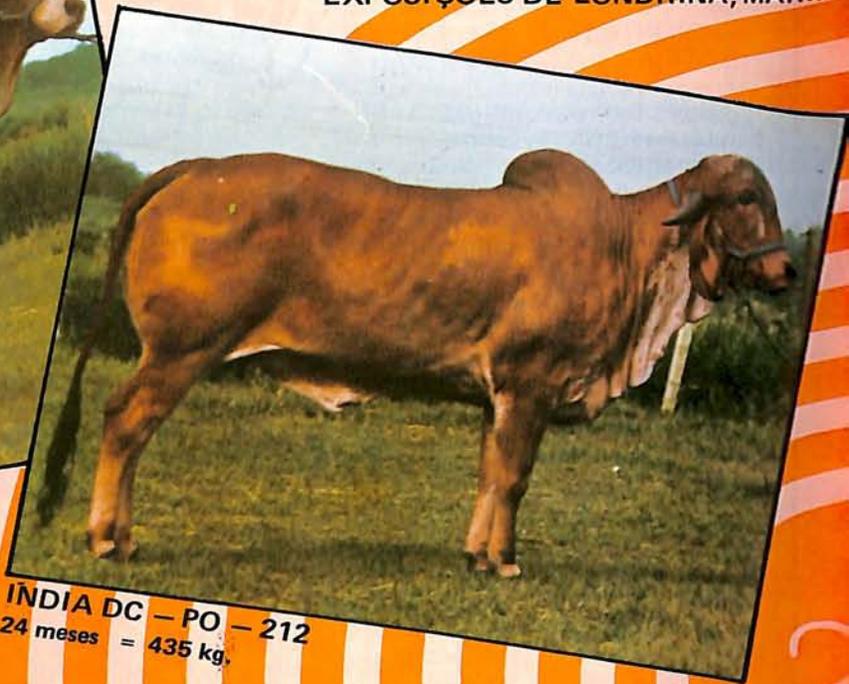
FAZENDA

FRANCISCA CA
Rua Tupi, 378 - Cx. P. 247 - Te

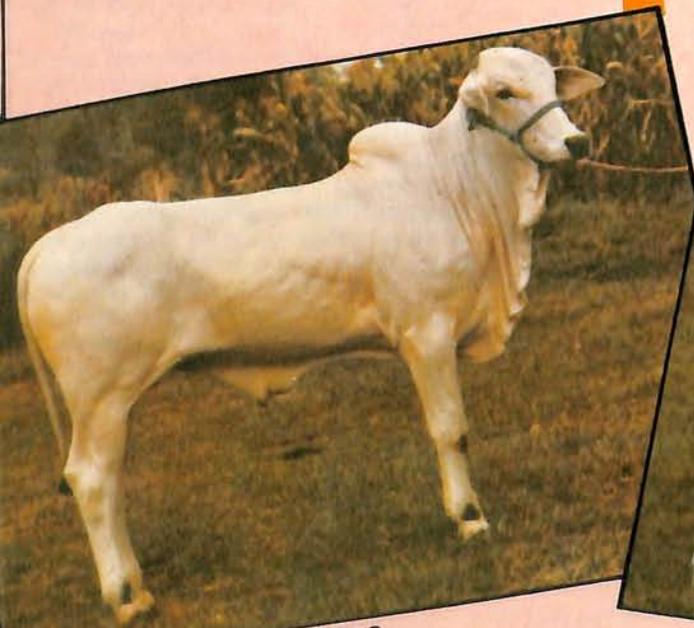
"ALGUNS DOS ANIMAIS QUE PARTICIPAM
EXPOSIÇÕES DE LONDRINA, MARINGÁ



IOG DC - PO - 213
23 meses = 580 kg.



ÍNDIA DC - PO - 212
24 meses = 435 kg.



NALIMÁ - DC - POI - 593
12 meses = 325 kg.



JAYA XXV DC - POI - 550
24 meses = 465 kg.

LACHOEIRA

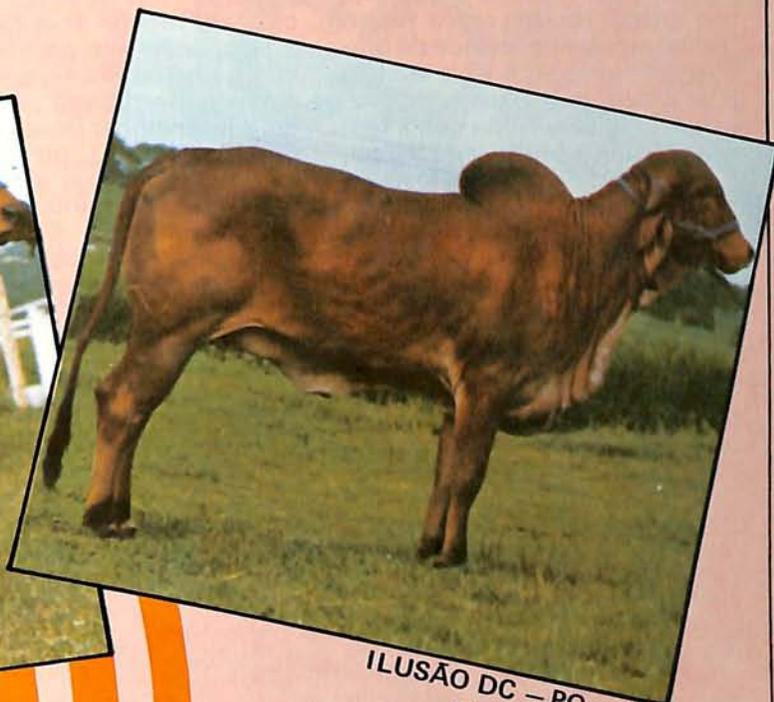
VPINHA GARCIA

(8432) 27.0931 - Londrina - PR.

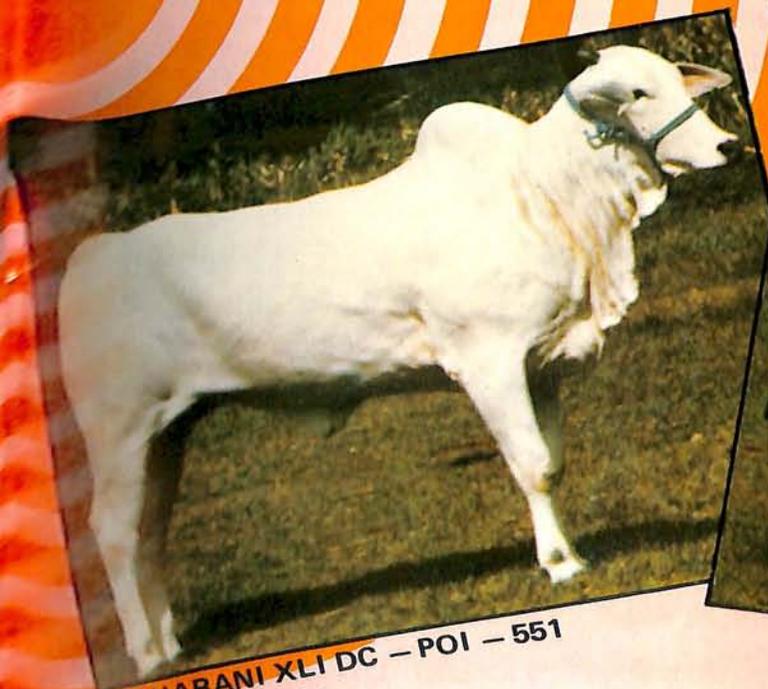
PARAM CONQUISTANDO PRÊMIOS NAS
A. TRÊS LAGOAS-80 E BARRETOS-81."



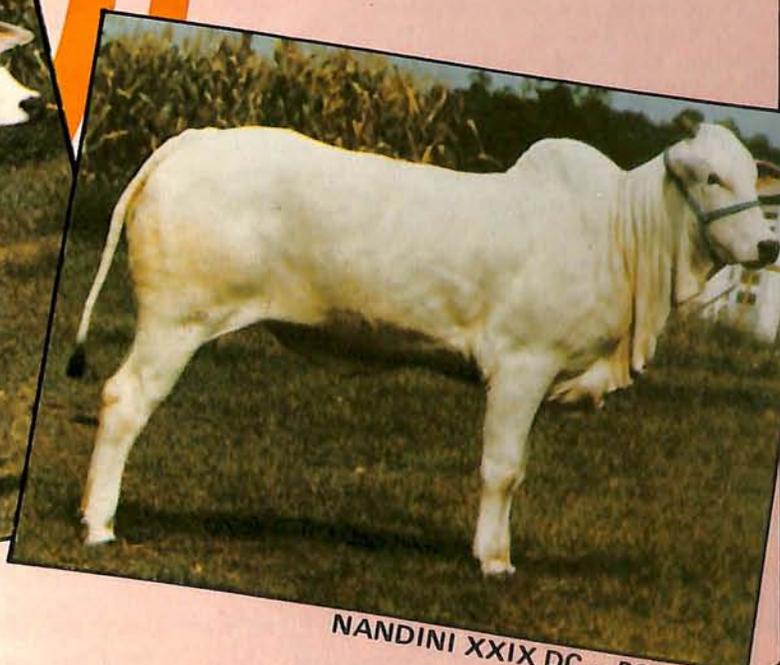
KRISHNAWAL VI DC - PO - 845
21 meses = 495 kg.



ILUSÃO DC - PO - 219
19 meses = 410 kg.



MAHARANI XLI DC - POI - 551
24 meses = 515 kg.



NANDINI XXIX DC - POI - 553
23 meses = 495 kg.

No que se relaciona aos fosfatos naturais, os resultados preliminares indicam que há diferenças entre os mesmos e que, embora inicialmente seu efeito seja bem menor do que o dos superfosfatos (cerca de metade da produção de forragem), esse efeito é bem maior do que tem sido propalado. Indicam ainda que a tenacidade, com o decorrer do tempo, é de que a eficiência dos fosfatos naturais iguale a dos superfosfatos. Como seu preço é bem mais baixo, sua utilização em pastagens permanentes merece bastante atenção.

Quanto ao Inquérito Andrológico, já foram coletados 460 animais, sendo 294 Bos indicus (zebu), dos quais 26 considerados problemas (apresentando 8,84% dos animais examinados); 151 Bos taurus (europeus), destes, 39 (representando 25,83%) como touros problemas e 15 mestiços, com o percentual de 46,66% considerados problemas. No total, a percentagem de animais-problemas foi de 15,65%.

Os zebuínos mostraram sobretudo carência ou desequilíbrio nutricional e os taurinos principalmente problemas de adaptação.

PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

O FIPEC forneceu recursos à Fundação Educacional que lhe proporcionaram a aquisição de equipamentos agrícolas, a instalação de uma casa de vegetação (com controle de temperatura e

umidade ambientes) e de laboratórios de nutrição animal, análise de solos e análise de sêmen.

Assim, além da realização de trabalhos de pesquisa de campo, casa de vegetação e laboratório, a Fundação tem prestado serviços a pecuaristas e agricultores, estando preparada para aumentar e intensificar essas atividades para atender a uma demanda bem maior do que a atual.

São os seguintes os serviços em questão:

1. Análise de solos e calcários

O atendimento de pedidos de análises de solos tem aumentado gradativamente, já havendo inclusive, alguns convênios com outras Entidades, como o Sindicato Rural de Uberaba, EMATER, EPAMIG - Agências do Banco do Brasil, etc.

Quanto aos calcários, além da análise do conteúdo de cálcio e magnésio, é determinada sua granulometria.

2. Análise de forragem e alimentos

O laboratório de nutrição animal está capacitado para fazer determinação dos teores de proteínas, fibras, extrato etéreo, extrativos não nitrogenados e minerais (destes, o fósforo e o cálcio podem ser analisados separadamente). Até agora a demanda não tem sido muito grande, limitando-se as atividades do laboratório, quase que exclusivamente, à análise de forragens e

alimentos para fins experimentais. Sua capacidade, porém, é bem maior, podendo perfeitamente atender à necessidade dessas análises de toda a região.

3. Exame de touros

Já têm sido examinados touros de diversos criadores. A Fundação está capacitada para atender à demanda da região do Triângulo Mineiro e mesmo de outras partes do país.

Assim, os pecuaristas, antes de colocarem os touros com suas vacas, deveriam pedir seu exame, pois assim evitaríamos surpresas desagradáveis e problemas reprodutivos em seus rebanhos.

4. Distribuição de sementes e mudas de plantas forrageiras

A Fundação Educacional já tem distribuído certa quantidade de sementes e mudas e está aumentando sua área de produção para um atendimento em maior escala. Os interessados em qualquer dos serviços que a Fundação Educacional vem pondo à disposição dos agricultores e pecuaristas da região podem se dirigir à mesma - rua Dom Luiz Santana, 115 - 38.100 - Uberaba - onde poderão obter informações e adquirir sementes e mudas, bem como encaminhar amostras de solos, calcário e plantas para análises ●

CRIADOR: VENHA PARTICIPAR DO GRANDE LEILÃO NACIONAL DOS EXPOSITORES

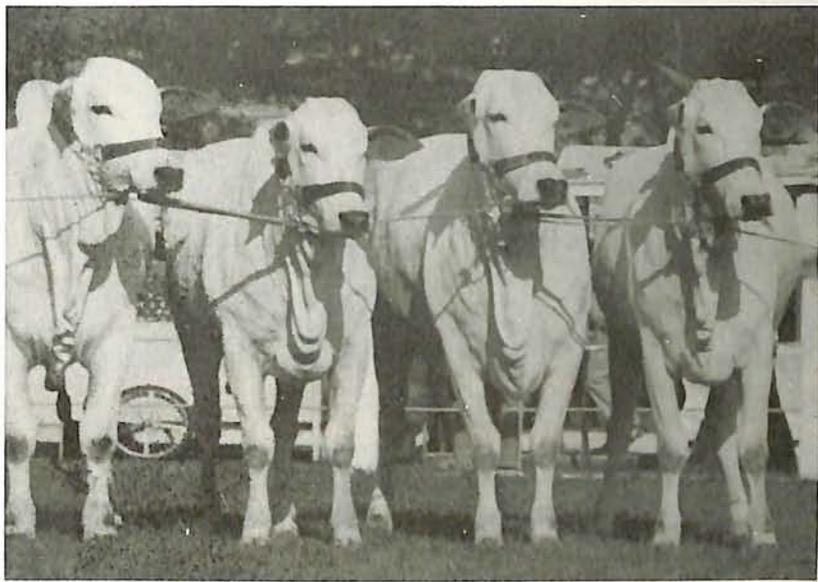
DIA 9 DE MAIO, SÁBADO

Local: Exposição de Uberaba - pavilhão de leilões Horário: 13 horas

Promoção: ABCZ - Organização: LEILOPEC

Maiores informações: sede nacional da ABCZ

RANCHO BRANCO



conj progênie de pai de CHYNAR

Marajá

Maraty I

Conquistou 5 primeiros prêmios.
3 Reservados de Campeões na Expô-Londrina/81.



Granada R.S.

Turbante J.O

Poltrona da Nata

Campeã Potra - Londrina/81.



Berlinda J.O

Tropical J.O

Berlinda J.O

Campeã Égua - Londrina/81.

Rancho Branco — Seleção de Nelore padrão e Mangalarga.

Município de Miraselva - PR
Prop.: Waldemar Neme.
Av. Paraná, 343 - 9.º andar - Londrina - PR.
Fone: 23.5287.

FAZENDA BURACÃO

Exportando para o Paraguai



BANGU DO BURACÃO



GLICINA DO BURACÃO

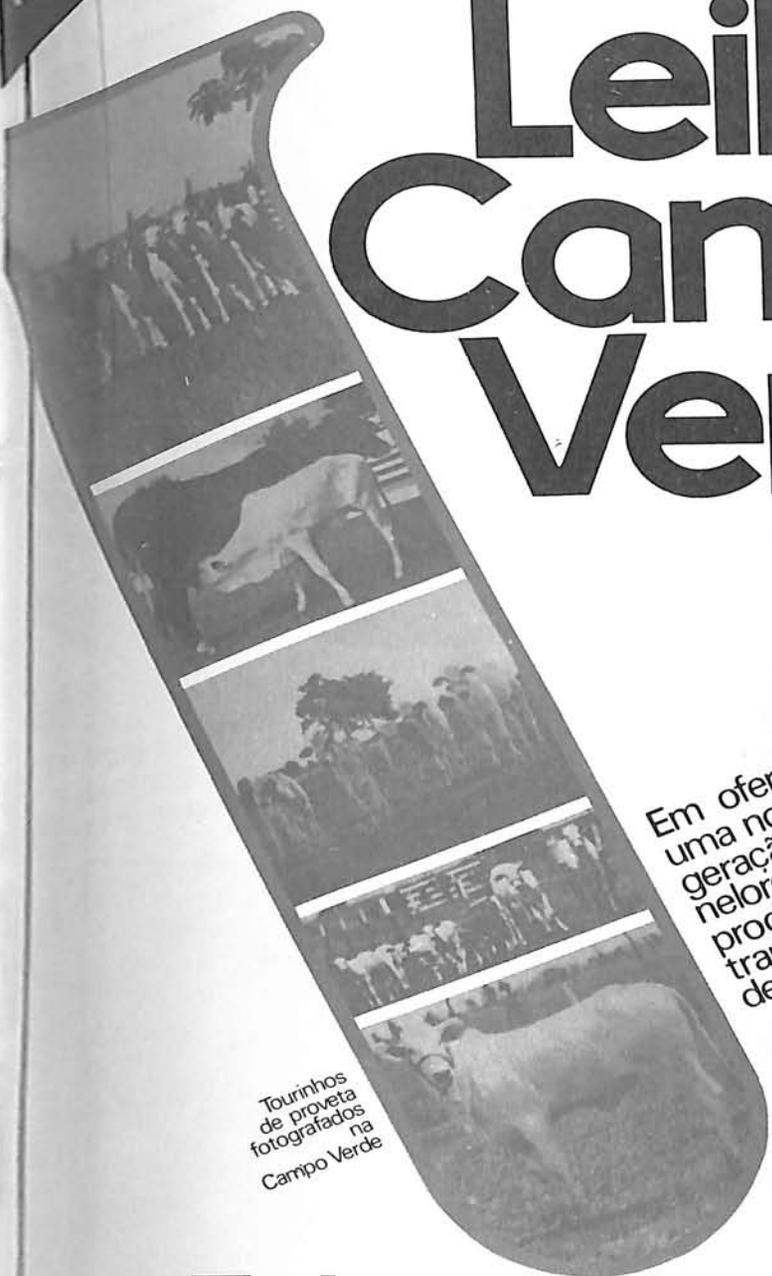
Fazenda Buracão Agrícola e Pecuária Ltda exportou para o Ministério da Agricultura e Pecuária do Paraguai, produtos selecionados pela própria Fazenda, para a melhoria do rebanho daquele País.

A Fazenda Buracão além da seleção de nelore padrão, se dedica também a seleção de gado Couchim e cavalos da raça Árabe, com venda permanente de produtos de alta linhagem

Fazenda Buracão Agrícola e Pecuária Ltda
Caixa Postal n.º 88 - Fone: (0173)225155 - Barretos - São Paulo

FINANCIAMENTO
BANCÁRIO

1º Leilão Campo Verde



Tourinhos
de proveta
fotografados
na
Campo Verde

Em oferta
uma nova
geração de
nelore P.O.I.
produtos de
transferências
de embriões.

169 animais
em 110 lotes
de altíssima qualidade
zootécnica:

Fêmeas P.O.I.	17
Machos P.O.I.	11
Fêmeas P.O.	86
Machos P.O.	55
Total	169

7 de maio – Uberaba

Criadores Participantes:



Campo Verde Empreendimentos Rurais Ltda
/ Newton Camargo Araujo - Faz. Europa
/ Fazenda Dois de Ouro

Parque Fernando Costa - 13HS
4/ª Exposição de Uberaba - 1981

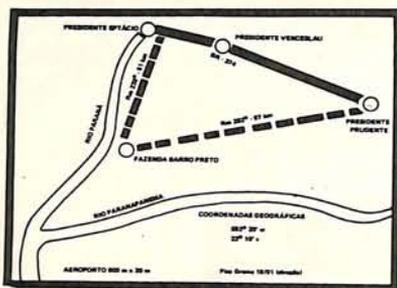
organização



Casa de Criação (Uberaba)

FAZENDA BA

Município de Presidente Epitácio - SP -



OFÍCIO

Reg.: 2337 - Nasc.: 14.02.75

OFÍCIO, reg. 2337, nasc.: 14.02.75, filho de Igamu da S.C. portanto, Ofício é neto de Karvadi-imp. (trazido da Índia e fundador da mais famosa linhagem do rebanho nelore brasileiro). Ofício é padreador das matrizes da Fazenda Barro Preto.

Prop. - Dr. URBANO DE

Rua 12, n.º 332
14620

MARCA

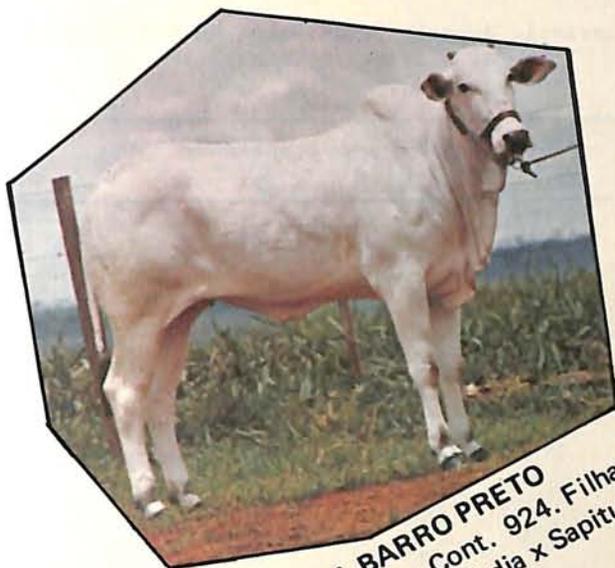


BARRO PRETO

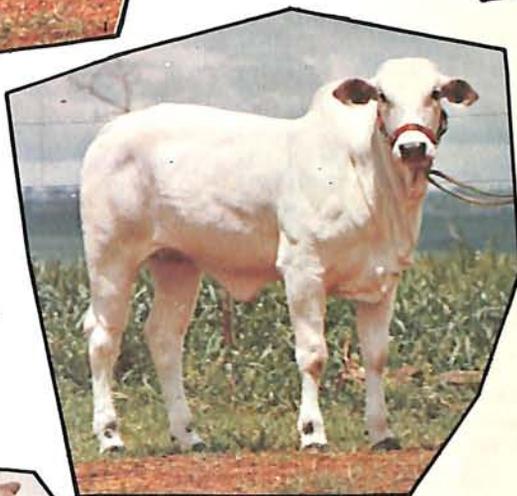
Entrada de Presidente Epitácio - Rosana km 55



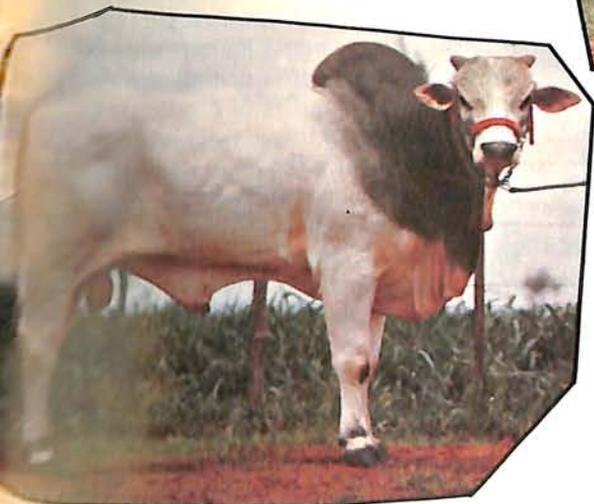
DEMAGOGIA DA BARRO PRETO
Nasc.: 03.08.79 - Cont. 1.010. Filha de Iso da Zebulândia x Orquestra da Bela Olinda.



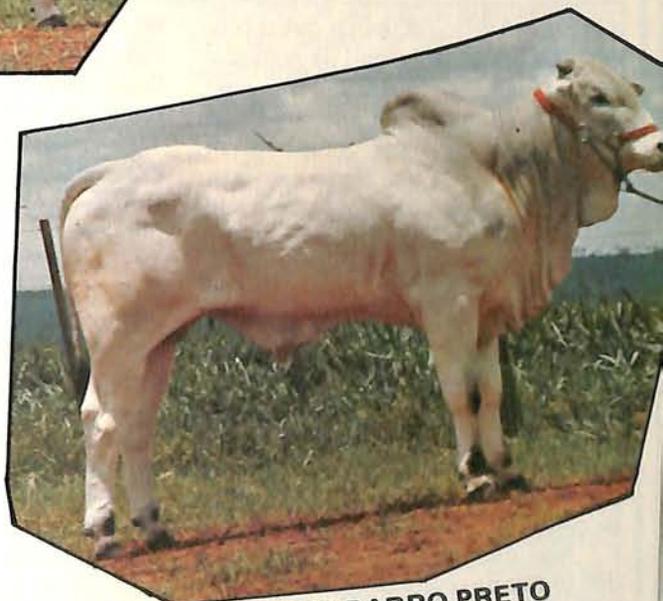
DALAS DA BARRO PRETO
Nasc.: 13.08.79 - Cont. 924. Filha de Firozepur da Nova Índia x Sapituca.



DESCOBERTA DA B. PRETO
Nasc.: 13.08.79 - Cont. 47. Filha de Anandí da N. Índia x Prerrogativa.



DOUZÃ DO PAGADOR
Nasc.: 06.10.78 - Cont. 47. Filho de Taj Mahal I e Ujara Importada.



DEGRAU DA BARRO PRETO
Filho de Firozepur da Nova Índia x Arandela.

ANDRADE JUNQUEIRA

(016) 726.2232
Índia - SP

QUADRO 6

Brasil: Importação de Carne Bovina ^{1/} 1971-79

Anos	Quantidade (t)	Valor	
		US\$ 1000	FOB
1971	5.824	3.718 (638)	
1972	1.008	846 (839)	
1973	1.378	2.783 (2006)	
1974	51.796	70.241 (1356)	
1975	23.973	14.495 (605)	
1976	22.647	15.463 (683)	
1977	25.697	21.782 (848)	
1978	112.605	90.090 (800)	
1979	110.518	148.280 (1342)	

Fonte: Caeex e MF

^{1/} Carne Fresca, Refrigerada ou Congelada - com ou sem ossos

to, já que é difícil acreditar que o consumo de proteína animal, de qualquer origem, deixe de ser praticado, pelo segmento da população que, apesar da faixa crítica de poder aquisitivo em que se situa, ainda tem algo a sacrificar em favor de uma alimentação mais saudável. No entanto, o ajuste de produção requerido para que se altere a relação entre as quantidades produzidas de carne bovina e de carnes alternativas exige um tempo apreciável para sua efetivação. No curto prazo, o boicote acaba resultando em uma procura maior por outras fontes alternativas de suprimento, provocando aumento nos preços da carne de porco, de frango, de peixe e até nos preços do ovo.

Nos últimos anos, a atratividade dos preços do mercado de carnes resultou em um forte incentivo à produção de carnes substitutas à bovina. Apenas para nos situarmos no âmbito da avicultura de corte, o Quadro 9 revela

uma inquietante e progressiva alteração no perfil da produção de carnes no Brasil. No início da década de 70 a produção avícola representava apenas 12% da quantidade de carne bovina produzida. A partir de então, registrou-se um crescimento extremamente pronunciado desse índice: 35% em 1978, para atingir, em 1980, quase 60% (!). Tal fato significa um acirramento da competitividade no setor de carnes. A partir de uma maior flexibilidade em sua estrutura produtiva, a avicultura de corte ganha, seguidamente, novas faixas dos mercados interno e externo. Entre 1978 e 1980, enquanto o consumo de carne bovina caiu cerca de 20%, a população passou a consumir mais 36% de carne de aves, ou seja, o consumo per capita cresceu de 6,4 para 8,7 kg, no período considerado. A presença de um produto de origem animal em condições de competir com a carne bovina constitui o fato novo

no mercado. Assim, o nível de oferta de carne de frangos, nos próximos anos, que coincidirá com o ramo descendente do ciclo pecuário, poderá atuar como um fator adicional de depressão dos preços de carne bovina. Isto porque a última fase de preços baixos (1975/76) desencadeou, mesmo sem a existência de uma carne alternativa no mercado, um processo violento de abate de matrizes. Esse processo poderá, pois, repetir-se de forma mais alarmante no princípio da década de 80. Atualmente, a carne avícola, em termos de preços relativos, é uma carne bastante competitiva à bovina. Além disso, a avicultura dispõe a seu favor de uma estrutura de produção menos influenciável por fatores externos (a dependência maior é do mercado de grãos), enquanto que a oferta de carne bovina depende de uma estrutura mais complexa de produção, passando por diferentes estágios ou categorias (bezerro, boi magro, boi gordo, frigorífico) até chegar ao consumidor final. Em relação à eficiência de tecnologia empregada, a avicultura também leva vantagem sobre a bovinocultura, uma vez que se encontra em estágio comparável ao dos países mais avançados, o que não acontece com a bovinocultura, caracterizada por um baixo desempenho técnico do rebanho.

A maior flexibilidade da produção avícola não significa que a pecuária bovina de corte perderá importância no contexto da produção de proteínas de origem animal no Brasil. A pecuária é uma atividade extremamente essencial não somente pela sua expressiva participação na renda interna do setor agrícola. Trata-se de uma atividade responsável pelo alargamento e abertura da fronteira agrícola do País, propiciando a interiorização do desenvolvimento econômico e social. Na fronteira, o seu caráter extensivo é de grande valia, pois transforma recursos abundantes e relativamente baratos (como a terra e o trabalho) em um produto de apreciável valor unitário (a carne). Nas regiões mais centrais, a pecuária detém um potencial de incremento de produtividade de que, se estimulado, poderia elevar acentuadamente o valor da produção por unidade de área, resultado final do processo de modernização do setor.

QUADRO 7

São Paulo: Quantidade de carne (Kg) adquirida no varejo pelo Salário Mínimo Médio Mensal; 1971-80

Ano/Esp.	Carne Bovina	Carne de Frango	Carne Suína
1971	46,1	69,3	42,6
1972	46,4	55,8	38,0
1973	36,3	47,9	30,9
1974	35,6	46,7	25,7
1975	38,6	56,7	31,2
1976	44,6	57,0	35,5
1977	47,0	62,5	31,6
1978	37,0	57,2	33,7
1979	28,7	50,5	28,6
1980	29,5	57,2	31,1

* incluindo o 13º salário

FONTE: IEA e FGV

QUADRO 9

Brasil: Relação entre as Quantidade Produzidas de Carne de Aves/Carne Bovina;

1970-1980

Ano	Relação de Produção
1970	0,12
1971	0,12
1972	0,15
1973	0,20
1974	0,21
1975	0,22
1976	0,25
1977	0,26
1978	0,35
1979	0,44
1980	0,57

1981: Dificuldades crescentes

A queda de 13,5% verificada no preço real do boi gordo, em 1980, aponta no sentido da configuração de um novo período de queda cíclica das cotações no mercado de bovinos. A perspectiva de continuidade

desse processo de erosão dos preços em 1981, deve merecer a atenção especial das autoridades governamentais. No ciclo atual de preços (ver o Gráfico 2), verifica-se que o período de elevação das cotações perdurou apenas 2 anos, ou seja, 1978/79. Tal situação é contrária ao ciclo imediatamente anterior, onde a fase ascendente prevale-

QUADRO 8

Brasil: Consumo per capita⁽¹⁾ de Carnes Bovina e de Aves; 1970-80

Ano/Esp.	Bovina		Aves	
	Kg	Variação %	Kg	Variação %
1970	18,7		2,3	
1971	19,0	1,6	2,3	0
1972	18,4	-3,2	3,0	30,4
1973	19,1	3,8	4,0	33,3
1974	19,4	1,6	4,2	5,0
1975	19,4	6,2	4,2	9,5
1976	20,6	-3,9	4,6	6,5
1977	19,8	4,0	4,9	10,2
1978	20,6	-1,5	5,4	18,5
1979	20,3	-11,3	6,4	14,1
1980	18,0	-9,4	7,3	19,2
1980	16,3		8,7	

(1) Consumo per capita = produção + importação - exportação: população

FONTE: FIBGE, UBA e MINAGRI



ceu em 5 anos consecutivos. A conclusão que se sobrepõe é que no ciclo mais recente os pecuaristas não tiveram um espaço de tempo que propiciasse uma efetiva capitalização do rebanho. Ou seja, os criadores saíram de uma fase de desaceleração no ritmo de atividade (com a matança indiscriminada de fêmeas) no período 75-77, entraram em um efêmero processo de retenção de ventres, em 78/79, e já se encontram atualmente circunscritos a uma premente necessidade de novamente enviar fêmeas ao abate.

Com efeito, levantamentos efetuados pela Secretaria de Agricultura de Minas Gerais revelam que nos estabelecimentos sob inspeção federal (SIF) do estado o índice de abate de fêmeas saltou de 39% em dezembro/80 para 45% em janeiro/81. Nos demais estabelecimentos (sem inspeção), o índice atinge cifras ainda mais alarmantes. Segundo a pesquisa, a retenção de fêmeas começou a ficar comprometida em novembro próximo passado. Por outro lado, entre as fêmeas sacrificadas é elevada a

incidência de animais prenhes. A perdurar tal situação desestimulante, pode-se antever uma aguda subtração na oferta futura de carne bovina devido à diminuição do número de bezerros e novilhas do plantel.

A depressão dos preços da categoria final, o boi gordo, acaba por espalhar reflexos baixistas mais acentuados sobre o patamar de preços das categorias mais jovens. Com os invernistas retraindo-se do mercado e diminuindo o nível de reposição do rebanho, os segmentos de cria e recria acabam sendo mais afetados economicamente, como demonstra o estudo sobre os custos da produção da pecuária de corte, apresentado em anexo.

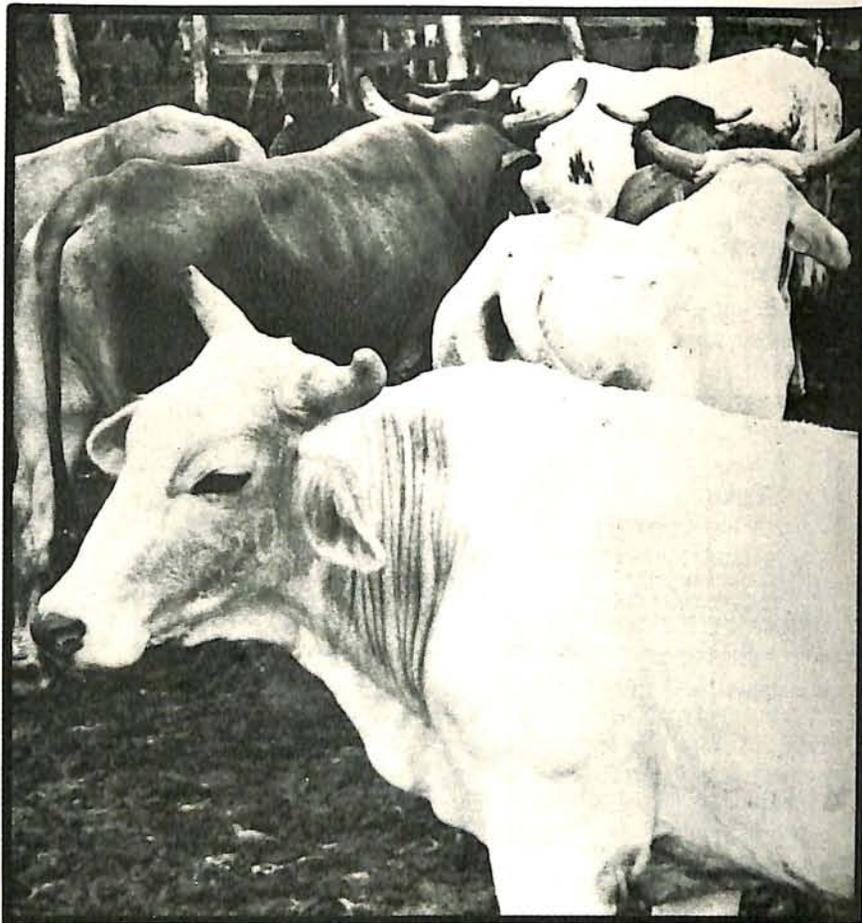
Evidentemente, essa fase de desincentivo à produção deve ser objeto de maior atenção por parte do governo. Uma crise de preços para os produtores no momento presente, significa um período espinhoso para os consumidores no futuro próximo. Nesse sentido, a situação atual é propícia para o estabelecimento de bases coerentes e estáveis para o setor pecuário, com a finalidade precípua de buscar a desejável estabilidade do mercado.

A PECUÁRIA DO FUTURO: RACIONALIDADE E PARTICIPAÇÃO

Democratizar a participação

As considerações traçadas ao longo da presente análise desaguardam na extrema necessidade de uma rearticulação nos instrumentos governamentais de intervenção sobre a pecuária. Tal premência torna fundamental a democratização do processo de formulação de políticas, mediante a participação efetiva dos diversos segmentos envolvidos no fluxo que vai da produção até o consumo. Assim, deve-se garantir o acesso de produtores e consumidores a toda sorte de informações e decisões envolvendo a política de abastecimento de carne bovina, que, atualmente, são privilégios apenas das autoridades governamentais e de um reduzido contingente de representantes de frigoríficos e supermercados.

A ABCZ entende que para um planejamento condizente com a realidade



agropecuária brasileira é necessária a existência de verdadeiros "elos de ligação" entre a atividade governamental e as aspirações classistas, inclusive os setores tecnológico e de pesquisa. O cotejo de opiniões e o consenso das representações, certamente equilibradas, é o caminho natural para se traçar as diretrizes básicas da política econômica, em geral, e da política agrícola, em particular. Assim, aos planos e estratégias oficiais deve-se apor o aval da representação corporativa da agricultura brasileira. Ainda mais: a função dos planos governamentais agropecuários não seria preparar soluções outorgadas, e sim, a de ajustar as aspirações classistas — já definidas previamente — às metas globais da Nação.

Incentivar a produção: mais produtividade

A tendência histórica de preços ascendentes da carne bovina é um fator de desestímulo à ampliação do consumo interno, atualmente muito aquém das reais necessidades da população e

do nível imperante em países como os EUA, a CEE, a Argentina, o Uruguai, a Austrália, etc. Nesse sentido, a fórmula elementar para o crescimento do rebanho e da produção é o investimento em fatores de elevação da produtividade do plantel do país. Além da necessidade de um incentivo natural à pecuária seletiva, é indispensável a sensibilização do governo para com as atividades de cria e recria, que são segmentos cruciais para a ampliação do rebanho e a elevação da produtividade.

A pecuária está a requerer um planejamento de longo prazo que dê aos criadores condições de aumentar a precocidade e a eficiência de seus rebanhos de uma forma geral. Uma sugestão nesse sentido, afóra os caminhos sugeridos no documento da ABCZ denominado "Considerações sobre a necessidade de um projeto de apoio à Pecuária Seletiva", seria o imediato estabelecimento de um programa de aporte creditício que vinculasse o financiamento à vaca com cria (não desmamada) em pé, por um período de 12 meses. Nesse caso, haveria um incentivo à

produção de novas fêmeas mais precoces e produtivas. Além disso, a vaca financiada poderá ser reapresentada para novo financiamento a cada ano, desde que tenha cria nova. Dando incentivo à vaca produtiva, estão sendo focalizados todos os fatores que atingem a produção pecuária — alimentação (pastagens e suplementos), sanidade, fertilidade e precocidade, qualidade genética e manejo. Assim, incentivando a uma vaca de cria, torna-se possível, desde que o incentivo fosse suficiente, prescindir de fórmulas de financiamento mais complicadas, simplificando grandemente a operação.

Implementar uma verdadeira política de estocagem reguladora

Os três capítulos iniciais desse estudo nos remetem no sentido da compreensão dos pressupostos básicos e das vantagens e limitações de uma verdadeira política de estoques reguladores. A análise retrospectiva dessa "política" no Brasil, apresentada no capítulo IV, sedimenta a conclusão de que a estocagem vem sendo mais um instrumento da tentativa governamental de reduzir o impacto da alta dos preços da carne bovina sobre os índices de preços. Os aspectos relacionados ao programa de estocagem, sob a ótica dos produtores, são os que mais reforçam a necessidade de "democratizar a participação", levantada anteriormente. Na verdade, as diretrizes da "política" de estocagem vêm sendo conduzidas a portas fechadas, sem que a representação de produtores e consumidores tome assento à mesa de negociações. Além disso, uma determinada parcela de frigoríficos tem sido, também, aliada da formulação dessa política. Por outro lado, jamais se cogitou da possibilidade de estender a distribuição de carne congelada dos estoques oficiais à enorme gama de consumidores localizados na periferia das grandes regiões metropolitanas, atendidos, em expressiva parcela, pela rede de açougues. Depreende-se do exposto, a notória necessidade da abertura do debate a todos os setores envolvidos no abastecimento de carne bovina.

Um segundo ponto se destaca no processo de implementação de um ver-

dadeiro programa de estocagem regulador: trata-se da adequação do programa aos fenômenos de estacionalidade e ciclo da atividade pecuária. A experiência tem mostrado que a "política" posta em prática nos últimos anos não tem relevado tais peculiaridades. Na fase de forte declínio dos preços da carne bovina, 1976-77, prevalecia a ilusão do "pleno abastecimento", dada a maior oferta de carnes devido ao intenso abate de matrizes. Nesses anos, os estoques formados pelo governo subiram acentuadamente, mas não foram suficientes para evitar que os preços verdadeiramente despencassem. Em tal período, teria sido oportuno que o governo lançasse mão de um programa de estoques ao longo do tempo, um programa dinâmico, que ampliasse o seu cacife na tentativa de refrear o movimento altista dos preços que, àquela altura, já era esperado para os anos seguintes. Assim, a característica fundamental de um programa de estoques estratégicos seria o seu efeito anti-cíclico.

Relativamente à estocagem dentro de um mesmo ano, deve-se argumentar que o programa, da forma como vem sendo conduzido, não atende aos pressupostos básicos de uma política de estoques reguladores. Os recursos aplicados, ano a ano, na "Estocagem COBAL" atendem basicamente aos interesses dos frigoríficos, pela ampliação do seu poder de manipulação dos preços. Os consumidores, com a liberação do produto na entressafra, são favorecidos pela aquisição da carne a um preço subsidiado.

Para os produtores, a estocagem tem sido uma faca de dois gumes, pois a entrada do governo no mercado comprador, nem sempre é acompanhada da certeza do recebimento de preços remuneradores. A verdadeira cortina de fumaça que envolve a definição do volume de aquisição, dos preços, das condições e dos estabelecimentos frigoríficos formadores do estoque, acaba por impedir que o produtor tenha suficiente transparência do mercado no período de safra. Assim, ele fica a mercê do imponderável e passa a conviver com dificuldades para o estabelecimento da melhor estratégia de vendas. Evidentemente, tais entraves acabam se espa-

lhando sobre os segmentos de cria e recria, dificultando o planejamento das atividades.

Assim, dentro de um planejamento indicativo da política de estocagem torna-se necessário que os diversos setores nela envolvidos tenham prévio conhecimento daquelas diretrizes fundamentais norteadoras do programa. Além disso dentro de um princípio de liberação da estocagem, não se justifica que os estoques sejam compostos tão somente pela COBAL, pelos frigoríficos e pelas cooperativas. Seria oportuno que aos pecuaristas igualmente interessados fosse facultado o direito de participar do programa, mediante a implantação de uma sistemática similar à utilizada pelos produtores agrícolas, onde os estoques são financiados através de faixas operacionais do tipo EGF — Empréstimo do Governo Federal.

Além dos tópicos anteriormente alinhavados o êxito de uma política de estocagem depende também de alguns fatores importantes como:

— a definição de um volume de recursos suficiente para a composição de um montante de estoques adequado, não somente ao objetivo de regularização do abastecimento na época da entressafra, como também aos referidos aspectos de uma política anti-cíclica de preços. Para tanto, é importante que não haja solução de continuidade no fluxo de recursos e que as operações de crédito sejam executadas de forma ágil e dinâmica.

— a formação de estoques com carne desossada. Sem dúvida, esta é a forma mais racional e econômica, uma vez que a ossatura representa cerca de 25% do volume e dos custos de estocagem, onerando, adicionalmente, os gastos com o transporte do produto. Além desses dispêndios de recursos, essa forma de armazenagem possibilita o aproveitamento mais racional dos resíduos. Grande parte desses resíduos seriam, então, destinados às indústrias químicas, que, paradoxalmente, são forçadas a importá-los, face ao desperdício generalizado observável em todas as regiões do país. Para 1981, a estratégia oficial prevê que boa parte de desconhecimento montante será estocada com carne desossada, visando a im-

plantação do processo de tipificação de carcaças.

— a experiência do passado recente comprovou não só a ineficácia da proibição, como também o fato de que as carnes verde e congelada convivem perfeitamente no mercado. Desde que haja um diferencial de preço equilibrado entre os dois tipos de carne, existirá estímulo suficiente ao consumidor para a aquisição do produto congelado. O que não se pode pretender é que os dois produtos, que o consumidor diferencia por certos aspectos de qualidade, obtenham o mesmo preço. A criação de incentivos à ampliação dos abates no período de entressafra é um importante mecanismo de auxílio à obtenção de incrementos na taxa de desfrute do rebanho brasileiro. Tais estímulos se justificam quando se considera que a interrupção do fornecimento de carne verde na entressafra cria condições para uma desestabilização cada vez maior do volume mensal de abates ao longo do ano, provocando flutuações excessivamente altas no nível de renda mensal dos produtores, além de inibir progressivamente todos os empreendimentos na área do confinamento do boi em pé.

Brasil: preços e mercado externo

A ABCZ considera que a vocação pecuária de longo prazo do Brasil seja a de se tornar um grande exportador de carne. Nesse caso, a adoção de uma política de importações resulta em desestímulo à produção interna (os exemplos recentes dão conta da inoportunidade dessa estratégia). É bem verdade que, em certas conjunturas internacionais, o preço interno pode ser superior ao preço internacional. Este fato, no entanto, não justifica por si só a realização de importações. Em geral quando o preço interno supera o externo, essa conjuntura resulta, via-de-regra, de uma política de contenção de gastos dos países importadores. Por consequente, não se trata de uma redução de custos realizada por outros exportadores via mudança tecnológica. Destarte, a produção interna deve ser preservada da manipulação do mercado internacional, protegendo-se o de-



Leilão de Gado de Corte em Uberaba-MG.

envolvimento normal da pecuária nacional. Se, por outro lado, as importações são em pequenas quantidades, embora o preço interno de carne não seja grandemente afetado, os órgãos de Imprensa são capazes de criar um desestímulo psicológico no setor, permeando de pessimismo as expectativas futuras dos pecuaristas. Nesse rol se incluem as chamadas "importações polfíticas" autorizadas pelo Governo.

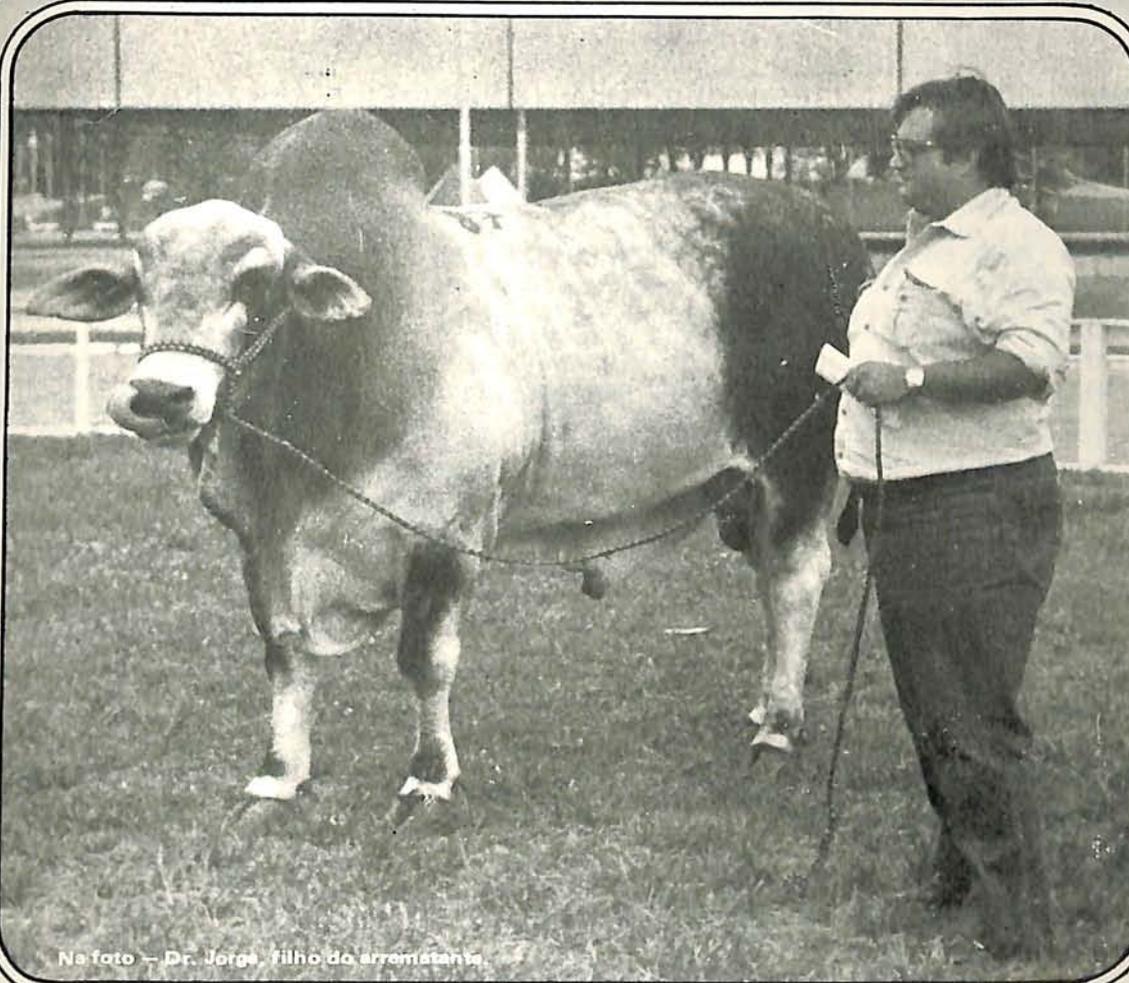
Finalmente, devemos analisar o papel das exportações como evento capaz de modificar o preço e o abastecimento interno. Embora o país se encontre em uma incômoda posição em termos do equilíbrio da balança comercial, a adoção de uma estratégia nitidamente exportadora de carne bovina deve respeitar algumas considerações preliminares. Não se deve perder de vista que não se trata apenas de exportar um bem de consumo. A carne é um importante fator de produção. Pela ingestão dos elementos nutrientes contidos na carne é que o homem brasileiro converte esse fator de produção "carne" em energia, capacidade de concentração, resistência física e psíquica. Não podemos, portanto, meramente computar como benefício líquido de uma operação de exportação as divisas recebidas, sem antes deduzir as perdas nutricionais decorrentes dessa exportação.

Destarte, enquanto drásticos avanços tecnológicos não viabilizarem um

aumento substancial da oferta de carne bovina, seria medida impensada acenar aos produtores com grandes ganhos especulativos oriundos de conjunturas internacionais favoráveis à exportação, enquanto se agrava o pesado ônus pago pela população sob-nutrida. Pelo contrário, a medida acertada será promover um melhor desempenho técnico da produção capaz de assentar as bases do setor pecuário como futuro grande exportador de carne bovina. Enquanto isso não ocorre, o abastecimento interno deve ser protegido pelo controle direto às exportações. As flutuações do preço internacional não devem refletir internamente.

Não obstante a prioridade ao abastecimento interno, convém permitir ao setor da pecuária bovina o acesso normal ao mercado externo, em conformidade com a implantação de uma verdadeira política de livre mercado. Da mesma forma, é lícito entender que numa conjuntura de excesso de oferta como a experimentada atualmente, a atividade empresarial voltada à exportação deve ser estimulada, criando-se condições para uma maior penetração brasileira nos mercados internacionais de carnes frescas, refrigeradas, congeladas e do produto industrializado. A oportunidade desses estímulos cresce em importância quando consideramos a expressiva sobrevalorização cambial acumulada desde a maxidesvalorização efetuada no final de 1979.

recorde !!!



Na foto - Dr. Jorge, filho do arrematante.

Maior preço alcançado por um nelore mocho em leilões no BRASIL. IGNORANTE DA CEITACORE

Bateu nesta Exposição Feira o Recorde em Nelore Mocho em Leilão do Brasil ao ser arrematado pelo Dr. Angelo Martins Bastos Filho, renomado pecuarista de Uruguaina pelo preço de Cr\$ 400.000,00.

Relação dos títulos conseguidos por Ignorante da ceitacore RG H4253. nasc.: 08.02.77.

1979 - Ponta Porã - MS.
Campeão Júnior e 1.º lugar em Progenie de Mãe

Dourados - MS.
Campeão Júnior; Grande Campeão e 1.º lugar Progenie de Mãe

Bela Vista - MS.
Campeão Júnior; Grande Campeão e Campeão Tipo Frigorífico.

1980 - Ponta Porã - MS.
Reservado Campeão Touro Jovem

Dourados - MS.
Reservado Campeão Touro Jovem; Reservado Grande Campeão e 1.º lugar Progenie de Mãe

Maracajú - MS.
Campeão Touro Jovem; Reservado Grande Campeão e 1.º lugar Progenie de Mãe.

Presidente Prudente - SP.
Reservado Campeão Touro Sênior

ESTEIO RS. 1.ª EXPOSIÇÃO FEIRA DE ZEBU.
Campeão Touro Sênior e Grande Campeão.

CRIAÇÃO E SELEÇÃO DE NELORE MOCHO

Fazenda Sta Lúzia

END.: RUA JOÃO ROSA, GOES, 1395
FONES: 421.5056 e 421.3857 - DDD 067

CAARAPÓ (MS)

PROP.: DR. CÉLIO VILLELA DE ANDRADE



COMUNICAÇÃO SOCIAL

Em reunião realizada no dia 23 de Março de 1981 a ABCZ resolveu contratar os serviços de Relações Públicas e Assessoria de Imprensa da LVB&A Comunicação e Propaganda.

A LVB&A é uma agência com atuação nacional e também internacional. Em Uberaba e LVB&A tem como correspondente a GR 1.000 - ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO, agência de prestação de serviço com três anos de atuação no Triângulo Mineiro.

A contratação, segundo Manoel Carlos Barbosa, presidente da ABCZ, aconteceu devido aos excelentes trabalhos apresentados pela agência e a objetividade usada nas soluções dos problemas ligados a Agropecuária, como também a capacidade de atendimento a nível nacional.



DELFIN RECEBE MANOEL CARLOS BARBOSA

Representando criadores que se responsabilizam praticamente por 80 por cento do rebanho brasileiro de bovinos, o presidente da ABCZ - Associação Brasileira dos Criadores de Zebu, Manoel Carlos Barbosa entregou ao Ministro Delfim Neto um estudo em que propõe uma série de medidas a médio e longo prazos

para fortalecimento da pecuária de corte e benefício do mercado de carne.

O documento elaborado pelos pecuaristas afirma que até o momento a ação governamental foi preponderantemente conjuntural, de curto prazo, levada a efeito em função de interesses imediatos da política econômica, como o controle inflacionário e o equilíbrio da balança comercial. Essas medidas conjunturais desestimulam o setor forçando os pecuaristas a venderem matrizes (vacas de cria) numa atitude que gera crise cíclica no mercado de carne.

Na oportunidade, ainda, o presidente da ABCZ manteve contatos com outras autoridades governamentais, quando teve a oportunidade de fazer a entrega de um trabalho de análise sobre a atual situação do abastecimento de carne bovina no país.

ABCZ - AGORA COM COMPUTADOR

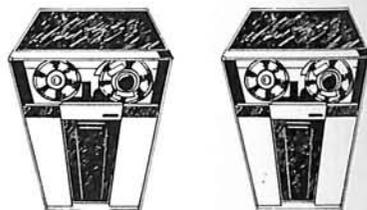
Já está em implantação o Sistema de Computação adquirido pela ABCZ, junto a Labo Eletrônica.

Segundo Reginaldo Lacerda, gerente do CPD, o novo Sistema virá agilizar operações de registro genealógico, bem como as atividades administrativas da associação.

O Sistema tem a seguinte configuração: uma unidade Central de processamentos com capacidade de 128* Kilobytes de memória; uma unidade de fita, com capacidade de gravação de 1.600 BPI, duas unidades de disco com a capacidade total de 160 megabytes; uma impressora, com capacidade para imprimir 300 linhas por minuto e 4 terminais de vídeo.

Toda a implantação do Sistema foi coordenada pelo Dr. Antônio Forjaz, chefe do BINAGRI - Biblioteca Nacional de Agricultura.

Oficialmente o Centro de Processamentos de Dados, deverá se inaugurar no próximo dia 07 de Maio, com a presença do Presidente da República, João Figueiredo, do Ministro do Planejamento, Delfim Neto e da Agricultura, Amauri Stabile.



SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

Na área administrativa o CPD atenderá as divisões de controle financeiro, secretaria, setor de pessoal e outros.

Na área de controle financeiro serão processados os dados relativos a contabilidade geral, contas a pagar e a receber.

Na área de Secretaria, os serviços abrangerão o protocolo de correspondências e o controle de associados e assinantes da Revista ABCZ.

Dentro do setor pessoal serão processadas as folhas de pagamento de funcionários e outros serviços menores.

SERVIÇOS TÉCNICOS

Foi contratada a Empresa Consulta, "Soft House", com sede em Brasília, para elaborar a estrutura básica de um Banco de Dados que conterá todas as informações pertinentes aos Registros Genealógicos e Provas Zootécnicas.

Segundo Ivo Ferreira Leite, chefe de Divisão de Provas Zootécnicas da ABCZ, o CPD dinamizará e aperfeiçoará os serviços de registro na parte de conferência e fornecimento de genealogia e dados de produção.

Inicialmente serão proces-



sados apenas os serviços dos criadores atendidos diretamente pela sede da ABCZ e após a implantação e teste, os serviços serão expandidos para os escritórios e entidades sub-delegadas. Acredita Ferreira Leite que a partir de 1983, todos os escritórios começarão a ser atendidos.

Quanto ao controle de Desenvolvimento Ponderal, que vem sendo processado em computador de menor porte, alugado, deverá até o final deste ano, ser convertido para novo Sistema, com atendimento nacional.

MICROFILMAGEM

No segundo semestre do ano passado, a ABCZ assinou um convênio com a BINAGRI - Biblioteca Nacional do Ministério da Agricultura.

Este convênio é um acordo, uma troca de informações, uma colaboração mútua entre ABCZ e BINAGRI.

Através deste convênio, nasceu a viabilidade de se reimplantar na ABCZ o Sistema de Microfilmagem, integrado ao Centro de Processamento de Dados.

O Sistema de Microfilmagem possibilitará o arquivamento de toda documentação, acumulados ao longo de 43 anos de serviço genealógico.

Para o nosso diretor administrativo, Dr. Eduardo Nogueira Borges, as vantagens da microfilmagem são inúmeras, pois além de reduzir o arquivo em cerca de 2.000%, ele ficará de manuseio mais acessível, a duração de um filme pode chegar até 500 anos e o que é mais importante salientar, nós nunca perderemos o nosso maior patrimônio: a nossa memória.

**FEIRA DE BEZERRO
DE CORTE**

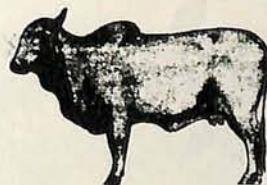
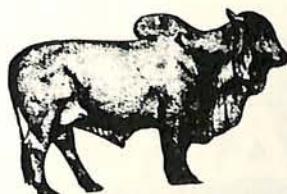
De 22 de Abril à 26 de Junho, em 10 etapas diferentes, realizar-se-á a III.^a Feira de Bezerros de Corte, onde deverão ser comercializados aproximadamente 30.000 (trinta mil bezerros), em diversas fases e diversas cidades. A feira é uma iniciativa da EMATER-MG e será dirigida este ano, pelo Coordenador Estadual da Bovinocultura de Corte, Sr. José Alberto de Avila Pires.

Duas destas etapas, a de 7 de

junho que será realizada em Uberaba e a de 11 do mesmo mês que será realizada no município de Unaí, serão organizadas pela Leilopez, empresa de leilões da qual a ABCZ participa. Segundo Cristiano Prata Rezende, diretor da empresa leiloeira, esta será uma excelente oportunidade para os criadores da região do Triângulo Mineiro realizarem excelentes negócios.



CURSO INTENSIVO DE JULGAMENTO DE ZEBUÍNOS



Período - de 06 a 10 de julho - 81

Local - ABCZ - Uberaba - MG

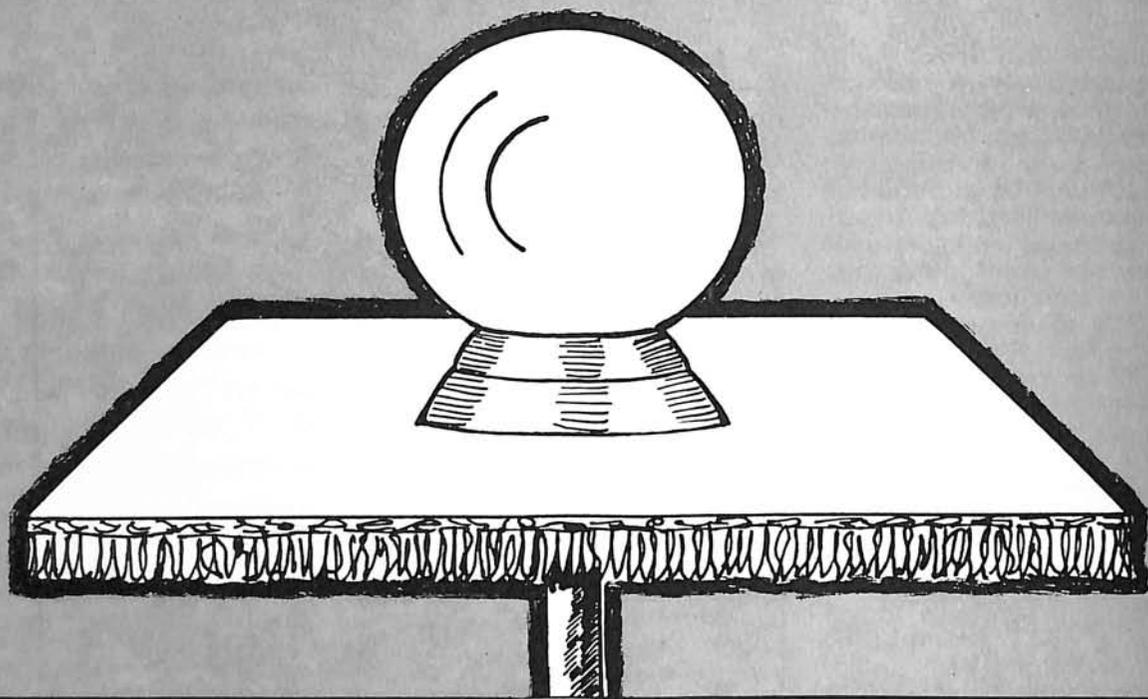
Início das inscrições - 01.05.81 na Secretaria Geral da ABCZ

Custo de inscrição - Cr\$ 8.500,00

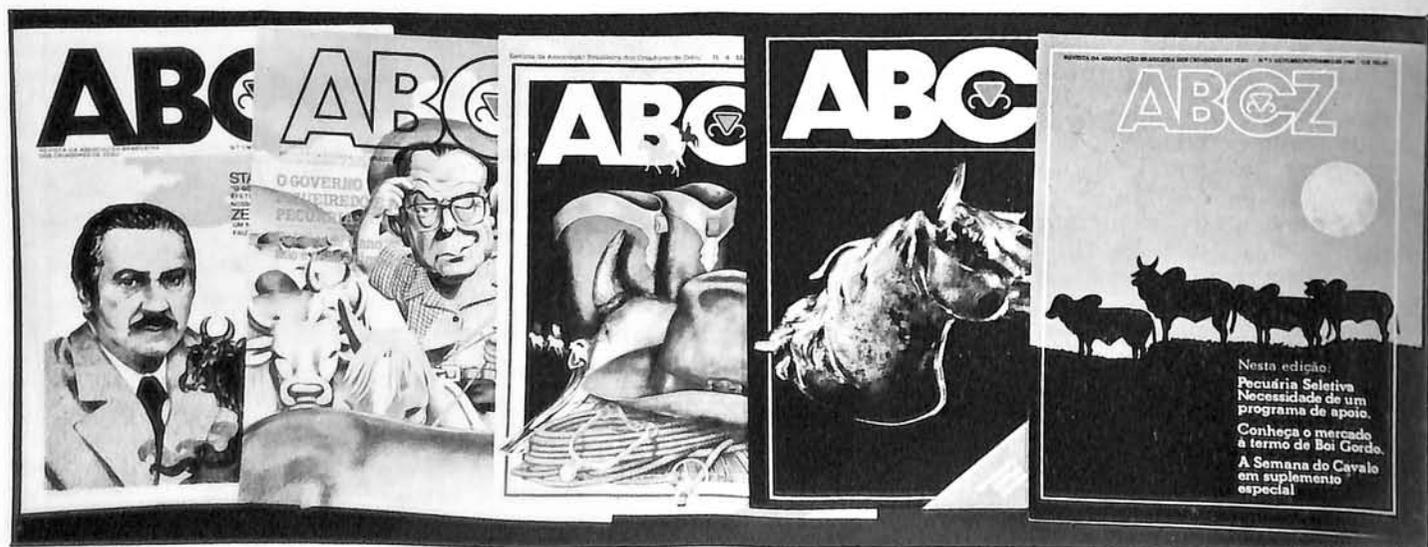
Nº de vagas - 100

Promoção ABCZ - Departamento Técnico

NÃO TEMOS BOLA DE CRISTAL...



...MAS ATINGIMOS SEUS OBJETIVOS.



Nesta edição:
Pecuária Seletiva
Necessidade de um
programa de apoio.
Conheça o mercado
a termo de Boi Gordo.
A Semana do Cavalo
em suplemento
especial

REVISTA 

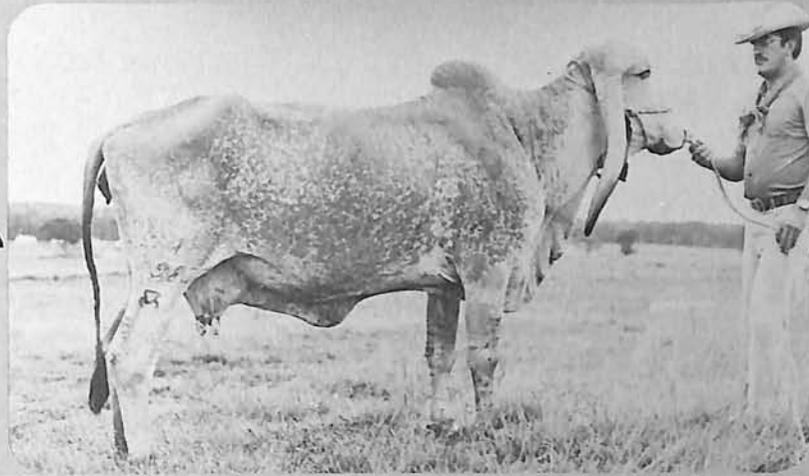
ABCZ

Praça Vicentino Rodrigues da Cunha,
s/n.º - Caixa Postal, 71
Fones (034) 332-1590-332-2732.
332-3900 e 332-0174 - Telex: (034) 8138
ABCZ-BR - CEP: 38 100 - Uberaba - MG.

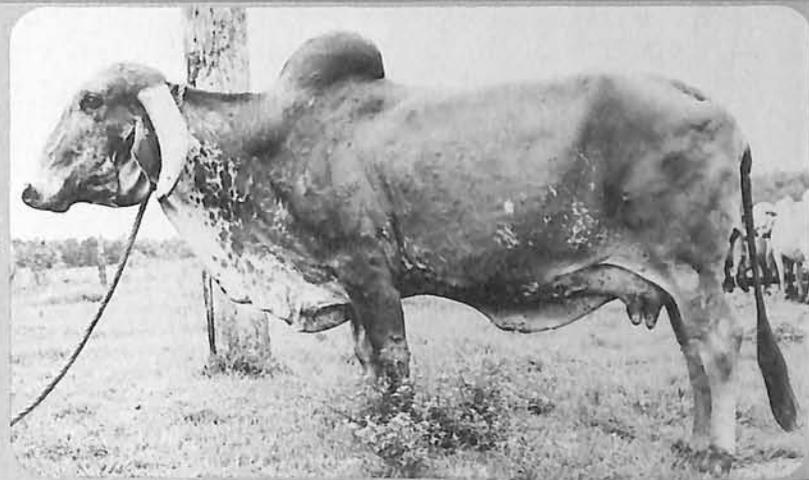
AS FILHAS DE CZAR

apresentamos aqui, tres filhas
de um grande raçador... *CZAR.*

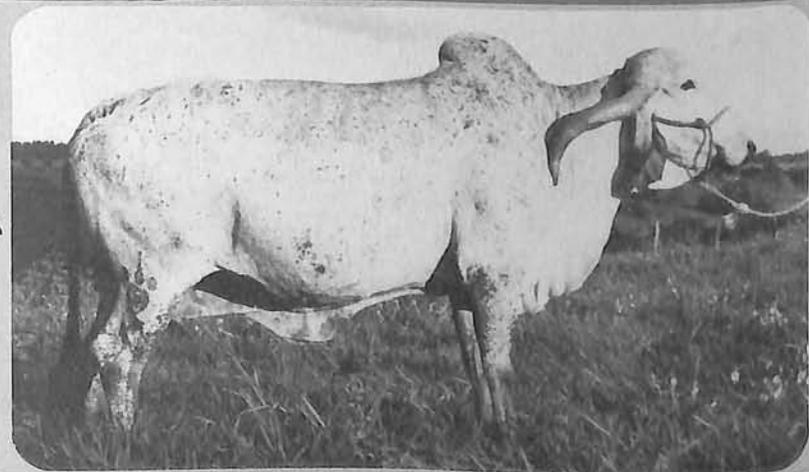
OLIMPIÁDA



CINDERELA



ARAUNA



FAZENDA AMERICANA

Prop.: Zeid Sab - Rodovia Castelo Branco, 234 - Itatinga - SP - Corres-
pondência: Rua Rodrigues do Lago, 475 - Fone: 22.08 15 - Botucatu/SP

AGRO PECUÁRIA BOA VISTA S/A

AGRO PECUÁRIA BOA VISTA S/A.

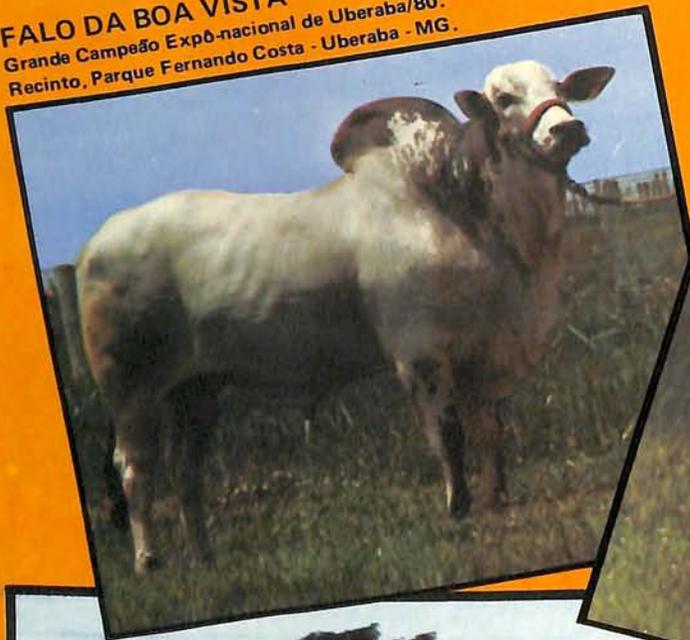
Km 417 - Rodovia Brigadeiro Faria Lima - Barretos - SP.

Vendas em leilões e também
na Fazenda Boa Vista
Distante 4 km de Barretos
SP e a 100 m do asfalto
Tel (0173) 22.2928.

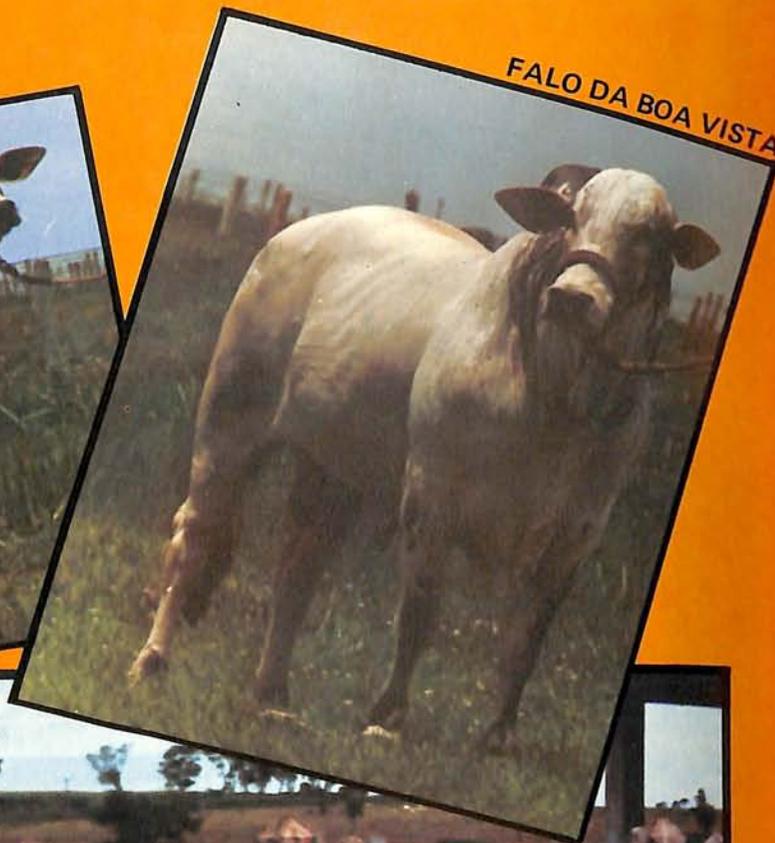
**FOCALIZANDO OS GRANDES CAMPEÕES DE EXPOSIÇÕES
COM PROJEÇÃO INTERNACIONAL**

FALO DA BOA VISTA

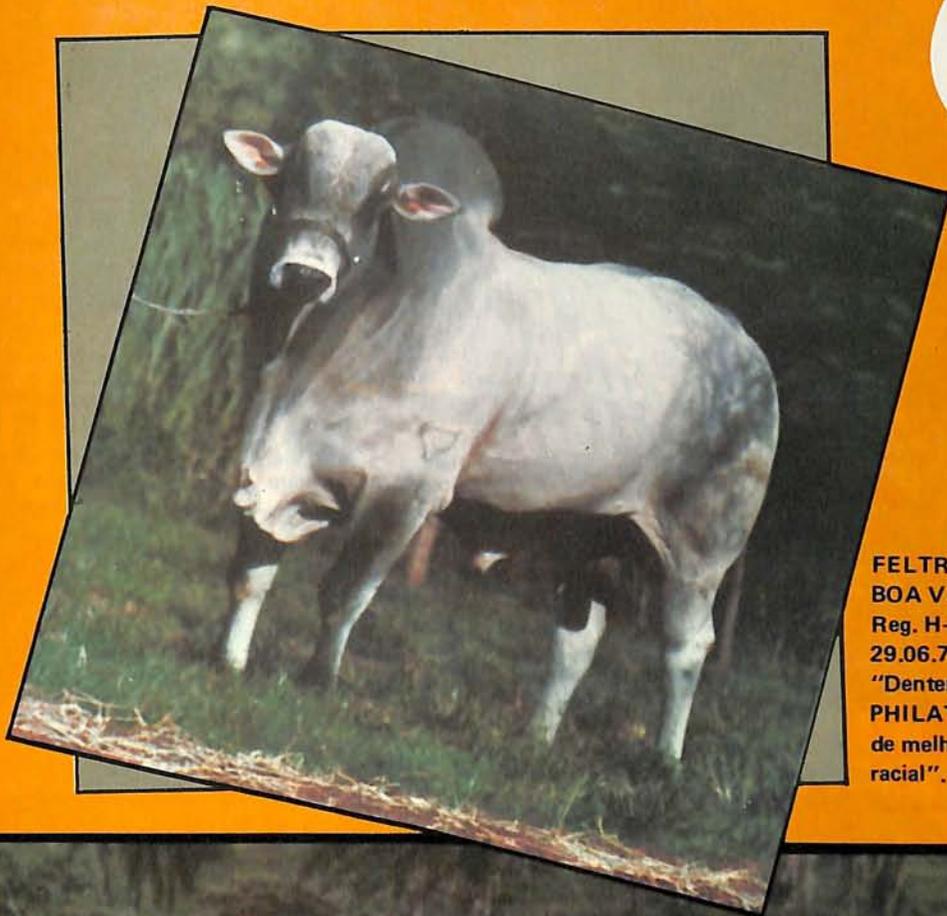
Grande Campeão Expô-nacional de Uberaba/80.
Recinto, Parque Fernando Costa - Uberaba - MG.



FALO DA BOA VISTA



ALGUNS PRODUTOS DE FALO DA BOA VISTA RECÉM DESMAMADOS, FUTUROS CAMPEÕES.



**FELTRO DA
BOA VISTA**
Reg. H-1077 nascimento
29.06.77
"Detentor do Troféu
PHILATES TIBERY,
de melhor caracterização
racial".



**"GRANDE CAMPEÃO X EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE NELORE/81 PARQUE DA ÁGUA
BRANCA - SP."**



DIRETORIA DA ABCZ

DIRETORIA DELIBERATIVA

Manoel Carlos Barbosa - Presidente - Edilson Lamartine Mendes - 1º Vice-Presidente - José Fernando Borges Bento - 2º Vice-Presidente - Renato Miranda Caetano Borges - 3º Vice-Presidente - Arnaldo Manuel de Souza Machado Borges - Diretor - Cláudio Sabino de Carvalho - Diretor - Cristiano Prata Rezende - Diretor - Elias Cruvinel Borges - Diretor - Márdônio Prata dos Santos - Diretor - Mário de Almeida Franco Júnior - Diretor - Mário Gomes Carneiro - Diretor - Newton Camargo de Araújo - Diretor - Ovídio Carlos de Brito - Diretor

DIRETORIA EXECUTIVA

Manoel Carlos Barbosa - Eduardo Nogueira Borges - Rômulo Kardec de Camargos - Manoel Eugênio Prata Vidal.

CONSELHO FISCAL

Maurício Rodrigues da Cunha - Paulo Miguel de Mesquita - João Francisco Naves Junqueira - Domingos Alves Gomes - Francisco Ferreira Maia.

Suplentes

Euripedes Alves Carvalho - Joaquim José Martins Borges - Pedro Rocha de Oliveira - Randalpho Mello Rezende - Edésio Cruvinel Borges.

CONSELHO DIRETIVO

Alagoas

Carlos Fernando Vilar Coutinho - Emílio Elizeu Maia de Omena - José Nogueira Filho.

Bahia

José Ferraz de Oliveira Gugé - Otávio Machado Neto - Angelo Calmon de Sá.

Ceará

Cleudson de Araújo Rangel - João Gomes Granjeiro - Valzenir Rodrigues de Castro.

Distrito Federal

Julio Quirino da Costa - Nuri Andraus Garsani - Geraldino Tito Rodrigues da Cunha.

Espirito Santo

Haroldo Brunow Fontenelli da Silveira - Paulo Nicolau Lindenberg Von Shilger - José Rubens de Mendonça Ochôa.

Goiás

Silzelizio Simões Lima Filho - Manoel dos Reis e Silva - João Hissassi Yano.

Maranhão

Francisco Manoel de Oliveira Filho - Henrique Martins Durans - José Ribamar Moreira Lima.

Mato Grosso

Adilson Cresta - José Lúcio Rezende - Hely Caetano Ribeiro.

Mato Grosso do Sul

Rachid Saldanha Derzi - Gustavo Adolfo Pável - Hélio Martins Coelho.

Mirias Gerais

Antonio Ernesto Werna de Salvo - Paulo Feroia da Silva - Alberto Laborne Vale Mendes.

Pará

Domingos Nunes Acatauassu - Guilherme de Souza Castro Cardoso - Liberato Magno da Silva Castro.

Paraíba

Arthur Freire de Figueiredo - Humberto Cêzar de Almeida - João Roberto Leite.

Paraná

Manoel Campinha Garcia Cid - Renato Aranha Mesquita - Luiz Roberto Neme.

Pernambuco

Ismar Gomes do Amorim Filho - José Nivaldo Barbosa de Souza - Rofolfo de Andrade Moraes.

Piauí

Hélio Fonseca Nogueira Paranaçuá - Rupert Macieira Gonçalves - Mariano de Almeida Gaioso Castelo Branco.

Rio de Janeiro

Antonio G. Calçado - Marum Jazbik - Fritz Udenberg.

São Paulo

Alcides Prudente Pavan - José Luiz Niemeyer dos Santos - Tarley Rossi Vilela.

Sergipe

Ovídio Teixeira - Paulo Fortes Gonçalves - Antonio Carlos Leite Franco.

ESCRITÓRIOS TÉCNICOS REGIONAIS

1. **ETR/AJU** Escritório Técnico Regional de Aracaju - Responsável Técnico: Dr. José Prudente dos Anjos - Parque de Exposição João Cleofas - Rua Alagoas, s/n - Fone: (079) 2223699 - 49.000 - Aracaju - SE.

2. **ETR/BHZ** Escritório Técnico Regional de Belo Horizonte - Responsável Técnico: Dr. Paulo Pereira - Av. Amazonas, 314 - 10º andar - Conj. 1001 - Fone: (031) 2262242 - 30.000 - Belo Horizonte - MG.

3. **ETR/CGB** Escritório Técnico Regional de Cuiabá - Responsável Técnico: Dr. Israel Pinto Coelho - Av. Getúlio Vargas, 1160 - 3º andar - Fone: (065) 3217301 - Ramal 24 - 78.000 - Cuiabá - MT.

4. **ETR/CGR** Escritório Técnico Regional de Campo Grande - Responsável Técnico: Dr. José de Melo - Rua Almirante Barroso, 91 - Fone: (067) 6247942 - 79.100 - Campo

Grande - MS.

5. **ETR/FOR** - Escritório Técnico Regional de Fortaleza - Responsável Técnico: Dr. João Luiz da Silva - Av. Bezerra de Menezes, 1820 - Fones: (085) 2233313 ou 2235328 (Secretaria de Agricultura) - 60.000 - Fortaleza - CE.

6. **ETR/MAC** - Escritório Técnico Regional de Maceió - Responsável Técnico: Dr. Thionuco Francisco Sobrinho - Av. Siqueira Campos, 1295 - Prado - Fone: (082) 2237686 - 57.000 - Maceió - AL.

7. **ETR/RIO** - Escritório Técnico Regional do Rio de Janeiro - Responsável Técnico: Dr. Hilton Telles de Menezes - Rua México, 111 - S/701/702 - Fone: (021) 2216344 - 20.000 - Rio de Janeiro - RJ.

8. **ETR/SLZ** - Escritório Técnico Regional

de São Luiz - Responsável Técnico: Dr. Antonio Magalhães Pereira - AV. Kennedy n.º 390 - Ed. Domingos Soares - sala 107 - 65.000 - São Luiz - MA.

9. **ETR/SSA** - Escritório Técnico Regional de Salvador - Responsável Técnico: Dr. Símeão Machado Neto - Rua Dias D'Ávila, 98 - Barra - Fone: (071) 2453248 - 40.000 - Salvador - BA.

10. **ETR/THE** - Escritório Técnico Regional de Teresina - Responsável Técnico: Dr. Célio Pires Garcia - Fones: (086) 2221811, 2221812 e 2221813 - Rua João Cabral, s/n - Granja Pirajá - 64.000 - Teresina - PI.

11. **ETR/VIX** - Escritório Técnico Regional de Vitória - Responsável Técnico: Dr. Pedro Venturini - Inst. Biológico do Espírito Santo - Fazenda Santana - 29.140 - Cariacica - ES.

Ciosin*

programa de monta natural.



Sincronização de Cio e Monta Natural.

Eis a novidade!

Finalmente, já é possível o uso da técnica da sincronização de cio e Monta Natural. Cientificamente provado, o **Programa Ciosin* de Monta Natural** vem para melhorar as condições do tradicional método de reprodução de gado de corte, através da criação planejada. Simplesmente manejando o rebanho em pastagens divididas e com orientação adequada, pode-se hoje aproveitar o grande potencial de touros e além de se poder reduzir a estação de monta, aumentar, com certeza, o número de bezerros nascidos.



E tem mais! Caso interesse ao criador, pode-se agora recomendar a redução de até 50% dos touros da fazenda, sem prejuízo da fertilidade do rebanho.

O Programa Ciosin* de Monta Natural já está testado e em uso.

É extremamente fácil e pode ser indicado seja qual for o número de animais do rebanho.

Procure saber maiores detalhes através do Depto. Veterinário da ICI Brasil.

Ciosin*
Criação Planejada



Departamento
Veterinário

ICI BRASIL S.A.

Av. Euzébio Matoso, 891 - 2º andar
Tel.: (011) 212-1955 - CEP 05423 - São Paulo - S.P.



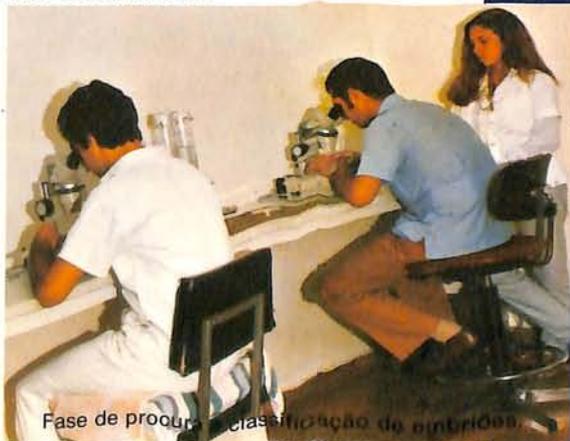
Onassis — Karvadi
P.O.I. — Inka

**Vir a Uberaba sem
visitar a fazenda São Geraldo
é como ir a Roma e
não ver o papa.**

ORGANIZAÇÃO MÁRIO DE ALMEIDA FRANCO INSTALA EM UBERABA, ARROJADO PLANO DE TRANSFERÊNCIA DE EMBRIÕES BOVINOS. UM LABORATÓRIO PRÓPRIO NA FAZENDA SÃO GERALDO.



Fase de coleta de embriões



Fase de produção e classificação de embriões



Fase de Implantação do Embrião.

Av. Leopoldino de Oliveira, 345 - Conj.
103 - Fones: (034) 332-1832 - 332-7665
e 332-1833 - Uberaba - MG.
Fazenda: 332-1833 e 332-4025

Av. Ataúfo de Paiva, 135 - Conj. 713 -
Tel.: 247-7580 - 259-5146.
Rio de Janeiro - RJ.



**AGORA TAMBÉM COM
TRANSFERÊNCIA DE EMBRIÕES.**